JOSÉ MARTINS VAZ

FILOSOFIA TRADICIONAL DOS CABINDAS



AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR

JOSÉ MARTINS VAZ
FILOSOFIA TRADICIONAL DOS CABINDAS

1635

Do Autor:

No Mundo dos Cabindas (Estudo Etnográfico).
Edit. L. I. A. M., Lisboa. 1970.

JOSÉ MARTINS VAZ
(dos Missionários do Espírito Santo)

FILOSOFIA TRADICIONAL DOS CABINDAS

através dos seus

testos de panela
provérbios
adivinhas
fábulas

II VOLUME

Ilustrou AFONSO CUNHA
Capa de JOEL SEABRA LEIRIA

AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR
LISBOA ★ MCMLXX

INTRODUÇÃO

No I Volume da *Filosofia Tradicional dos Cabindas* descrevemos os testos de panela, por nós recolhidos em terras de Cabinda e confiados ao Museu do Instituto Superior Missionário do Espírito Santo, em Carcavelos.

Neste II Volume publicaremos alguns *Provérbios, Adivinhas* e *Fábulas,* autêntica gota de água do seu oceano «folclórico» (1)...

Não tivemos em todo este trabalho — como afirmámos já na introdução ao estudo dos testos — pretenções essencialmente linguísticas quanto à escrita do fiote e à sua tradução. Escrevemo-lo como o captámos. Traduzimo-lo, por vezes, mais segundo o sentido do que segundo o rigor literal, tarefa que, por vezes, era

(1) Para melhor compreensão deste II Volume, haverá conveniência em ler a parte do *Prefácio* que Carlos Estermann fez a esse propósito e que se encontra no princípio do I Volume.

Era nossa intenção ilustrar o presente Volume apenas no início dos três temas gerais nele contidos. Dado que a disposição do texto nos ofereceu algumas páginas em branco, resolvemos preenchê-las com vinhetas, motivadas nos testos do I Volume; nos objectos etnográficos que de Cabinda trouxemos e oferecemos ao referido Museu; nas fotografias e «slides» que a amizade dos confrades de Lândana, Lucula e Cabinda nos facilitou. A tudo deu «Vida» o lápis de Joel Seabra Leiria e Afonso Cunha.

impossível e resultaria até algo confusa, dado o génio próprio da língua e a diferença de conceitos que nos separam deles. Além de que não se encontram editados, em fiote, livros científicos onde pudéssemos ter bases filológicas.

Ao longo do estudo da *Filosofia Tradicional dos Cabindas,* nem sempre dessecámos os assuntos que se iam apresentando, pois podíamos — e devíamos — dar mais elementos etnográficos para concretização dessas manifestações culturais. Mas o estudo era, de si, já longo e volumoso. Pretendia, além disso, ser apenas um *ficheiro* e pouco mais do que isso. Bailava, no mais íntimo do nosso pensamento, a ideia de, um dia, nos debruçarmos — em nova obra — sobre alguns temas especiais do viver dos cabindas dando-lhes adequado desenvolvimento. Pensamos realizar em breve mais este nosso sonho...

Por outro lado, torna-se pràticamente impossível dar todas as variantes dos *Provérbios* — aqui compilados, bem como no I Volume — das *Adivinhas e Fábulas.* É que, lá como cá, *cada terra tem seu uso...* E também não deixa de ser verdade — sobretudo lá, por não terem documentos escritos — que *quem conta um conto lhe acrescenta um ponto...*

No tocante ao seu *sentido* e suas possíveis *aplicações práticas e teóricas, limitamo-nos* a indicar os essenciais e, por vezes, os mais difíceis de *deduzir.* Essa *limitação* não pode ser considerada como interpretação *subjectiva, unilateral.* Apontamos uma interpretação, ou aplicação. Duas, quando muito. Mas não queremos, com isso, negar outras. E muitas elas são, por vezes. Nunca pensámos escrever uma *Enciclopédia* sobre os cabindas. Nunca tivemos a pretensão de abarcar e escalpelizar toda a sua cultura. Queremos deixar

alguma coisa para as novas gerações cabindas. . Tentamos suprir, em parte, esta *limitação* incluindo, no final do presente Volume, os índices ideográfico e ideológico, para os quais reportamos todos aqueles que pretendam aprofundar a cultura da etnia em questão.

Apesar de todas estas limitações — e imperfeições — estamos convencidos de ter prestado algum serviço à cultura dos cabindas; e ajuda, também, aos que, depois de nós, venham a dedicar-se a estes estudos, dado que ainda chegámos a tempo de fazer essa recolha directa — parcial, embora — através de depoimentos dos velhos cabindas, muitos deles já falecidos neste momento.

Pode acontecer que haja quem — hoje, ou amanhã — discorde do que escrevemos sobre os cabindas. Somos os primeiros a reconhecer as nossas limitações, as nossas verdadeiras imperfeições. Igual sentimento terá animado os nossos marinheiros de quinhentos, em autêntico e arriscado cometimento através do desconhecido... Mas foram os seus passos incertos, e tímidos, que permitiram aos seus vindouros fazer as maravilhas que estão à vista por todo o vasto continente africano (2).

---

(2) Apenas um exemplo: A Missão Católica de Lândana foi fundada em 1872. Todo o material empregado na construção das várias dependências missionárias — incluindo a madeira — foi importado da Europa. Mas não havia madeira por ali?! Mesmo a meia dúzia de metros do local?! Tanta, santo Deus, que ainda hoje vem de lá em quantidade e qualidade tais que enche o mercado nacional e algum internacional...

Mas para além dessa meia dúzia de metros estava o desconhecido, o inóspito... Depois faltavam os serrotes, as *traçadeiras,* os serradores... É bem verdade que «os princípios» são sempre difíceis. «Continuar»... é de todos..., diz o nosso povo. E também afirma: *«o que custa é descobrir e inventar e não o imitar...*

Também este II Volume foi revisto pelos Padres Francisco Vissers, Alberto Riehl e José Troesch. Mais ainda, muito mais profundo e importante: como mais velhos no campo do apostolado, receberam-nos como amigo e iniciaram-nos no segredo sublime de salvar almas e na tarefa árdua de perscrutar, ler e entender a vida nativa. Aqui lhe deixamos, bem manifesta, a nossa gratidão pelo muito que lhe devemos.

Tal como o I Volume, este é também fruto de longas, calmas e amigas conversas, havidas com os *velhos cabindas*, numa amizade e abertura, que a alguns causará espanto mas pelas quais conseguimos penetrar nos seus corações, normalmente reservados e nos seus arcanos, naturalmente secretos e fechados para a maioria dos estranhos à sua etnia. Por isso, a eles — e na pessoa deles, a todos os cabindas — oferecemos e confiamos mais este II Volume da sua transcendente Sabedoria Popular, que designamos por *Filosofia Tradicional* apenas porque, pessoalmente, achamos esta designação mais significativa e «honrosa» para os seus depositários.

Lisboa, 8 de Dezembro de 1966.

JOSÉ MARTINS VAZ

II

FILOSOFIA TRADICIONAL DOS CABINDAS

ATRAVÉS DOS SEUS PROVÉRBIOS

(ZI NONGO)



Nesta *segunda manifestação da Filosofia Tradicional dos Cabindas* inseriremos 569 *Provérbios*, de entre a quase infinidade que os cabindas possuem e usam como base da sua argumentação e modo normal de dissertação.

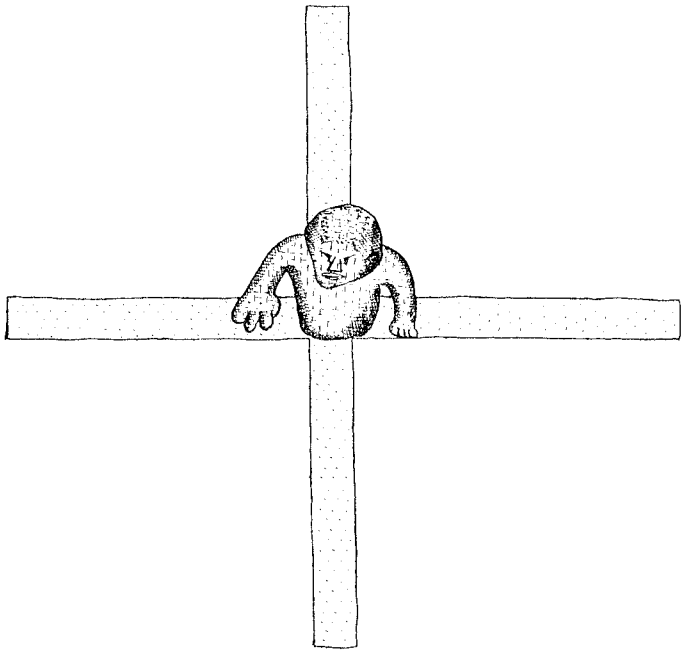
Normalmente, os assistentes completam o enunciado dos *Provérbios*, sinal evidente de atenção e interesse pelo tema versado; e também do conhecimento que deles têm, como repositório suculento da Sabedoria Popular que lhes é própria.

Colhemo-los nas conversas, reuniões familiares, tribais e judiciais que com eles tivemos, ou a que assistimos, como missionário, como amigo, ou como «juiz» dos seus pleitos.

Preferimos esta recolha «directa» ao método simplista, embora mais cómodo, da colecção propositada e algo desenraizada...

Quisemos enriquecer o nosso estudo com *Provérbios portugueses* e, para isso, procurámos dar aquele que tivesse mais *parecença* com o provérbio cabinda, dado que o *paralelismo* se torna impossível, salvo raras excepções.

No estudo sobre os testos — I Volume — descrevemos já mais de 300 *Provérbios*, diferentes dos que figuram na presente secção.



V. Provérbio 7 (pág. 17)

I

DEUS

1) Mbundu bu butu:
i eki zimbila
Nzambi Mpungu i ku vanga.

«Somos uma família:
estás a esquecer
que Deus nos fez.»

Sentido: a família deve ser unida.

Provérbio português: três irmãos, três fortalezas.

2) Nzambi kuna ku bumba,
ku au ku kaba.

«Lá onde Deus cria (o homem),
aí faz a divisão (do destino).»

Sentido e Prov. port: cada um se contente com o que Deus lhe dá.

3) Nzambi ku vondililanga kó.

«Deus não mata sempre da mesma maneira.»

Sentido: há muitas maneiras de viver, de tratar isto ou aquilo.

Prov. port.: cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

4) Li bulu li sika Nzambi:
i mi ndele i ba fiote
ku ké mangunu kó.

«Cova feita por Deus:
brancos e pretos
não a podem recusar.»

Sentido: ninguém escapa à sua sorte.

Prov. port.: o que tem de ser, não foge.

5) Mbila i tela Nzambi,
i ké mangunu kó.

«Quando Deus chama,
não há recusa possível.»

Sentido e Prov. port.: o que tem de ser, tem muita força.

6) Lu longa lu Nzambi:
lu likila ba b'onso.

«Prato de Deus:
dá comida a todos.»

Sentido: juntemo-nos, falemos tudo o que temos.

Prov. port.: fala e não estejas com gatos enfungados.

7) Nzila Nzambi:
ma issi ma vamba kó.

«Caminho de Deus:
não tem encruzilhadas.»

Sentido: o caminho do dever é só um.

Prov. port.: faz o teu dever, suceda o que suceder.

8) Mbuilu liambu:
ka sangala ntubu kó.

«O acontecimento:
não escolhe hora.»

Sentido e Prov. port.: o futuro a Deus pertence.

9) Manha li mbu:
u mvele ku podi ku li bundala kó.
Na veka tó Tata Nzambi.

«Pedra do mar:
ninguém a pode arrancar.
Só Deus.»

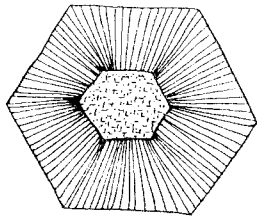
Sentido: sou de grande valor; ninguém se mete comigo.

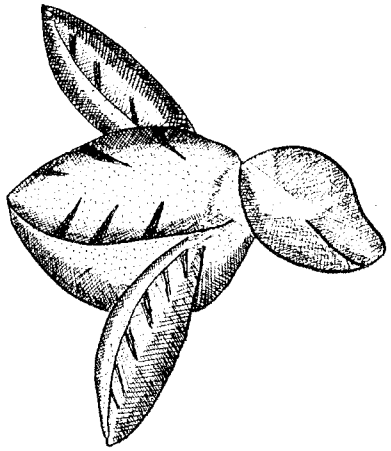
Prov. port.: nem as bruxas entram comigo.

10) Mbembu nsi:
mbembu Nzambi.

«Voz da terra:
voz de Deus.»

Sentido e Prov. port.: voz do povo, voz de Deus.





V. Provérbio 1

II

SOL, LUA, ESTRELAS

1) Ntangu i eki va mbata:
nguá-nuni i eki kuala zi sala.

«O sol chegou ao zénite:
o abutre está a estender as penas da cauda (por causa do calor).»

Sentido: estou a ver as coisas mal paradas; previno-me já enquanto é tempo.

Prov. port.: é bem aventurado quem com o perigo alheio se faz precatado.

2) Ntangu ku mbu:
ngonde i nkolo nkolo ku Mayombe.

«O sol cai no mar:
a lua já está no Maiombe.»

Nota: Fala-se no ***Maiombe,*** nos provérbios e adivinhas, para significar uma terra distante e de difícil acesso, sem caminhos transitáveis, no tempo em que lá não havia estradas.

Sentido: acabou um sofrimento, já outro está a surgir.

Prov. port.: atrás duma montanha está outra.

3) Ngonde ka podi vioka ntangu kó:
ntangu i eki sinda,
ngonde i eki sé vingana.

«A lua não pode ultrapassar o sol:
o sol vai por uma parte,
a lua por outra.»

Sentido e Prov. port.: não vá o sapateiro além do seu chinelo.

4) Ku fuila ngonde:
ku tetimina ngonde.

«A lua morreu:
a lua há-de levantar-se de novo.»

Sentido: qualquer coisa que nunca acaba.

Prov. port.: passa o vento, fica a chuva.

5) Ngonde-mona:
u monika ku mbu,
u fuila ku Mayombe.

«Lua-nova:
pode ser vista em cima do mar,
morre em cima do Maiombe.»

Sentido: as coisas inevitáveis não se podem mudar.

Prov. port.: o que não tem remédio, remediado está.

6) Mbota: nkazi ngonde.
— Ti nani u ienda ku ilu,
u mona bu au é?

«Estrela: a mulher da lua.
— Mas quem foi ver no céu,
se é bem assim?»

Sentido: todos afirmam coisas e loisas, mas quem o sabe ao certo?

Prov. port.: as palavras leva-as o vento.

7) Buá, li ilu.
— Tu é nonga zi mbota?

«Cai, ó céu.
— Para apanharmos as estrelas?»

Sentido: conformemo-nos com o que nos dão.

Prov. port.: contente-se com o seu estado quem quiser viver sossegado.

8) Buá, li ilu.
— Tu é nonga zi mbota?
Na li ilu ku mana buá,
muntu li monho ka ké i ngolo kó.

«Cai, ó céu.
— Para apanharmos as estrelas?
Mas quando o céu cair,
os homens também já não têm força.»

Sentido e Prov. port.: depois de morto, cevada ao rabo.

9) Kuna ku chielila buissi,
muene ku andi.
Kaza kuna ku kuila buissi,
ku podi mona kó.

«Como começou o dia,
ele viu.
Como acabou,
não viu.»

Sentido: testemunha que viu apenas parte do ocorrido, não pode falar; o seu depoimento não tem valor.

Prov. port.: quem não vê, não pode contar.

III

HOMEM

1.º — EM GERAL

1) Ma ké inu:
li sueka.

«O que é vosso:
vós o escondeis.»

Sentido e Prov. port.: os nossos defeitos no saco de trás; os dos outros, à frente.

2) Sukula mana m'aku,
bakana sukula ma ngana kó.
Ka fu chi mbi.

«Fala das tuas coisas,
não fales das coisas dos outros.
É mau costume.»

Sentido: trata da tua vida.

Prov. port.: quem quiser falar dos outros, olhe para si primeiro.

3) Mona muenha...
— Vanga mbote.
Muenha ka kuenda ku andi.

«Olha um estrangeiro...
— Trata-o bem.
Ele vai-se embora (passados dias).»

Nota: Um «estrangeiro» significa aqui um desconhecido qualquer.

Sentido: dependência dos outros.

Prov. port.: não há rainha sem a sua vizinha.

4) Buka au ui kuenda:
i befu siala ti siala.

«Trata primeiro aquele que vai embora:
a nós, que ficamos, trata depois.»

Sentido: primeiro cuida da tua família, depois dos outros.

Prov. port.: primeiro aos meus, depois aos alheios.

5) Minu muntu mbote,
minu assu muntu mbi.

«Eu sou bom,
mas também sou mau.»

Sentido: sou conforme me tratares.

Prov. port.: conforme é o toque, assim é a dança

6) U onso kó ui vanga munt'i andi mbote,
ku podi sutangana kó.

«Quem faz bem aos outros,
não lhe pode acontecer mal.»

Sentido e Prov. port.: quem bem faz, bem merece.

7) Vanga mbote:
n'andi mbi.

«Um benfeitor (que agora nada dá):
é um homem mau.»

Sentido: julgamos as pessoas pelos favores recebidos.

Prov. port.: quem dá, aparece-se com Deus; quem não dá, aparece-se com o diabo.

8) Mpila muntu...
N'andi, mambu m'andi mana chi bululuanga,
podi ku ma bika kó.

«Raça de homem...
Mesmo depois de castigado pelos seus crimes,
não pode deixar de os fazer.»

Sentido e Prov. port.: quem ruins manhas tem, tarde ou nunca as perde.

9) Vi tampukuila ba kula,
minu nkufi iv'ami i tampukuila ku ami vovo.

«Onde passar o alto,
eu, pequeno, também passo.»

Sentido e Prov. port.: os homens não se medem aos palmos.

10) Bi lila,
ó bissi lila ko:
ntandu ba liete.

«Chorar,
não chorar:
a planície (que devemos passar) fica na mesma.»

Sentido e Prov. port.: o que tem de ser, não foge.

11) Ndenina!...
Minu veka i iza zatazana.

«Defeca sobre mim!...
Eu já cá estava (antes de tu chegares).»

Sentido: tenho os meus direitos e deles não abdicarei.

Prov. port.: árvore velha não é fácil de arrancar.

12) Mpontanganha nsinga:
i nzonza i ala tuba i aku;
abu mé baka mambu.

«Enrolar a corda (que balouça):
assim é o homem que fala contigo;
assim nascem as questões.»

Sentido: homem que ouve aqui e conta acolá.

Prov. port.: quem leva e traz, não deixa paz.

13) Liela maka mu ilu:
ué bila li vita.

«O homem esperto sobe (a uma árvore):
para ver a luta (e não fica no chão, pois podia ser molestado).»

Sentido e Prov. port.: não metas o nariz onde não és chamado.

14) I sina ké ienda ku Mputu:
ai nzila ma bumba u ala manga?

«O rico vai a Portugal (Europa):
mas é por isso que não irá a caminho do cemitério?»

Sentido: orgulhoso que despreza os outros, mas em vão.

Prov. port.: ao deitar da sepultura somos todos iguais.

15) Ké longanga fiote, fiote:
mussoko u bá mesta nnene.

«Aprende pouco a pouco:
e serás grande mestre.»

Sentido e Prov. port.: aprende e serás mestre.

16) Molo ku bachi nsongo:
chinchita ku bá chi bungu.

«O preguiçoso aproveita qualquer incómodo:
é um intrujão que tem sempre razão.»

Nota: O preguiçoso desculpa-se com a doença quando não quer cumprir o que prometeu.

Sentido: qualquer pretexto serve, quando estamos de de má vontade.

Prov. port.: quem não quer fazer, escusas busca.

2.º — CABEÇA

1) Ntumbuluila mana ui bala,
buingi ienda ku ami.

«Fala o que pensas,
para me ir embora.»

Sentido: fala o que tens contra mim, e assim poderemos entender-nos.

Prov. port.: fala e desembucha, pois quem fala alivia.

2) Ndianganga ndofuluanga.
— Munu aku tó tubizi,
ka minu podi ami ku liá kó.

«Lambe-me (com significado ofensivo).
— Só a boca fala,
eu não posso comer.»

Sentido: criticas-me, mas tu nada fazes.

Prov. port.: muitos falam, poucos obram.

3) Itonda mbunda:
buna bi ké ku tolo.

«Agradecer com a comida:
quando está na boca.»

Sentido e Prov. port.: amigo de mesa, não é de firmeza.

4) Munu kakula nfumu andi?

«É a boca que há-de salvar o dono?»

Sentido: não é o palavriado que conta, mas sim as obras.

Prov. port.: pelas obras, não pelo vestido, é o homem conhecido.

5) Munu kakula nfumu andi:
vana mpampa bantu.

«A boca salva o seu dono:
diante de muita gente.»

Sentido: evitei castigos e injustiças contra mim, defendendo-me e não por dinheiro.

Prov. port.: a razão mata a razão e o cajado a lebre.

6) Chi ienda munu,
ku zimbilanga nzila kó.

«Quem traz consigo a boca,
não pode ignorar o caminho.»

Sentido e Prov. port.: quem tem boca, vai a Roma.

7) Ma baka munu:
i sina bu munu.

«Quem só apanhou com a boca:
só é rico de boca.»

Sentido: o que conta não são as palavras, mas as acções.

Prov. port.: palavras sem obras são tiros sem balas.

8) Abu li zika:
bika toka ntu i munu
buingi li tubila.

«No momento de me enterrares:
deixa-me ficar de fora a cabeça e a boca
para poder falar.»

Sentido: deixa-me falar antes de me condenares.

Prov. port.: o enforcado tem três dias.

9) Manha li ntu muntu i li andi:
i kúanga mambu na nkamba Tata Nzambi,
i m'au i salila.

«Cada qual com a sua cabeça:
eu ouço o que Deus diz,
e cumpro-o.»

Sentido: cada um com seu coração.

Prov. port.: cento de um ventre, cada um de sua mente.

10) Manga mena:
menu.

«O valor da boca:
os dentes.»

Sentido: o valor da família está no conjunto de todos os seus membros.

Prov. port.: três irmãos, três fortalezas.

11) Chi si i menu kó
mé bukutila nkandi.
Lu seva ku inu,
benu bu ké i menu.

«Não tenho dentes
para comer coconote.
Estais a rir,
porque tendes dentes.»

Sentido: zombar das misérias alheias.

Prov. port.: não te rias do mal do vizinho, que o teu vem a caminho.

12) Ngeie u bela menu:
bonsi i nuanina nkandi aú mpechi?

«Tens dores de dentes:
queres mastigar coconote seco?»

Sentido e Prov. port.: aquele que quer ser mais do que é, nem o que é chega a ser.

13) Lienu li ndundu:
mpungi.

«O dente de um albino:
(chama-se) dente de elefante.»

Nota: Os albinos são considerados, entre os cabindas, como seres especiais, quase como dons celestes dados aos homens pelos antepassados. Daí dizer-se que os seus dentes são de valor, semelhantes aos do elefante.

Sentido: estimar as coisas dignas de respeito.

Prov. port.: quem foi rei, sempre tem majestade.

14) Menu:
ma mpungi.
Minu nfumu.

«Os meus dentes:
(são) dentes de elefante.
Sou chefe.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

15) Va botuka lienu:
lu laka kuendanga.

«Onde saiu o dente:
a língua sempre vai.»

Sentido: saiu a mulher de casa, o homem pensa sempre nela.

Prov. port.: cada vaso transpira o que dentro arrecada.

16) Liessu liá tu monanga,
liá tu tobuka.

«A vista que vê,
essa mesma fica furada.»

Sentido: o que queremos de verdade, sempre o alcançamos.

Prov. port.: quem porfia, mata caça.

17) Dochi messu:
n'andi nkuluntu mona.

«Fecha os olhos:
o velho já viu.»

Sentido: os velhos é que sabem...

Prov. port.: idade e experiência, valem mais que adolescência.

18) Liessu li muene tongo:
ku buala maiaka ma nkatu.

«A vista viu o conduto:
em casa só encontrará mandioca.»

Sentido: o homem que está habituado a relações completas, não se contenta com simples devaneios.

Prov. port.: avezou-se a velha ao mel, comer-se quer.

19) I bofo chi bondameze muamba:
ibila koko u mvene ku andi.

«O queixo ficou molhado com muamba:
é porque a mão lha deu.»

Nota: O principal condimento usado pelos cabindas é o óleo de palma, extraído da palmeira a que se dá o nome de palmeira de azeite, ou elais guiennensis. Coze-se o dendém; pisa-se no pilão; mistura-se-lhe água; tiram-se os caroços e as fibras maiores; coa-se o líquido oleoso que fica. É o molho onde se irá cozinhar, por exemplo, a galinha. Daí chamar-se o petisco: *muamba de galinha.*

Sentido: o homem fez mal? Sinal que o seu coração não presta.

Prov. port.: pelas obras, não pelo vestido, é o homem conhecido.

20) Li yilu:
bonsi ku kulili,
podi ku vioka i bofo kó.

«O nariz:
por maior que seja,
nunca ultrapassará o queixo.»

Sentido: não pretendas mandar mais do que os chefes.

Prov. port.: não vá o sapateiro além da sua chinela.

21) Mungu ntete viokeze:
mungu li yilu, ma koba.

«O homem com o cesto passou:
o homem (que vai só) com o nariz, apanha pancada.»

Nota: No cesto ia o roubo; ninguém desconfiou; o ladrão nada sofreu. Passou, a seguir, outro homem; desconfiaram dele e foi castigado como se tivesse roubado.

Sentido e Prov. port.: paga o justo pelo pecador.

22) U botula nlenge:
nlenge podi mana kó.

«Tira o cabelo:
o cabelo nunca acaba.»

Sentido: um malandrim nunca pode mudar os seus maus costumes.

Prov. port.: o que o berço dá, a tumba o leva.

23) Abu mi bululua:
nlenge bu mene kó.

«Quando cortarem o cabelo:
o cabelo não acaba.»

Sentido: o malvado, depois de castigado, nunca mais tornará a ser mau?

Prov. port.: gastar cera com ruim defunto.

24) Nhenze u sana nlenge:
nkazi abu ku lambizi.

«Alegria em pentear o cabelo:
a mulher está a cozinhar.»

Sentido: estamos contentes quando tudo nos corre bem.

Prov. port: o mal e o bem ao rosto vem.

25) Ma yedo ma viá,
ti: koka mpuku?

«As tuas barbas estão a arder,
e ainda perguntas: quem está a assar o rato?»

Sentido: és culpado e finges nada saber...

Prov. port.: feito de vilão: atirar a pedra e esconder a mão.

26) Sumbissia mbulu:
li kosse chi si vuandi nchinza kó.

«Vender a testa:
a nuca não se interessa com isso.»

Sentido: grande egoísmo que reverte em nosso prejuízo.

Prov. port.: quem o seu descuida, o diabo lho leva.

27) Kutu ku mueka ku ami:
matu vé.

«Só tenho um ouvido:
não tenho muitos.»

Sentido: só dou ouvidos ao que me diz respeito.

Prov. port.: ao mal da rua fecha-se-lhe a porta.

28) Ndianga ndofuluanga.
— Su ké i matu;
minu i sé lok'ami muntu kó.

«Lambe-me (com significado ofensivo).
— A cara tem ouvidos;
eu não comi ninguém.»

Sentido: podes insultar-me à vontade. Estou inocente.

Prov. port.: quem não deve, não teme.

29) Mambu ma ké vi idongo muntu,
ku podi zaba kó.
Monti ma bassikizi va munu tó.

«As questões que estão na garganta do homem,
não se podem conhecer.
Só quando elas passam à boca.»

Sentido: cuidado com as palavras.

Prov. port.: pela boca morre o peixe e a lebre ao dente.

3.º — CORAÇÃO

1) Mpunha u kambua ntima:
kaza muntu lu monho ké i ntim'andi.

«O salteador não tem coração:
o homem tem.»

Nota: É o resumo da fábula n.º 20: o pai não sabia dar o nome ao coração do homem que matara porque era mau. O filho sabia porque era inocente.

Sentido: há pessoas embrenhadas no vício, que já não sabem o que é bem.

Prov. port.: homem que com sua honra não sonha, vem-lhe de ter pouca vergonha.

2) Befu bantu ntima iesse viakenanga:
i ntim'itu befu bantu ké dede kó.

«Todos temos coração:
mas o coração dos homens não é igual.»

Sentido: não basta ser de boas famílias para ser bom; nem de más para ser mau. As obras é que dirão se somos bons ou maus.

Prov. port.: obras desmentem sinais.

3) Ntima viakene:
i ké muntu mbote,
i ké muntu mbi.

«Há corações:
o do homem bom,
o do homem mau.»

Sentido: cada qual tem o seu feitio, que não pode mudar.

Prov. port.: cada qual é como Deus o fez.

4) Minu i ntim'ami
ui buka monho.

«O meu coração
bate muito.»

Sentido: sentimos que estão a falar de nós.

Prov. port.: quem está ausente, não há mal que não tenha e não tema.

5) Mé buka monho:
nani mué ku tanguna?

«O coração está a bater muito:
quem está a falar mal de mim?»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

6) Mambu ma ké va ntima muntu,
ku ma zaba kó.
Kaza mana ma bassikissa vi idongo,
ma zabanga ké bantu.

«O que está no coração do homem,
não se pode saber.
Mas o que passou à garganta,
é conhecido por todos.»

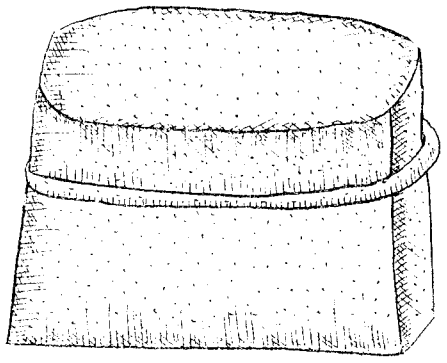
Sentido e Prov. port.: pela língua morre o peixe.

7) Mambu ma ké va ntima ngana,
ka podi ku ma tessia kó.
Monti na bakizi m'au mambu m'andi,
na veka tó li tumbila m'au, ku nsi andi ntima.

«O que está no coração do outro,
não o podemos adivinhar.
Só depois de ele falar as suas coisas,
é que podemos saber o que está no seu coração.»

Sentido: por muito falar, perdemos às vezes.

Prov. port.: pela língua morre o peixe.



V. Testo n.° 99

4.º — BRAÇOS

1) Li kanda li koko:
mvika liessu li tufi.

«A palma da mão:
é escrava do ânus.»

Sentido: o chefe tem de tratar todos os assuntos, mesmo os mais insignificantes.

Prov. port.: todos os riachos vão dar ao mar.

2) Li kanda li koko:
mvika i su.

«A palma da mão:
é escrava da cara.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

3) Li kanda li koko:
mvika i ntu.

«Palma da mão:
é escrava da cabeça.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio n.º 1.

4) Li kanda li koko:
mvika nfumu andi.

«A palma da mão:
é escrava do dono.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio n.º 1.

5) Li kanda li koko li yoba:
sakalila i mbene.

«A palma da mão de um demente:
pede favores ao inimigo.»

Sentido: quem pede favores ao inimigo está a perder o seu tempo.

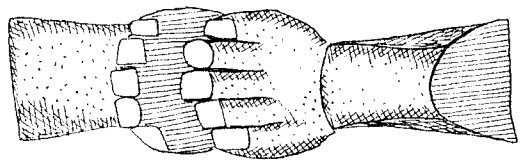
Prov. port.: Deus nos livre de quem mal nos quer.

6) Bula ma kuku:
li onso kó i tuba nfumu ami
fuene bula ma kuku.

«Respeitar batendo palmas:
a tudo o que disser o meu dono
é preciso aprovar batendo palmas.»

Sentido: respeitar a autoridade.

Prov. port.: a cãs honradas não há portas fechadas.



V. Provérbio 6

5.º — PERNAS

1) Kuni i ala kuenda,
podi ku zaba kó.

«Onde hás-de chegar,
não se pode saber.»

Sentido e Prov. port.: o futuro a Deus pertence.

2) Konsi i kuenda,
i kuenda.

«Onde vais,
vais.»

Sentido: para onde fores, sempre hás-de encontrar dificuldades.

Prov. port.: na vida os prazeres são aos quilos e os pesares às arrobas.

3) Tumbu li buili on'u tueme.
Minu i siela mbussa.
Ngeie tuema, mé buá;
minu mé lubuka.

«Quem andou à frente caiu no buraco.
Eu andei atrás.
Tu andaste à frente e caíste;
eu já fiquei esperto.»

Sentido: aprender com as quedas dos outros.

Prov. port.: aprende na cabeça alheia antes que os outros venham aprender na tua.

4) Nkangulu u buaka:
mvimba ui vonda liela.

«Andar junto com outro;
cada um vence a esperteza (do outro).»

Sentido: há sempre maus no meio dos bons.

Prov. port.: no meio do rebanho há sempre uma ovelha ranhosa.

5) Nkangulu u buaka:
bifú u zabana.

«Os que andam juntos:
sabem os costumes (um do outro).»

Sentido: antes de casar, estuda o íntimo do teu consorte.

Prov. port.: antes que cases, olha o que fazes, que não é nó que desates.

6) U ku landagana ku mbussa,
ku m'bumina u kode
buingi ku zaba ti muntu kuenda i aku.

«Quem anda atrás de ti,
pisa-te o calcanhar
para saberes que alguém anda contigo.»

Sentido: alguém criticou o seu amigo. Depois queixa-se que já sabem...

Prov. port.: pedra e palavra uma vez saída, nunca mais se recolhe.

7) I tambi chi kulu:
monti ku fuili kó,
ku podi zaba kó konsi li kuenda.

«Pé:
enquanto está vivo,
não se pode saber onde irá.»

Sentido e Prov. port.: o futuro a Deus pertence.

8) I tambi malu mu mazi?
Bakana u tambi kó.

«Sinal do pé na água?
Não fica marcado.»

Sentido: é impossível o que dizes.

Prov. port.: vai meter essa a outro...

9) Liata ntumbu nsonha...
— Minu liete, chi si dassuka kó.

«Pisei o capim...
— Eu, capim, que fui pisado, não estou zangado.»

Sentido: sofro injustiças e ainda tenho de me calar.

Prov. port.: se me sujas a água, vou lá que te papo.

10) I tambi liatila ntoto:
buingi i chinzika li mvimba.

«O pé pisa a terra:
para dar honra a todo o corpo.»

Sentido: não desprezes ninguém, mesmo que te pareça de pouco valor.

Prov. port.: pequeno machado derruba grande sobreiro.

11) Chiala nganda nonunanga malu
ku kuenda ntangu:
chi lamba vé.

«O miserável estende as pernas
para onde vai o sol:
não tem que cozinhar.»

Sentido e Prov. port.: quem não tem ninguém, não é ninguém.

12) Mvumbi i mang'u kuela:
lambulanga malu mu nzila.

«Morto que não esteve casado:
estende as pernas no caminho.»

Sentido e Prov. port.: quem não tem marido, não tem amigo.

13) Nkuanga kulu tu bindikila i nzó.
— Nti tó.

«Corta a perna para fecharmos a casa...
— Só o pau a fecha.»

Sentido: és exigente de mais.

Prov. port.: a carga bem se leva, a sobrecarga provoca a queda.

14) U tina mvula viá ntinu:
keba ki nkuanguka malu.

«Fugir com pressa da chuva torrencial:
cuidado, senão partes as pernas.»

Sentido: nunca te excedas, mesmo que estejas em aflição.

Prov. port.: devagar se vai ao longe.

15) Li kungulu li ngana,
ku sietila nsinga kó.

«Em cima do joelho do outro,
não se pode fazer corda.»

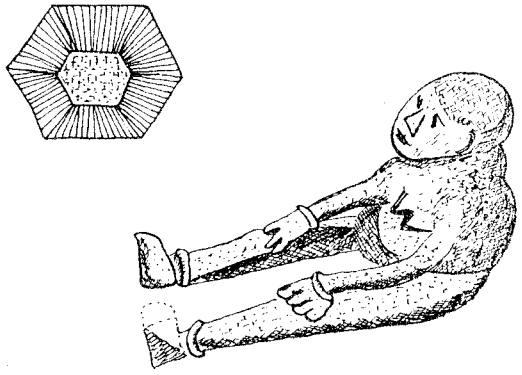
Sentido e Prov. port.: não há coisa mais feia, que alguém meter-se na vida alheia.

16) Nkazi li bamba:
ma kungulu tanta.

«A mulher de outra família:
tem dor nos joelhos.»

Sentido: a mulher, que pede justiça, nada consegue se a outra parte é da família do chefe.

Prov. port.: onde vai a inclinação, aí vai a sentença.



V. Provérbio 11

6.º — RESTOS DO CORPO

1) Nkazi li bamba:
mataku mu bobo.

«A mulher de outra família:
as suas nádegas ficam cansadas em vão.»

Nota: O chefe, em questões que vão ao tribunal, resolve sempre a favor dos seus parentes.

Sentido e Prov. port.: onde vai a inclinação, aí vai a sentença.

2) Mokissia mvumbi:
mataku mu bobo.

«Velar o morto:
as nádegas ficam cansadas em vão» (pois já nada nos pode dar).

Sentido: fazer um serviço de que se não tira proveito.

Prov. port.: trabalhar para aquecer.

3) Minu chi si taku kó
li fuana nkuala.

«Não tenho nádegas
para encher a esteira.»

Sentido: isto é de mais para as forças que tenho.

Prov. port.: o demasiado rompe o saco.

4) Ma bene muali:
ma iemika muana,
ma iukutila muana.

«Dois peitos:
amamentam a criança,
sustentam a criança.»

Sentido: pai e mãe devem educar os filhos, e não apenas um deles.

Prov. port.: grandes responsabilidades precisam partilha.

5) Ma bene muali:
ma iemika muana,
ma iukutila muana.
Li bene li mueka:
li podi kuemika kó.

«Dois peitos:
amamentam a criança,
sustentam a criança.
Um peito:
não amamenta.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

6) Tukula tu mbussa:
vindiziana.

«Pôr túcula nas costas:
sinal que se esfregaram recìprocamente.»

Nota: Tacula, túcula, Pterocarpus tinctorius, é uma árvore muito frequente na floresta de Cabinda. Friccionando dois pedaços da sua madeira, onde se entremeou areia e óleo de palma, consegue-se uma substância de cor avermelhada, usada com fins terapêuticos, religiosos e em cerimónias tradicionais.

Sentido: a família ajuda-se mùtuamente.

Prov. port.: lá me leve Deus onde estão os meus.

7) Kunguna ku mbussa:
minu veka chi podi chi kunguna kó.

«Esfregar as costas:
eu sòzinho não posso esfregar-me.»

Sentido: para o assunto que tenho entre mãos, preciso do auxílio dos outros.

Prov. port.: uma mão lava a outra, e ambas o rosto.

8) Ngeie ui bela mu i vumu,
ui nuanina mbindiku.

«Quem tem dor de intestinos,
toda a noite luta com a retranca (da casa).»

Sentido: quem tem problemas na vida, não tem sossego.

Prov. port.: ao que mal vive, o medo o persegue.

9) Botula olio ké mu nhitu aku.
Moti kani li ngana,
u eki lossuka.

«Tira primeiro o que tens no teu corpo.
Quanto ao que está no corpo do outro,
só depois vais publicá-lo.»

Sentido e Prov. port.: não vemos a trave nos nossos olhos mas vemos o argueiro nos do vizinho.

10) Bika ku botula olio i ké mu nhitu ngana.
Botula tó olio ké mu nhitu aku.

«Não tires o que está no corpo do outro.
Tira só o que está no teu corpo.»

Sentido: não condenes os outros; olha para ti primeiro.

Prov. port.: olha para ti e fica-te por aí.

11) U tendekela mpassi bi lengia:
va bé bantu, va vingana bantu.

«Gritas para que os sofrimentos aliviem:
onde houve gente, sempre haverá gente.»

Sentido: para quê lamentares as misérias que vês? Foi sempre assim, sempre assim será.

Prov. port.: em cada parte, há pedaços de mau caminho.

12) Lembangana, minu i kobila vau.
— Kaza chi si mana mvindu kó.

«Sai daqui, deixa-me tomar banho.
— Mas eu mesmo estou sujo (ainda não acabei de tomar banho).»

Sentido: esperar pela sua vez.

Prov. port.: demos tempo ao tempo, que atrás de tempo, tempo vem.

7.º — VESTIDO

1) I tinha chi li lembe li nlele...
— Buna mbakili, buá fuanukini ku vuikila.
Vuatila bobo u kuluka monho:
Nzambi ku muene bobo.

«Tenho só um pedacinho de pano...
— Toma assim e veste-o.
Veste-o assim e tem paciência:
Deus assim o quer.»

Sentido e Prov. port.: não há carne, comem-se os ossos.

2) Nlele nnene i vila mbazu!...
— I tende chi podi kambu kó.

«Pano grande ficou queimado!...
— Sempre ficará um resto.»

Sentido: as coisas nunca estão tão más como se julga.

Prov. port.: não é tão bravo o leão como o pintam.

3) Londa nlele...
— Ma bulu m'aku ui buela.

«Cobre os buracos do pano...
— Os buracos estão a aumentar.»

Sentido: não vale a pena estar a gastar dinheiro em tribunais para trazeres a tua mulher para casa. Ela está sempre a fugir para casa da sua família.

Prov. port.: gastar cera com ruim defunto.

4) Ma vanguinina bobo, ba kulu ba bika:
ti i lumbu china vueta nlele mbote,
ku podi dengana nchientu ndumba kó.

«É já assim desde o tempo dos velhos:
no dia em que tens vestido novo,
não encontras prostituta.»

Sentido: má sorte...

Prov. port.: dia em que me não enfeitei, veio a casa quem eu não cuidei.

5) Abu i vuata nlele mbote,
chi si mona kó i nkuekeze.
Abu i lumbu achi mi vuata ma lembe,
buá mé dengana li nkuekeze.

«Quando estou bem vestido,
não encontro a sogra.
Hoje estou mal vestido,
encontro-a.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

6) Nlele nkuekeze:
kete ui nokuna i mvula,
u aku chi podi nanguna kó,
ni simba;
ibila china.

«Pano de sogra:
mesmo que esteja a chover,
não o podes apanhar,
ou tocar;
é tabu...»

Nota: Por várias interdições existentes entre os cabindas se conclui que, também por lá, a sogra não goza de muita estima...

Sentido: mesmo que tenha vontade de fazer isto ou aquilo, não o posso fazer porque é proibido.

Prov. port.: se não convém, não faças; se não é verdade, não digas.

7) Nlele nkuekeze mu nzila:
u nanguna, nkanu;
u bika, nkanu.

«Pano de sogra no caminho:
se o levantas, tens questão;
se o deixas ficar, tens questão.»

Sentido e Prov. port.: sogras, nem de barro à porta.

8) Tá chi nkutu:
tula mbotau.

«Fizeste a camisa:
põe também os botões.»

Sentido e Prov. port.: começar é de muitos, acabar é de poucos.

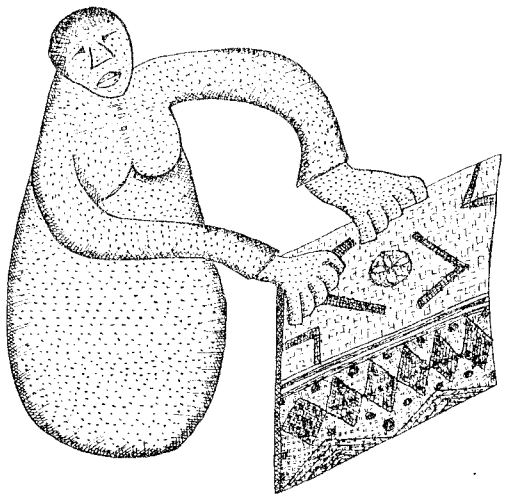
9) Lu nguenu:
u onso kó nlele chitukila ku andi,
muá chi balukuila matona.

«Camaleão:
imita qualquer pano,
imita até os seus desenhos.»

Sentido geral e Prov. port.: mudas como o vento.

Sentido especial: mulher que aproveita qualquer homem, é sinal que não presta.

Prov. port.: mulher que a dois ama, ambos nega.



V. Provérbio 9

8.º — VELHOS

1) Li bulu li sika i mua-muana:
nkuluntu tibuka muna,
i ku tampuka kó;
i mua-muana chi tibuka muna,
ku tampuka.

«A cova que foi aberta pela criança:
o velho cai dentro,
não sabe sair;
a criança cai,
e sai.»

Sentido: os novos não devem desprezar os velhos, mas devem aprender com eles.

Prov. port.: aos tropeções é que se aprende.

2) Buna ba bá...

«Sim... antigamente...»

Sentido: falas sempre de antigamente; mas agora que fazes?

Prov. port.: pelas obras, e não pelo vestido, é o homem conhecido.

3) Minu chi podi sana nlenge kó:
ka minu mé kuela ku ami.

«Já não posso pentear o cabelo:
já sou velho.»

Sentido: os novos ligam a tudo o que é vaidade; os velhos nem pensam nisso.

Prov. port.: quem andou, já não tem para andar.

4) Ba zola nkulu...
— Abu ku ma fuá.

«Lembrai-vos dos antigos...
— Sim, depois da (sua) morte.»

Sentido: se alguém se vangloria dos seus feitos, os outros respondem-lhe: quando morreres acreditamos...

Prov. port.: quem quiser ser bom, que se morra.

5) Nkuluntu liá munga:
kaza ku tunda munga kó.

«O velho come chicuanga:
não descasca a chicuanga.»

Nota: «Chicuanga» é uma espécie de pão em feitio de «cacete», feito de mandioca fermentada e cozida, envolto em folhas de bananeira.

Sentido: não te metas onde não és chamado.

Prov. port.: não há coisa mais feia, que mandar em casa alheia.

6) Nkakata iala
bi dukulila sodo buala b'onso.

«Os velhos são a lixeira
onde todo o povo vai deitando a imundície.»

Sentido: o chefe tem de ouvir e atender a todos.

Prov. port.: quem aceita governar, por todos tem de olhar.

9.º — CHEFES

1) Ngeie tomba chi nfumu:
mpassi zi aku ui tomba.

«Andas à procura de um lugar de mando:
andas à procura de sofrimento.»

Sentido e Prov. port.: rei se nomeie quem não teme.

2) Ma nkaka ka podi tuba liambu kó,
monsi na veka nkuluntu ku tubizi kó.

«O carrasco nada pode dizer,
sem o chefe dar ordem para isso.»

Sentido: não te zangues com quem não tem culpa...

Prov. port.: quem é mensageiro não merece pancadas.

3) Vana i kanda:
monti chi si nfumu kó,
li kanda ka podi sikila mpungi kó,
ni ngonge, ni kula.

«Onde está a família:
quando não está o chefe,
ela não pode tocar os dentes de elefante,
nem sino, nem tambor.»

Nota: São os sinais da autoridade, como explicámos no testo n.º 186.

Sentido: quem manda é o chefe.

Prov. port.: mande bem, mande mal, mande um só.

4) Li tuba i nfumu lia li chinzama:
ibila mvika na kúa ni tuba i nfumu,
mvika fuanukini u fukama
ié ka bula ma kuku ma tatu.

«O que fala o chefe é que conta:
o escravo ouve sem falar,
deve ajoelhar-se
e bater três vezes as palmas.»

Nota: É assim que os cabindas fazem diante do chefe; é assim que a esposa faz quando se apresenta ao marido.

Sentido: o chefe manda; devemos obedecer.

Prov. port.: manda quem pode, obedece quem deve.

5) Ntomba li ilu:
ngeie liambu li kuka
buingi baka ku tu vungia.

«Procuras o alto (lugar):
com a intenção
de nos enganar.»

Sentido: falas a nosso gosto para nos enganares com vãs promessas.

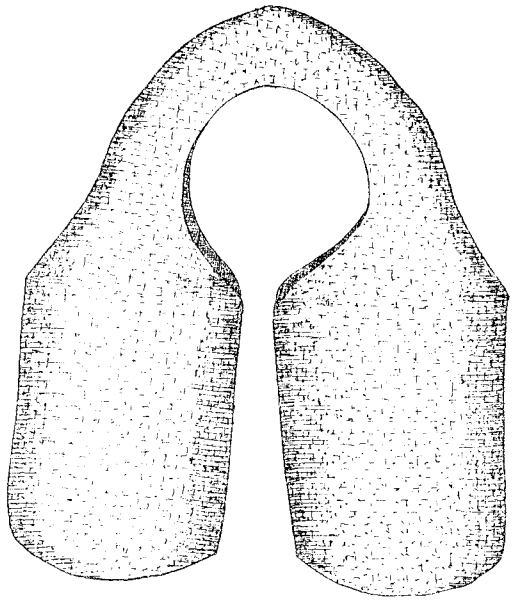
Prov. port.: as palavras boas são, assim fosse o coração.

6) Muntu u mueka:
vanga buala.

«Um homem (o chefe):
faz um povo.»

Sentido: a autoridade é necessária.

Prov. port.: tudo é vento se não há rei ou prior em convento.



V. Texto n.º 16 e Provérbio 3

10.º — CASADOS

1) Makuela mu ntinha chi lueze:
m'issi makuela kó.

«Casamento dum pedaço de tabaco:
não é casamento.»

Nota: Entre os cabindas há o costume do dote, ou alambamento, dado pela família do noivo à da noiva. É um dos «vínculos» do casamento, no sentido de os esposos se não separarem fàcilmente. É que com a separação surge logo a questão da devolução do dote recebido, no todo ou em parte, conforme os casos.

Quando o dote não foi dado é mais fácil a separação. É como que um casamento sem «garantias».

Sentido: coisa desprezível.

Prov. port.: é bom, mas não sabe a nada.

2) Makuela ma kuika:
na ngeie, nchientu, kuela ku aku.

«Casamento forçado:
tu, mulher, escolhe.»

Sentido: ninguém pode ser obrigado a fazer uma coisa que não quer.

Prov. port.: a liberdade Deus a amou.

3) Vuna una fuili.
kaza nkazi aku i monho,
podi vungia kó.

«Mente aos que já morreram.
Mas à tua esposa,
não podes enganar.»

Sentido: não tenho os olhos tapados...

Prov. port.: a mim não me fazes o ninho atrás da orelha.

4) Mé mbizi ké china
u liá nchientu:
ibila bili-vumu
bi ienda ké nfumu nsi.

«(Há) uma qualidade de carne proibida
para a mulher comer:
porque os intestinos desse animal
são para o chefe (comer).»

Sentido: o superior não está sujeito à lei que promulga.

Prov. port.: lá vão as leis onde vós, rei, quereis.

5) Ukuela:
konsi i kuenda ba zabizi
li nkazi ngana kuela;
u ala vutuka.
Kaza bakala kangala:
ukueli kó.

«A mulher casada:
em toda a parte é conhecida
como ligada ao matrimónio;
ela há-de voltar.
Mas o marido pode passear...:
ele não casou.»

Sentido: os desvarios do homem não são notados; os da mulher são castigados.

Prov. port.: à mulher casada, seu marido lhe basta. Aos homens nada fica mal.

6) Nkazi nkomb'ami:
nkazi ami.
— Kuela ku aku, ngeic veka.

« A esposa de meu irmão:
também é minha.
— Casa tu mesmo...»

Nota: Um irmão diz: meu irmão casou; já não tenho necessidade de me casar, pois já tenho cozinheira. Resposta do irmão casado: casa e governa-te...

Sentido: cada um conte com aquilo que tem.

Prov. port.: olhar para a noiva não mata a sede.

7) Bika vanga ioko:
buingi mpala i aku
ka lala ku andi tolo.

«Não faças barulho:
para que a (minha) segunda mulher
possa dormir (diz o marido para a legítima esposa).»

Sentido: não te exaltes para termos paz.

Prov. port.: não acordes a má sorte quando ela está dormindo.

8) Nomba mvula:
u vanga u bika muana mpala mu ntandu.

«Nuvens carregadas de chuva:
fizeram com que o filho da segunda mulher ficasse na planície.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

9) Chi lili ndumba.

«Dar de comer a uma meretriz» (sem a usar, é gastar dinheiro sem proveito).

Sentido e Prov. port.: não é uns terem a fama e outros o proveito.

10) Lu suali ba kuba ndai
lu podi tanta kó:
ibila luzolu lu ntima
lu podi nkuanga kó.

«O chicote com que (a meretriz) está a bater o amigo
não dói:
porque o amor do coração
não é tirado.»

Sentido: quando se ama não se sofre.

Prov. port.: sarna que é de gosto, não morde.

11) Mazi mi mbassa mi teka ndumba,
mu mé vola mun'i mbassa:
ma podi mana mpuila kó.

«Água na cabaça que a meretriz foi buscar,
fica mais fresca:
mas a água não tira a sede.»

Sentido: o homem nunca está satisfeito só com a legítima esposa.

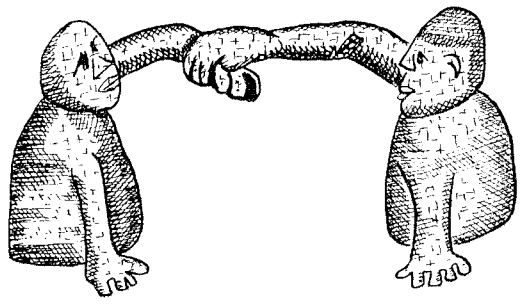
Prov. port.: pão proibido abre o apetite.

12) Ndumba ba tunguila nzó,
i mana bola:
i lunzi chi mbi chi ké i andi.

«A casa que fizeram para a meretriz,
já apodreceu:
sinal que tem mau interior.»

Sentido: sofres por tua culpa.

Prov. port.: quem não tem juízo, o corpo lho paga.



V. Testo n.º 35

11.º — PAIS, FILHOS, FAMÍLIA

1) Tata, tala ntandu.
— N'lembikana ngeie;
i sili va ma vembo
ké ngeie ma mona.

«Pai, olha além a planície...
— Cala-te...;
eu coloquei-te nos (meus) ombros
para poderes ver a planície.»

Nota: Antigamente os povos de Cabinda tinham a sua bandeira. Uma delas, que ainda vimos, tinha pintado um homem com uma criança aos ombros.

Quando ela fosse mandada a outro povo, era um grande insulto que se lhe fazia, pois queria significar-se que aquele povo era como uma criança que vivia à custa do homem, que a tinha aos ombros. O seu envio era tido como a maior ofensa e, devido a isso, começava a guerra entre os dois povos.

Outro sinal de guerra: tocar o tambor que no cimo tinha essa mesma figura do homem e da criança. O seu toque era o convite para a guerra.

Sentido: desprezo.

Prov. port.: coitados dos cordeiros, quando os lobos querem ter razão.

2) Tata, tala mi kono.
— Benu b'onso vi vembo li ami lu kele.

«Pai, olha a planície mi kono (do Malembo).
— Vós todos estais sentados nos meus ombros.»

Sentido e Prov. port.: não vá o sapateiro além do seu chinelo.

3) Telimina vovo:
nata minu tat'aku vi vembo.
Vana ntete minu i nata va ntu.

«Espera aí:
leva-me aos ombros, que sou teu pai.
Antigamente eu te levei à cabeça.»

Sentido e Prov. port.: amor com amor se paga.

4) Tata lele:
minu i kaba malafu.
— A, vana u kuiza kotuka tata,
u ekissa kaba nlangu?

«O pai está a dormir:
eu vou oferecer o vinho de palma.
— Então, depois de o pai acordar,
ele há-de oferecer a água?»

Nota: Entre os cabindas, são os mais velhos que distribuem o vinho de palma. O filho queria encarregar-se disso.

Sentido e Prov. port.: quem te manda a ti, sapateiro, tocar rabecão?

5) Muana ku zanga:
vana kulu li tat'andi.

«O filho está contente:
no joelho do pai.»

Sentido: só onde temos família é que somos bem tratados.

Prov. port.: onde te conhecem, lugar te fazem.

6) Nzemba ba natina muana:
muana ku iela nata tat'andi.

«O pano leva a criança:
a criança há-de levar o pai (quando ele for velho).»

Nota: É costume, entre os cabindas, levar os filhos à ilharga, envolvidos por uma facha de pano. Mais tarde, eles cuidarão dos pais, quando idosos.

Sentido e Prov. port.: quem faz bem, por bem espera.

7) Muana u buta mama,
muna nlele.
— Telimina:
ka u ala lel'u au bu bote.

«A criança que a mãe deu à luz,
já está embrulhada em panos (sem os ter ganho).
— Espera:
também ela, por sua vez, há-de embalar os pais (um dia).»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

8) Muana Moyo ku minga...
— Liá ku lili.

«A criança (chamada) Moyo está bonita...
— Já comeu.»

Sentido e Prov. port.: quando se come, não se envelhece.

9) Va vatila nguli i muana:
va kala nlilu kó.

«Onde mãe e filha fizeram juntas o campo:
não há limites.»

Sentido e Prov. port.: entre parentes não se cortam as unhas rentes.

10) Bana ba nguli:
bi mana buinu.

«Filhos da mesma mãe:
andam sempre a lutar.»

Nota: Vide adivinha n.º 8 sobre «corpo humano».

Sentido e Prov. port.: ira de irmãos, ira do diabo.

11) Lila va kati ku ntandu,
muan'i leze kutika nsende:
ba ti vu bulila muan'i leze ui tomba.

«Comeram no meio da planície,
e mandaram o filho deitar fora as espinhas:
queriam ter motivo para bater o filho.»

Sentido: arranjar pretexto para vingança ou castigo.

Prov. port.: quem quer dar, pau acha.

12) Muntu u mvele ka podi kuela komb'andi kó.
bu au bi tangunuina:
nsassulu luandu li bola mu lu vukulu.

«Ninguém pode casar com sua irmã.
Por isso dizem:
a esteira ficou podre na varanda.»

Nota: Vide Adivinha n.º 3 sobre «diversas coisas».

Sentido e Prov. port.: estão verdes, não prestam.

13) Chin'i butili.

«Aquele mesmo que tu deste à luz.»

Nota: Estavam a fazer distinção entre os filhos; um era estimado, outro não.

Sentido: para tudo é preciso ter sorte.

Prov. port.: uns são filhos, outros são enteados.

14) Mama ku sé bé buka mpassi kó,
ina minu i mé butulua.

«Minha mãe não sofreu,
quando eu nasci.»

Sentido: amor de mãe.

Prov. port.: amor há só um: o amor de Mãe.

15) Ngeie kambua li nguli?
Kuema li nkaka.

«Falta-te a mãe?
A avó é que te amamenta.»

Sentido: o meu casamento não foi o que esperava. Tenho de procurar outras mulheres.

Prov. port.: pão de padeira, uma vez por semana, até sabe melhor.

16) Sita chi muntu vala nkoko.
Nani li kúa i au?

«A mulher estéril faz um tambor nkoko.
Quem o vai ouvir?» (Não tem filhos).

Nota: No testo n.º 57 explicámos para que serve este tambor.

Sentido: não tenho filhos; para quê cansar-me?

Prov. port.: quem quer, que ande.

17) Sakilila
ké mama siala.

«Pedir favores
à tia.»

Sentido: temos direitos e ainda temos de pedir por favor.

Prov. port.: nem mesmo o que vai para a boca está seguro.

18) Ma vamba ma nzila:
muntu ui vassa ma kanda.

«Cruzamentos (dos caminhos):
o homem faz a divisão entre as famílias.»

Sentido: quando a vida nos corre mal, alguém será culpado, mas não são os caminhos...

Prov. port.: paga o justo pelo pecador.

19) Belika:
ké minu i butu chi aku.

«Lembra-te:
eu sou da tua família.»

Sentido: os da mesma família não se desprezam.

Prov. port.: corvos a corvos não se tiram os olhos.

20) U sina:
li kanda.

«A (verdadeira) riqueza:
a família.»

Sentido: só se tem valor quando se tem família.

Prov. port.: quem não tem irmão, não tem pé, nem mão.

21) Muan'i leze i mung'andi u nnene:
ba kulu b'andi bu bikila.

«Criança com chicuanga grande:
os antepassados lha deixaram.»

Sentido: as coisas que tenho, foram-me deixadas pelos meus; não deveis ter inveja.

Prov. port.: quem tem padrinhos não morre mouro.

22) Kuvula buku li bika nkaka.
Monti nkaka u bika li au,
kana zaba i nti onso ina ké ku au.

«Perguntas pelo palmar que te deixaram os avós.
Se eles to deixaram,
até conhecerias todas as árvores que lá estão.»

Sentido: não conheces a tua família? Sinal que és mau filho.

Prov. port.: fraco é o padeiro que diz mal do seu pão.

23) Mpungi tatu i sika
i bika ba kulu b'ami.

«Toco três dentes de elefante
que me deixaram os meus antepassados.»

Nota: Os dentes de elefante são, entre os cabindas, um dos sinais de chefia, de família importante, como referimos no testo n.º 186.

Sentido: tenho direito a ser respeitado, pois sou de família nobre.

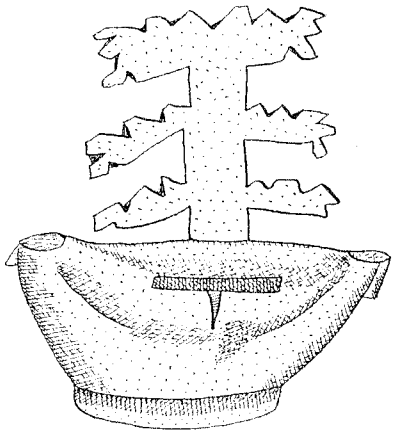
Prov. port.: com teu senhor não jogues as peras: ele come as maduras e dá-te as verdes.

24) Nsabi aku i bikila ba kulu b'aku:
tambula, ké i au i aku.

«A tua chave que deixaram os antepassados:
toma lá, é tua.»

Sentido: ninguém pode tirar aos outros o que é deles.

Prov. port.: o seu a seu dono.



V. Provérbio 16

12.º — DOENTES

1) Mbevo vuata mpu:
chi kati chi mona.

«O doente põe o chapéu:
está melhor.»

Sentido: deixar correr; não é assunto de valor.

Prov. port.: não é nenhuma morte de homem.

2) Bi liá bi bonve:
bi ienda mpumu.

«Comida de doente:
ficou afamada.»

Nota: O doente come pouco e por isso dão-se-lhe coisas leves e especiais. Mas há ainda quem sinta inveja do pouco que ele está a comer.

Sentido e Prov. port.: nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dele morou.

3) Ngeie ui bela ntete:
ngeie ntete ti zika.
— Ngeie u sialila,
ka sa ziama kó?

«Tu ficaste primeiro doente:
serás primeiro enterrado.
— Mas tu, que ficas atrás,
não hás-de ser enterrado também?»

Sentido: ele morreu primeiro, mas tu também morrerás.

Prov. port.: nunca digas: desta água não beberei.

4) Minu li bela, mé kotuka.
Bana ba fuá, mé mona.

«Estive doente, já me levantei.
Já vi os que morreram.»

Sentido: passei por dificuldades; venci; tenho experiência. Ninguém me deve desprezar.

Prov. port.: já comi o pão que o diabo amassou.

5) U onso kó i nhitu,
nsongo ké i andi.

«Todos os que têm corpo,
podem apanhar doenças.»

Sentido: quem é homem, está sujeito a misérias.

Prov. port.: neste mundo cansado, não há bem completo, nem acabado.

6) Kozia nsongo teka bá i mpetu.
Monti ku ké i mpetu kó,
ka vinguila bobo i nsongo aku kuenda
mu ntandu vó mu mazi.

«Para aliviar a doença deves ter travesseiro.
Se o não tens,
então tem paciência que a doença acabe
na planície ou na água.»

Sentido e Prov. port.: a paciência abranda a dor.

7) Ibonve mu nsamu:
buna u mvimba,
netene u au.

«Paralítico dentro de uma questão:
foi uma pessoa sã,
que lha contou.»

Sentido: quem não ouviu não tem valor como testemunha.

Prov. port.: ninguém diga o que não sabe, nem afirme o que não viu.

8) Ibonve chi bela:
on'u ku nliassia ku keli kó,
nzala monti i vondizi kó,
kete i mpuila mazi ku vonda.

«O paralítico está doente:
quando não tem quem lhe dê comida,
se não morrer com fome,
há-de morrer com sede.»

Sentido: sem autoridade, o povo ou a família desaparecem.

Prov. port.: onde todos mandam, ninguém se entende.

9) Lu buma lu luela li bassika tu fina:
lu luela bubu kó.

«Ferida dum golpe donde sai pus:
não é feita hoje.»

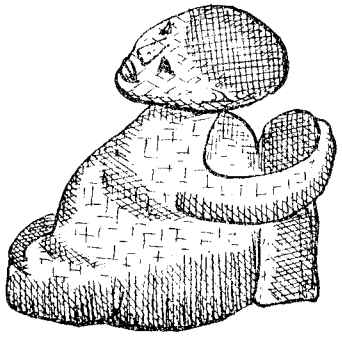
Sentido: fizeste uma maldade e ficaste castigado? Há muito que merecias esse castigo...

Prov. port.: ficaram umas vezes por outras.

10) Mbeze ku mbussa:
ku suka li au,
i butu.

«Ferida nas costas:
quem a limpa,
é da família.»

Sentido e Prov. port.: quem me avisa, bem me quer.



V. Provérbio 6

13.º — DEMENTES

1) Li lau li sassa chiula.
— Abu befu b'onso ti mé chituka ma lau i ma lau é?

«O demente está a dividir um sapo...
— Mas é por isso que todos nós somos dementes?»

Nota: Os circunstantes aceitaram a parte do sapo que o demente lhes deu, não por terem interesse nela, mas para o não descontentarem...

Sentido e Prov. port.: para maluco, maluco e meio.

2) Li baba buá ku mazi.

«Um tolo cai na água.»

Sentido: por própria culpa sofremos.

Prov. port.: se boa cama fizeres, nela te deitarás; conforme a fizeres, assim a acharás.

3) Nkutu chi lau:
siata nkumbu mueka tó.

«Saco de um demente:
só deixa tirar uma vez.»

Sentido: é tolo, mas nem tanto...

Prov. port.: tolo é Afonso, mas não de todo.

14.º — MORTO

1) Muntu na fuá:
seva vé.
Muna ngeie fuá iv'aku,
u bá dede mueka n'andi.

«O homem morreu:
não deves rir-te dele.
Quando tu morreres,
serás como ele.»

Sentido e Prov. port.: não te rias com o mal do vizinho, que o teu está a caminho.

2) Muana nchió na fuá: mvumbi.
Nkuluntu nnene na fuá: iv'andi mvumbi.

«Uma criança morreu: é um morto.
Um velho importante morreu: é um morto.»

Sentido e Prov. port.: ao deitar da sepultura somos todos iguais.

3) Ntu mvumbi.
Abu ké i monho: ndunzi.

«Cabeça de morto (dirão, quando eu morrer).
Agora que estou vivo (dizem): testa.»

Sentido: quando tinha valor, todos me respeitavam; agora, que perdi o valor, ninguém me liga.

Prov. port.: tanto tens, tanto vales; nada tens, nada vales.

4) Ngei bela ntete u fuá:
ku titi ui ziamina.
— Ngeie sialila u fuá:
mu nzila ui ziamina.

«Tu morres primeiro:
vais para o cemitério.
— Tu ficas ainda para morrer:
ficarás no caminho do cemitério.»

Sentido e Prov. port.: de homem para homem não vai força de boi.

5) Bala bana ba fuá.

«Lembra-te dos mortos.»

Sentido: respeitar as tradições.

Prov. port.: na terra onde fores viver, faz como vires fazer.

6) Lu katu lu yembi:
bubi bi suila.

«Caixão de um pobre:
é mal feito.»

Sentido e Prov. port.: a quem não tem nada, nada o espanta.

7) Bulu k'a vinda:
u aku bá vau.

«Para a cova ficar grande:
a família deve estar presente (para ajudar).»

Sentido: sem família nada somos.

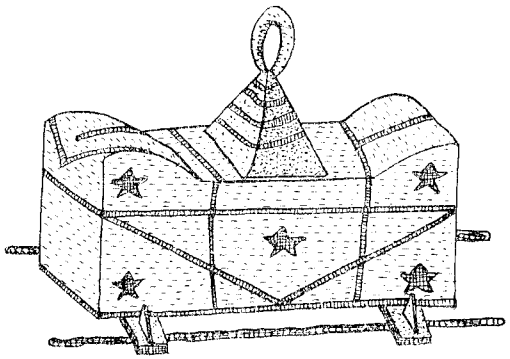
Prov. port.: quem não tem ninguém, não é ninguém.

8) Bakizi mvumbi andi ti i koka.
Abu ngeie muntu bobo ti:
nanguna.

«O dono do cadáver puxou-o com a corda.
Tu não deves dizer-lhe:
levanta-o (no ombro).»

Nota: O parente puxava o caixão do seu familiar com uma corda. Os circunstantes protestaram. Resposta dele: tendes alguma coisa com isso?

Sentido e Prov. port.: não te metas onde não és chamado.



V. Testo n.° 170

IV

FEITIÇOS

1) Ntumpu-Mvemba:
ku tumbulilanga liambu,
i butu.

«(Afirmo pelo) fruto Ntumpu, consagrado a Mvemba:
quem te diz a verdade,
é a família (e não os estranhos).»

Nota: Demos explicação deste fruto no testo n.° 3.

Sentido e Prov. port.: o amor verdadeiro não sofre coisa encoberta.

2) Nkazi Lembe ku bela nkanu kó.
— O li sili, ibila mu songo Lembe?

«A mulher do feitiço Lembe não pode perder a questão.
— Por ser mulher do feiticeiro?»

Sentido: dar razão a quem a tem e não fazer acepção de pessoas.

Prov port.: julgar pelas acções e não pelos dobrões.

3) Seva ku aku.
Ibila minu veka tó mé vanda li Lembe.

«Podes rir de mim.
Mas sou eu quem fez o feitiço Lembe.»

Sentido: qualquer dia bates-me à porta... Cá te espero.

Prov. port.: largos dias têm cem anos.

4) Chi ngoma chi Lembe:
vana i kanda.
Monti va ké bantu kó,
buna ba podi vanda Lembe kó?

«O tambor do feitiço Lembe:
está onde está a família.
Se não tens parentes,
onde podes fazer o feitiço Lembe?»

Sentido: sem família não temos protecção.

Prov. port.: quem não tem pai, nem mãe, não é ninguém.

5) Monti na Muba mona Mbonda-fula,
kanu ma Ntende ku siá viá kó.

«Se Muba tivesse visto o sinal Bonda-fula,
o povo Ntende nunca podia ter sido queimado.»

Nota: Encontram-se explicações deste provérbio no testo n.º 121.

Sentido: a família protege os seus membros, mesmo distantes.

Prov. port.: onde te conhecem, lugar te fazem.

6) Mbonda-fula
u lunga ba vinha,
u lunga ibonve.

«O sinal Bonda-fula
guarda os que têm saúde,
guarda os aleijados.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

7) Butu bi nkobe-ibingu.

«Somos do mesmo (feitiço) nkobe-ibingu.»

Nota: O feitiço Nkobe-ibingu é o feitiço familiar. Cada família clânica tem o seu.

Sentido: temos de nos proteger uns aos outros, dentro da mesma família.

Prov. port.: o sangue corre pelas veias.

8) Nlunga ibingu ba bika va mongo nkobe.
— Bika bobo,
ké ba bana bi leze bi kele.

«(Eu vou buscar) o bracelete do feitiço ibingu, que ficou em cima do cesto.
— Espera,
ainda há crianças (para continuarem a família).»

Nota: Os velhos da família morreram. Parecia não haver já lugar e interesse para o feitiço familiar.

Resposta de alguns dos presentes: há ainda crianças — filhos desses velhos — que precisarão dele, pois vão continuar a família.

Sentido e Prov. port.: enquanto há vida, há esperança.

9) Ngeie, ntu i kosso ké i aku.

«Tens cabeça de feitiço kosso.»

Nota: O feitiço Kosso tem duas cabeças de cão. É um autêntico cão, mas em vez de cauda tem outra cabeça. É o feitiço dos prazeres sexuais.

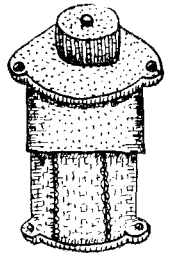
Sentido: és hipócrita e falso.

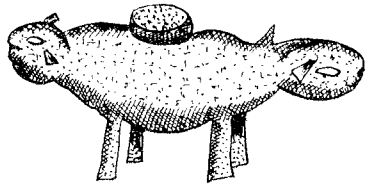
Prov. port.: falso como Judas.

10) Bakissi ba chi mpenze ba vili mbazu.
— Buna?
Bau tu vana monho?

«Os feitiços dos chimpanzés ficaram queimados.
— Isso que tem?
Eles salvariam as nossas vidas?»

Sentido e Prov. port.: não percas o siso pelo doído do teu vizinho.





V. Provérbios 7 e 9

V

FEITICEIROS

1) Mambu ma luvunu:
ma tubizi nganga.

«Mentira:
falou o feiticeiro.»

Sentido: és mentiroso como o feiticeiro.

Prov. port.: mentes mais que um burro a fugir.

2) Mambu ma luvunu:
ma tubizi nganga.
Liela li andi:
li bakilia zi mbongo zi andi.

«Mentira:
falou o feiticeiro.
A sua esperteza:
é apanhar o seu dinheiro.»

Sentido: prometes e nada fazes. Isso não está bem...
Resposta: é o meu ofício...

Prov. port.: mente Pedro porque o tem de vezo.

3) Nganga mu liá...
— Nchiá lu ndandila ku ami?

«O feiticeiro está a comer muito...
— Não foste tu que me chamaste?»

Nota: O doente chamou o feiticeiro para o curar. Agora está a queixar-se que come muito, que lhe leva muito dinheiro pela «consulta»...
O feiticeiro respondeu-lhe: não foste tu que me chamaste?

Sentido: por própria culpa as coisas estão neste pé...

Prov. port.: quem se mete nelas, que se tire...

4) Nganga ié ku liá.
— Mbichi ndandila ku ami?

— Nchientu i chi mpala.
— Ah, mbichi u kuelila ku ami?
Ié ku mbandanga zi mbata...

«O feiticeiro está a comer na nossa mesa...
— Mas por que me chamaste?

— Mulher concubina (diz o marido).
— Ah, por que me escolheste para casamento?
Agora já me estás a maltratar...»

Sentido: acusas-me num assunto ao qual tu deste ocasião.

Prov. port.: pôr os galgos à carreira e deitar a fugir...

5) Likila ndochie?
Ui tela monho aku.

«Dás comida ao feiticeiro?
Atenção à tua vida.»

Sentido: por mais que se faça ao malvado, ficará sempre mau.

Prov. port.: gastar cera com ruim defundo.

6) Ma nkaka ka podi seva kó
vana va ké mambu ma nnene,
va ké zi nfumu,
va ké zi nganga.

«O carrasco não pode rir-se
onde se tratam grandes assuntos,
lá onde estão os chefes,
lá onde estão os feiticeiros.»

Sentido: cada um faça a sua obrigação como deve.

Prov. port.: faz o teu dever, aconteça o que acontecer.

7) Nganga nchientu
ku lili bi mpilu kó.
— Ngeie moti ma balukua,
ti munu mká u ala ku lila?

«A mulher feiticeira
não pode comer comida feita por mulher menstruada.
Mas quando ela mesma tem menstruação,
come com a boca dos outros?»

Sentido: falta de coerência na vida.

Prov. port.: um Deus para mim, um diabo para os outros...

8) Nfumu ba tuma:
nganga ba sema.

«O chefe manda:
o feiticeiro dá a bênção.»

Sentido e Prov. port.: o que tem de ser, tem muita força.

9) Chi mbindi mu li bumba:
u sussuluanga ndochie.

«O fantasma na cova:
dá maus sonhos ao feiticeiro.»

Nota: Chimbindi é o fantasma, a alma do outro mundo; ndochie é o feiticeiro (mau) que mata,. «come as almas», no pensar dos cabindas.

O feiticeiro comeu a alma de um homem; este agora está a importunar o seu «comedor»...

Sentido: quem mal faz, mal encontra.

Prov. port.: quem com ferros mata, com ferros morre.

10) Chi mbindi ui ka vunga:
ku mbussa ndochie.

«O fantasma está a dançar:
atrás do homem que lhe comeu a alma.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

11) Li kove li kanga chi mbindi:
u kutula li au,
nganga Chiungu.

«O nó feito pelo fantasma:
quem o sabe desfazer,
é o feiticeiro do feitiço Chiungu.»

Sentido: vai buscar auxílio onde o podes encontrar e não onde não sabem, ou não podem ajudar-te.

Prov. port.: quem pede a vilão, cansa-se em vão.

12) Ndochie i mueka
na ndochie ka podi kanga vuá kó.

«Um feiticeiro
não pode amarrar nove feiticeiros.»

Sentido: mesmo poderosos, não somos omnipotentes.

Prov. port.: um valente acha outro.

13) Li buku li ntete
lubukuila nganga.
Ah, li muali?
Ngeie ké sé bela kó?

«No primeiro tratamento
intrujaste o feiticeiro.
E à segunda vez?
Não voltas a ficar doente?»

Sentido: desta vez fiz-te bem e foste ingrato. Mas ainda vais precisar de mim mais vezes...

Prov. port.: mal haja o ventre que do pão comido se esquece.

14) Mbungu ndochie:
li kambu uala, nkanu...;
li uala, nkanu...

«A caneca do feiticeiro:
quando está cheia, está mal...;
quando está vazia, mal está...»

Sentido: o homem é um eterno insatisfeito.

Prov. port.: ninguém está contente com a sorte que Deus lhe deu.

15) Nganga Chitu ka podi buka nkuluntu kó:
ka muntu chi belama, mua-muana tó.

«O feiticeiro do feitiço Chitu não pode tratar um velho:
sòmente quando o doente é criança (ele pode tratar).»

Sentido: não podemos curar as nossas moléstias; têm de ser os outros. O mesmo acontece com os nossos defeitos. Não os vemos.

Prov. port.: os nossos defeitos atrás no alforge; os dos outros, à frente.

16) Mbungu u lala,
Muanda u lala.

«Mbungu morreu,
Muanda morreu.»

Nota: O «comedor de almas» chamado Muanda matou Mbungo; Mbungo, depois de morto, matou Muanda.

Sentido e Prov. port.: quem com ferros mata, com ferros morre.

17) Nganga Mbumba,
nzungu Mbumba.
Ngeie bakana muna nkanu?
Kuenda ké nganga Mbumba.

«Feiticeiro do feitiço Bumba.
(trabalha com a) panela do feitiço Bumba.
Estás dentro do assunto?
Vai ter com o feiticeiro do feitiço Bumba.»

Sentido: quando estás em dificuldades vai ter com os familiares e não com os estranhos.

Prov. port.: fui à casa da vizinha e envergonhei-me; voltei à minha e remediei-me.

18) Bika iv'ami i sonsa ké zi nfumu,
ké zi nganga:
buingi bi iúa o li mbote o li mbi
a li sonsa minu.

«Deixa-me falar diante dos chefes
e feiticeiros:
para que eles possam ouvir se é bom ou mau
o que eu digo.»

Sentido: não me condenes antes de me ouvir.

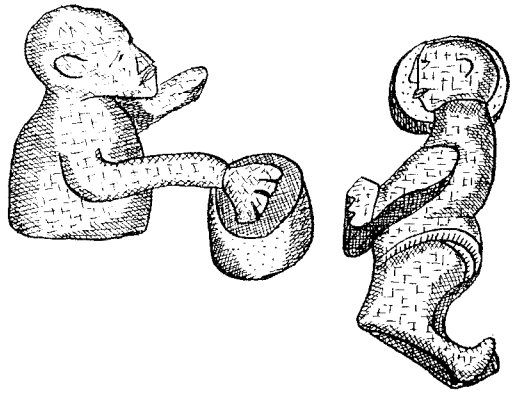
Prov. port.: o enforcado tem três dias.

19) Monti chi tessia kó,
nkanu bonsi i ala zaba
ma ké mu ntim'aku?

«Se eu não fosse adivinhar,
então como poderia saber
o que tens no coração?»

Sentido: ser reservado e não contar tudo.

Prov. port.: guardas-me um segredo, amigo? Melhor o guardas se to não digo.



V. Testo n.º 39

VI

MAMÍFEROS

1.º — CABRA E BODE

1) Nkombo sumbulele monho:
kuna buku li buala.

«A cabra tem saúde:
dentro do palmar da povoação.»

Sentido: na nossa terra, com os nossos, é que nos sentimos bem.

Prov. port.: passarinho da serra da Estrela, onde se cria, lá se deseja.

2) Minu nkombo,
sumb'i fuá i kangama.

«Eu, cabra,
hei-de ficar amarrada até à morte.»

Sentido: a triste situação dos fracos.

Prov. port.: detrás da porta do pobre toda a vileza se esconde.

3) Nkombo mu nsinga mvika Mué ngó:
chi onso chi lumbu vana va kambuizi bantu,
Mué ngó uala ku mbuila.

«Cabra amarrada fica sempre escrava do leopardo:
qualquer dia, quando não estiverem os homens,
o leopardo há-de apanhá-la.»

Sentido: a mulher que é oprimida demais pelo marido, um dia, na sua ausência, vai ser procurada e cairá.

Prov. port.: quanto mais a coisa é vedade, mais é desejada.

4) Ba bakizi ngulungu,
ba liá ku au;
kaza i nkombo monti i ami,
u kode i ala mona i au.

«Apanharam um antílope,
todos comem dele;
mas se fosse a minha cabra,
a sua perna era para eles.»

Sentido e Prov. port.: onde força não há, direito se perde.

5) Muana nkombo ui kueta menu:
u eki longa u liá malundu.

«O cabrito está a remoer:
guardou o capim que ele comeu.»

Sentido: quem sabe guardar as coisas e as não gasta sem governo, depois está prevenido.

Prov. port.: mais vale boa regra que boa renda.

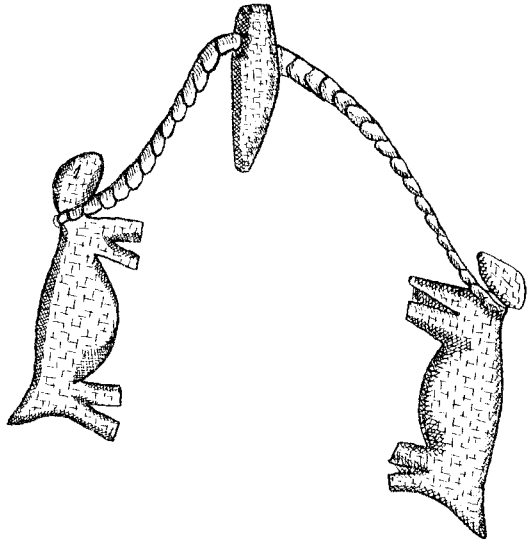
6) Nkassa-mlongu:
nkombo nnuni ene bele nganga,
kaza mbamba ué uokila ngolo.

«Casca veneno:
o bode, mesmo sendo feiticeiro (se a ingerir), sendo a dose forte demais, morre.»

Nota: A casca da árvore Nkassa é venenosa, sendo ingerida em grande dose.

O feiticeiro costuma «espirrar» durante as suas «cerimónias». Os cabindas consideram o bode como feiticeiro..., a avaliar pelo seu espirrar..., que o feiticeiro imita...

Sentido e Prov. port.: contra a força não há resistência.



V. Provérbio 2

2.º — CÃO

1) Muaia u tá mbuá:
chi nkum'i mvesse ma tula bi liá.

«O cão bocejou:
e nesse momento caiu-lhe um osso na boca.»

Sentido: tive sorte quando menos com ela contava.

Prov. port.: quem está em ventura, a formiga o ajuda.

2) Muntu li liá nsunha mbizi,
i mbizi i ami bakizi, minu mbuá.
Minu li vungia, ngeie nfumu ami,
mvesse uá mé bikila ké kukunhanga.

«O homem come carne de caça,
mas eu, cão, apanhei o animal.
Estás a enganar-me, tu, meu dono,
(pois) só me deixas os ossos para roer.»

Sentido: durante a bonança não te lembras de mim; só me chamas para trabalhar.

Prov. port.: amigos do meu, escuso-os eu.

3) Mbuá lili tuvi:
i ntima ié viakenanga.

«O cão está a comer imundície:
cada um com o seu coração.»

Sentido: cada um sabe de si.

Prov. port.: não te metas onde não és chamado.

4) Zibula munu mbuá,
i kuba zi sende.
— Monti na veka u zoleze,
ku sa zibula.

«Abre a boca ao cão,
para lhe meteres dentro (dela) as espinhas.
— Mas quando ele quer tê-las,
ele mesmo pode abrir a boca.»

Sentido: tudo depende da vontade de cada um.

Prov. port.: os gostos não se discutem.

5) Mbuá u ié land'i mbazu:
ku vitumukina zi sende.

«O cão foi buscar fogo:
ficou tentado pelas espinhas (e demorou-se).»

Sentido e Prov. port.: a caridade bem entendida começa por nós.

6) Mbuá ié filila i kuta.
— Ku podi ku sengula chi mvele kó.

«Leva qualquer coisa de presente ao cão.
— Ele não pode dar presentes (pois come tudo e não guarda).»

Sentido: para quê pedires coisas a quem é sovina?

Prov. port.: quem pede a vilão, cansa-se em vão.

7) Nkanda mbuá... ba loza.
Monti u nkombo... kani ba liá.

«Pele de cão... deita-se fora.
Se fosse pele de cabra... até se podia comer.»

Sentido e Prov. port.: cria fama e deita-te na cama...

8) Mbuá malu ma nná:
zi nzila kama.
Podi chi si liata kó
nzila uali kó.

«O cão tem quatro pernas:
mas os caminhos são cem.
Ele não pode andar sequer
dois caminhos (ao mesmo tempo).»

Sentido: cada coisa a seu tempo.

Prov. port.: demos tempo ao tempo, que atrás de tempo, tempo vem.

9) Saka mu nti!...
— A kaza ntu mbuá mu nzila.

«Que belo fruto saka na árvore!...
— Está uma cabeça de cão no caminho (a guardá-la).»

Sentido geral: quando quiseres fazer alguma coisa, vê não fiques apanhado.

Prov. port.: olho fino e pé ligeiro...

Sentido especial: não toques em mulher casada.

Prov. port.: nem mulher de outro, nem coice de potro.

10) Mlongu chi mpoka mbuá...

«Remédio de chifre de cão...»

Sentido: és um grande mentiroso...

Prov. port.: mentes com quantos dentes tens na boca.

11) Ndose u lota mbuá:
vuminanga kó.

«O cão está a sonhar:
mas não conta nada.»

Nota: O cão é o símbolo de um enigmático.

Sentido: não confies nas aparências.

Prov. port.: as paredes têm ouvidos.

12) Li mona mbuá:
ku podi ku li sukula kó.
Li lundama ti mu ntim'andi.

«O que o cão viu:
não o vai dizer a ninguém.
Guarda-o no coração.»

Sentido: não confiar a nossa vida a todos.

Prov. port.: o segredo melhor guardado é o que a ninguém é revelado.

13) Ngeie bula mbuá?
Kani mana ma ké mu ntim'andi mbuá,
ngeie zabizi é?

«Bates num cão?
Mas o que há no seu coração,
tu o sabes?»

Sentido e Prov. port.: não se caçam lebres tocando tambor.

3.° — ELEFANTE

1) Nsi aku i viokila nzau:
ka bakana fuili nzau kó.

«Na tua terra o elefante pode passar:
mas não deve morrer lá (senão há questões).»

Nota: Há aqui uma referência ao antigo costume, entre os cabindas, de sacrificar alguns escravos aquando da morte do rei.

Sentido: quando passar um estrangeiro pela tua terra, trata-o bem, pois se sofrer alguma coisa, terás depois complicações.

Prov. port.: livra-te dos casos, livrar-te-ei dos azos.

2) Nzau u bundula mabá:
mosse ué zola lili ngazi,
kani ku bundula mabá kó.

«O elefante está a arrancar as palmeiras:
se ele gosta de comer dendém,
não poderia arrancar as palmeiras.»

Sentido: quando queres amigos, trata-os bem.

Prov. port.: amor com amor se paga, e com desdém se apaga.

3) Va chianga nzau ké vau:
ka podi bé linda bi liá kó;
va chianga nzau iá i talanga.

«Na grelha está um elefante:
não podes pedir comida;
na tua grelha estou a ver um elefante.»

Sentido: não estamos contentes com o que temos.

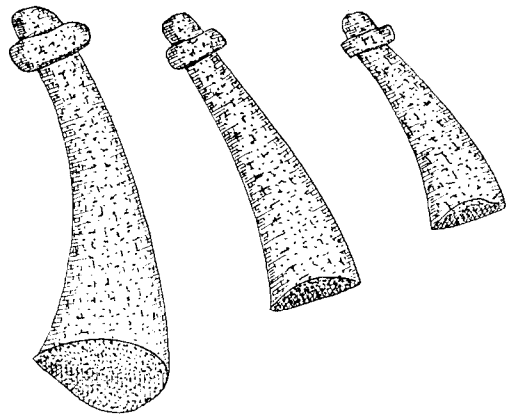
Prov. port.: tens os olhos maiores que a barriga.

4) Nzau i bulu chi nnene:
u ku mananga mbele nchió.

«O elefante é animal grande:
quem acaba com ele é a faca pequena.»

Sentido: és importante, mas qualquer dia cais-me nas mãos.

Prov. port.: nem por muito ter, engrandecer.



V. Testo n.° 186

4.º — ESQUILO

1) Chi nkanka, ui seva...
— Li lufukua messu.

«Esquilo, ri...
— Os olhos estão a sair (das órbitas)...»

Sentido: estais a pedir-me um esforço demasiado.

Prov. port.: o boi tanto o picam, até que se sente.

2) Chi nkanka ku dioka:
vana vuama li andi.
Muntu ku seva:
vana nzó andi.

«O esquilo ronca:
na sua toca.
O homem pode rir-se:
na sua casa.»

Sentido e Prov. port.: cada um em sua casa é rei.

3) Chi nkanka ui nokina mvula:
li anzi i nanu.

«O esquilo ficou molhado pela chuva:
tinha a toca longe.»

Sentido: quem está longe da família é maltratado e não tem quem o proteja.

Prov. port.: quem não tem ninguém, não é ninguém.

4) Chi nkanka ké nchila:
kete sissa.
Nchil'andi una.

«O esquilo tem cauda:
(é) coisa pequena.
A cauda dele é assim.»

Sentido: sou pobre e fraco, mas não fico triste com isso.

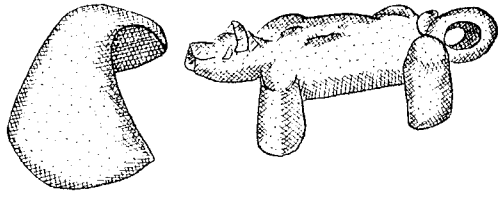
Prov. port.: contente-se cada qual com a sorte que Deus lhe deu.

5) Chi nkanka ma biala chi nfumu:
u keba bana b'onso ba sanga,
i ba tekula ba sanga.

«O esquilo ficou nomeado chefe:
deve tratar dos filhos de todos,
e dos netos de todos.»

Sentido: o chefe deve tratar de todos os assuntos dos súbditos.

Prov. port.: quem aceita governar, por todos tem de olhar.



V. Provérbio 2

5.º — MACACO

1) Bula i dosso bi chi mpenze...
— Vana luana lu mueka ti yanikini?

«Prepara a mandioca do chimpanzé (em cima do tecto)...
— Então temos o mesmo lugar para secar as coisas?»

Sentido: então somos todos do mesmo valor? Tu não és menos do que eu?

Prov. port.: não dês o dedo ao vilão porque te tomará a mão.

2) Mpana muana mpungu ké sina nkanda.
— Na chi mpenze u ienda ku au ntete,
ma zaba?

«Dá-me o filho do gorila para o ensinar a ler.
— O chimpanzé, que andou a aprender,
já sabe?»

Sentido e Prov. port.: entre dizer e fazer, muita coisa há a meter.

3) Ngeie li loza nchima,
bakana kozula kó.
— Nkangu u onso ué ku vovo é?

«Quando andas a caçar o macaco,
não deves tossir.
— Mas todos os bandos de macacos estão lá?»

Sentido: quando me não quiseres, outros me ajudarão.

Prov. port.: quando uns não querem, estão outros desejosos.

4) Nchima ba mé lozula va ndeku nsi.
Ngeie ui tomba tó kuenda chi nanu ku ilu.

«Ao macaco deram um tiro perto do solo.
Tu, macaco, deves subir mais.»

Sentido: não se expor ao perigo.

Prov. port.: quem se não guarda, não se salva.

5) Muana nchima bu mé ku sukula messu:
messu mu mé chiá,
ma tina.

«Limparam os olhos ao filho do macaco:
quando estiveram limpos,
fugiu.»

Sentido e Prov. port.: por bem fazer, mal haver.

6) Nsesse i viochie liá li kundi...
— Ngondo mvene.

«O antílope come o fruto...
— Foi o macaco que mo deu (diz o antílope, pois eu não sei subir).»

Sentido: foram os chefes que me mandaram fazer tal serviço, transmitir tal ordem.

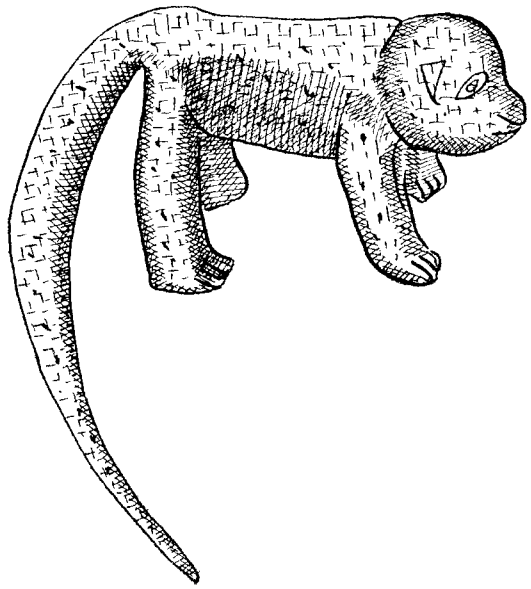
Prov. port.: mensageiro não merece pancadas.

7) Ngondo abu ui sanga,
tala va nsi.
Ba tela ba ké vau,
ba ku tala ngeie buna ui sanguila.

«O macaco a dançar,
está sempre a olhar para o chão.
Os caçadores que lá estão,
estão a ver como danças.»

Sentido: o vaidoso só pensa em mostrar-se...

Prov. port.: quem se pavoneia, depenado fica...



6.º — RATO

1) Mpuku nguanda tabizi nsinga...
— Sifu bi mene?

«O rato nguanda roeu a corda...
— O fruto Sifu já acabou?»

Nota: Sifu serve de isca nas ratoeiras. O rato ficou todo contente porque comeu a isca e não ficou preso...

Sentido: escapaste desta, mas doutra talvez não escapes...

Prov. port.: tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que lá deixa a asa.

2) Mpuku-muenha somuna lu banza:
minu i ké i bu ami u somunina.

«O rato hóspede afiou a banza (com os dentes):
eu tenho os meus modos (de a afiar).»

Sentido e Prov. port.: cada um faz como pode e sabe.

3) Nkissi u vanda nkumbi:
ngeie mang'u lubukua,
kuna munu andi.

«O rato tem feitiço (não se deixa apanhar):
se queres ser esperto,
é na boca do buraco (dele, que o hás-de apanhar).»

Sentido: qualquer dia ficas apanhado...

Prov. port.: tanto pica a pega na raiz do trovisco que quebra o bico.

4) Sibizi u bula malafu ma mbuá.
— Buna i bá nduda.

«O rato partiu (a cabaça com) o vinho de palma (pertença) do cão.
— Fê-lo (por não poder ser visto) devido ao capim.»

Sentido e Prov. port.: a ocasião faz o ladrão.

5) Nunzi:
mpuku mbi.

«O rato Nunzi:
é mau rato (pois deixa cheiro).»

Sentido e Prov. port.: diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.

6) Li kuete ui tomba muinda:
muntu i u andi nkonzo.

«O rato foi buscar o candeeiro:
cada um com a sua sorte.»

Sentido e Prov. port.: contente-se cada qual com a sorte que Deus lhe dá.

7.º — LEOPARDO, HIENA

1) Ngó ka sutagana:
bu kassa ma kala.

«O leopardo está necessitado:
come carvão.»

Sentido: o leopardo sabia que naquela região não havia caça, mas teimou em ir para lá. Daí a fome...

Prov. port.: conselho desprezado, sofrimento dobrado.

2) Sembanga i kumbu:
sembanga mi ndala ngandu.

«Insulta o leopardo:
insulta também o que dormiu fora (que foi a cabra e por isso foi comida).»

Sentido: se a mulher cai, a culpa também é do marido.

Prov. port.: o cão e o menino vão para onde lhe fazem o miminho.

3) Muika sinzi mu lenda Mué ngó.

«Pele de gato bravo é quase igual à pele de leopardo.»

Sentido: pensamos que tal pessoa é de valor e enganamo-nos.

Prov. port.: as aparências iludem.

4) Ngó i mvumbi:
i talanga mataku.

«Leopardo e morto:
o leopardo está a ver as nádegas do morto (que já nada pode fazer).»

Sentido: estou na miséria; tenho de me calar com tudo.

Prov. port.: o pobre com pouco se contenta.

5) Muana ngó ba kanga mioko ku mbussa:
tata i nguli va keli kó.

«Ao filho do leopardo amarraram as mãos às costas:
o pai e a mãe não estavam lá.»

Sentido: abusar na ausência das pessoas.

Prov. port.: quando em casa não está o gato, estende-se o rato.

6) Muana ngó ba nonga mu nsitu:
nguli ku va bá kó.

«Apanharam o filho do leopardo no mato:
a mãe não esteve presente.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

7) Lili bana ba ngó buali:
nkanu siela mu ntu nkabi.

«Comi dois filhos do leopardo:
a culpa caiu sobre o antílope (que não come carne).»

Sentido: se és culpado para que culpas os outros?

Prov. port.: feito de vilão, atirar a pedra e esconder a mão.

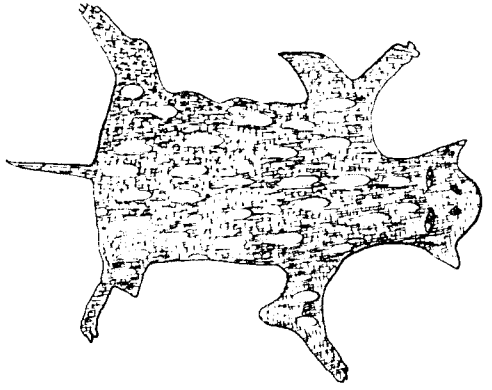
8) Nchienge ded'i muntu:
seveze muntu i andi muna mpassi.

«A hiena é como o homem:
zomba do seu companheiro no sofrimento.»

Nota: O rugir da hiena parece um «riso» de escárnio.

Sentido: estar contente com as misérias alheias.

Prov. port.: pouco doi o mal alheio.



V. Provérbio 3

8.º — ANTÍLOPE

1) Nnuni ngulungu ku zinga,
ku vinduka liela.
Ku kabanga kó muna nkala bantu.

«O antílope viveu muito tempo,
graças à sua esperteza.
Nunca se deixou apanhar na plantação dos homens.»

Sentido e Prov. port.: quem souber viver, chegará a ser velho.

2) Nkabi mu si nsitu:
muntu li monho ku bika li buku,
li bika ba kulu b'andi?

«O antílope vive no mato:
assim também o homem pode deixar o palmeiral (para sempre),
que lhe deixaram os antepassados?»

Sentido: cada um gosta de ficar na sua terra.

Prov. port.: passarinho da serra da Estrela, onde se cria, lá se deseja.

3) Ngulungu u liá builu:
u tungulila bi sissi.

«O antílope come de noite:
o dono deve espetar um espantalho (na plantação).»

Nota: É o resumo de uma fábula dos cabindas.

Sentido: não me amedrontas.

Prov. port.: comer a isca e sujar o anzol.

4) Munu ngulungu, mbote.
— Ibu ku lili mbongo kó.

«A boca do antílope é boa.
— Ainda não comeu a tua semente.»

Sentido: falamos bem das pessoas porque ainda nos não fizeram mal...

Prov. port.: cada um fala dos outros conforme a vontade que lhes tem.

5) Ntu chi kumbu mene mpoka?
— Ah, zi onso zi mena, ngulungu.

«Podem nascer chifres na cabeça de um tigre?
— Todos os que têm chifres são antílopes.»

Sentido: o que dizes é impossível.

Prov. port.: o que tem a ver as bragas com a alfavaca das favas?

6) Ma kona ma ntu ngulungu:
malu vutugana kuna ma fumina.

«Os galhos do antílope (ficaram perdidos na planície):
as suas pernas voltaram ao lugar donde saíra (e já não está onde deixou os galhos).»

Sentido e Prov. port.: as aparências iludem.

7) Mpoka zi ngulungu:
ku m'ponda.
— Ngeie ku si mona kó
buna zi kulila kué?

«Galhos de antílope:
talvez vão matar-me.
— Então não viste
que eram muito grandes?»

Nota: É o resumo da fábula n.º 3. O antílope foi morto porque os seus galhos foram descobertos por entre a lenha.

Sentido: porque te metes em perigos?

Prov. port.: quem corre pelo muro, não dá passo seguro.

8) Ngulungu mu nkambu!...
— Uná ku kele, na uná,
bi losukela ba b'onso.

«O antílope no cercado da lenha!...
— Lá está ele, lá está ele...,
gritam todos.»

Nota: É o resumo da fábula n.º 3.

Sentido: fiz mal e deixei vestígios pelos quais serei descoberto.

Prov. port.: cada um colhe o que semeia.

9) Ntu ngulungu:
chi nfumu chi ami chiá i bika?

«Cabeça de antílope:
posso deixar a minha dignidade?»

Sentido: eu, mulher, não posso deixar o homem.

Prov. port.: pés acostumados a andar, não podem ficar quedos.

10) Nsumbi lala va meiu ntandu:
chi fiata ma ngolo kó;
kaza u fiata i tinu chi andi.

«O antílope dorme na planície:
não confia nas suas forças;
confia na fuga.»

Sentido: não te exponhas ao perigo.

Prov. port.: o prudente é o valente.

11) Nnuni ngulungu ui liata,
ui chiebukanga ku mbussa:
nkazi óo muana chi bila.

«O antílope, quando anda,
está a olhar para trás:
está a olhar para a mulher ou para o filho.»

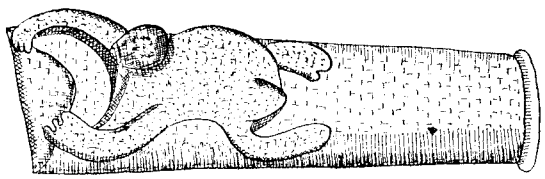
Sentido: não posso olhar só para mim; tenho responsabilidades.

Prov. port.: não serás amado, se de ti só tens cuidado.

12) Muana ngó kangala:
ka muana ngulungu ka kangala kó.

«O filho do leopardo pode andar solto:
o filho do antílope não pode.»

Sentido e Prov. port.: uns são filhos, outros enteados.



V. Provérbio 3 (pg. 118)

VII

BATRÁQUIOS

SAPO E RÃ

1) Messu ma chiula
bueta, bueta.
Zati kani chi sié mona kó,
kaza mona ku andi i mona.

«Os olhos do sapo
abrem-se e fecham-se.
Parece que não estão a ver nada,
mas estão a ver muito bem.»

Sentido: não falo, mas vejo tudo o que andas a tramar contra mim; não estou a dormir...

Prov. port.: quando a companhia não é certa, uma vista fechada, outra aberta.

2) Li zundu va mongo nkama...
— Teka mazi, u ienda...

«Uma rã no rebordo da represa (de pescar)...
— Tira a água e vai-te embora...»

Sentido: não toques na mulher alheia.

Prov. port.: não queiras potro, nem mulher de outro.

3) Sika ngoma, li zundu...
agola nsichi u kele kó.

«Rã, toca tambor...
(pois que) agora não temos quem toque.»

Sentido e Prov. port.: não estou para ser tapa buracos.

4) Vonda chi sota,
china chi liata.
China chi lala,
u vonda vé.

«Mata a rã,
que está a andar.
Aquela que está a dormir,
não mates.»

Sentido: castiga o que faz mal; não castigues o que não merece.

Prov. port.: pelo mal do ferreiro matam o carpinteiro.

VIII

PEIXES

1) Kama i ma kum'ma tanu ntambu ku mazi!...
Kama issi bakana kó,
i ma kum'ma tanu mi bakana.

«Cento e cinquenta ratoeiras na água!...
Cem não apanham peixe,
mas cinquenta delas apanharam.»

Sentido geral: nunca se trabalha em vão.

Prov. port.: o trabalho enriquece e a preguiça empobrece.

Sentido especial: dar conselhos a um mau, sempre adianta alguma coisa.

Prov. port.: água mole em pedra dura, tanto dá até que fura.

2) Mé sakilila Nzambi
bi bé mu ndik'ami.

«Agradeci a Deus
pelo que está na minha ratoeira.»

Sentido: tenho direito e ainda tenho de pedir por favor.

Prov. port.: até o que vai para a boca não está seguro.

3) Chi ngola va ntu mbaku:
on'u i kuina, bika.

«A carpa (está) em cima da cabeça do gato bravo:
se achas pouco, deixa.»

Sentido: se não gostas de mim, di-lo claramente para eu tratar doutra vida.

Prov. port.: quando uns não querem, estão outros desejando.

4) Chi ngola ma tampuka mu ntandu:
keba u ta.

«A carpa saiu da lagoa:
cuidado, vai picar.»

Sentido: não me indisponhas, senão ouves o que não queres...

Prov. port.: quem diz o que quer, ouve o que não gosta.

5) Ngeie u zola liá fu?
Teka bonda mataku.»

«Queres comer peixe?
Primeiro molha as nádegas.»

Sentido: quem quer os fins, quer também os meios.

Prov. port.: quem quiser pescar há-de-se molhar.

6) Fu zi ami i zi tomba.
Sa kuizila mambu kó.

«Venho procurar o meu peixe.
Não venho para ter questão (contigo)...»

Sentido: trato das minhas coisas e não me meto em assuntos estranhos.

Prov. port.: quem só quer o seu, não faz escarcéu.

7) Nsamu u nnene muna kaba fu:
nani ui bonga ntu?
Nani ui bonga i sala?

«É grande assunto a divisão do peixe:
quem há-de ficar com a cabeça?
Quem há-de ficar com o rabo?»

Sentido: há sempre descontentes.

Prov. port.: o que havia de agradar a todos, morreu antes de nascer.

8) Yaya, u mveni fu i tinha!...
— Ma ku monissia mu nkuta;
i sungikila buna i bina bi ké mi vumu é?

«Irmão (mais velho), deste-me só um peixe inteiro e um pedaço...
— Já te mostrei o que tinha no cesto;
queres ver o que está no estômago?»

Sentido: és exigente de mais.

Prov. port.: um no papo, outro no saco e chora pelo do prato.

9) Nzombo:
mu nkambu...

«Um peixe grande:
(deve ser levado por dois homens) num pau...»

Sentido: um assunto de importância trata-se diante das autoridades, e não apenas em particular.

Prov. port.: para grandes males, grandes remédios.

10) Fu mbizu
lakatanga zi sende:
issi salu kó.

«Dum peixe fresco
tirar espinhas:
não dá trabalho.»

Sentido: quando alguém está humilhado, na desgraça, é fácil troçar dele.

Prov. port.: quando o vento sopra, entra por todos os buracos.

11) Muamba nsenge lu lali va mongo:
muna kati, mazi i mazi.

«O molho de sardinha só está em cima:
em baixo, é água, só água.»

Sentido: temos boa aparência, mas a vida é diferente.

Prov. port.: são como as melancias: verdes por fora, vermelhas por dentro.

IX

RÉPTEIS

1.º — SERPENTE

1) Nhoka i vonda nchientu:
ké fazagananga.

«A mulher matou a serpente:
custou a morrer.»

Sentido: para mudarmos os maus costumes custa muito.

Prov. port.: o lobo perde os dentes, mas não o vezo.

2) Nhoka i vonda nchientu:
mu nti.

«A mulher matou a serpente:
com um pau.»

Nota: O homem mata a serpente com uma, duas pancadas e pronto; a mulher bate, torna a bater, até a reduzir a cinza...

Sentido: assunto da mulher nunca acaba.

Prov. port.: desejo de doente, vista de barbeiro, serviço de mulher.

3) Ntela ka kambuanga kó i tuti chi fula:
a kani li builu a kani li muinha,
kani ma mona i nhoka.

«Ao caçador não pode faltar lata de pólvora:
porque seja de dia, seja de noite,
pode aparecer uma serpente.»

Sentido: não podes ficar sem dinheiro, pois a qualquer hora o podes vir a precisar.

Prov. port.: não há mais amigo que Deus e dinheiro na algibeira.

4) Nhok'i ki tinissia mu ilu nti.
— Ti ngeie u eki bé buila ntu.

«A serpente (está) dependurada no cimo da árvore.
— Para lhe não bateres na cabeça.»

Sentido: há perigos e por isso toma precauções.

Prov. port.: quando a força é desigual, antes fugir que ficar mal.

5) Nhoka mu ilu:
i dundu mu mazi;
mazi luengo li mona.

«A serpente no cimo (da árvore):
a sombra viu-se na água;
a água já está a reflectir a sombra.»

Sentido: ter medo de nada...

Prov. port.: gato a que mordeu a cobra, tem medo da corda.

6) Nhoka zi onso zi kele:
a kaza nkuluntu nchiama.

«Há muitas serpentes:
mas a maior é a Arco-Íris.»

Nota: Segundo os cabindas o Arco-Íris é uma serpente que morde a terra. Daí o terror que ele inspira... Consideram-no também como um grande feitiço, um dos que está mais perto da divindade.

Sentido: respeitar a autoridade constituída.

Prov. port.: a autoridade quer ser obedecida.

7) Nchiama i tebila ntoto:
mianga i lamba chi vili mvimba.

«A serpente Arco-Íris mordeu a terra:
o veneno sacudiu toda a terra.»

Sentido: ter medo sem razão para isso.

Prov. port.: quem não é corajoso, da própria sombra tem medo.

8) Nchiama kuna ntali:
ui zinga gonzo,
u onso kó muntu chi podi ku belama kó.

«A serpente Arco-Íris enrolou-se na pedra:
enquanto lá está enrolada,
ninguém pode chegar perto (da pedra).»

Sentido: em rapariga com namoro, ou em mulher casada, não tocarás.

Prov. port.: não levantes lebre que outrem leve.

9) Kongolo, lembama ngeie:
nhoka ié ké tina nchiama.

«Lagarto, fica sossegado:
até que a serpente fuja (por causa) da serpente Arco-Íris.»

Sentido: o chefe da aldeia já foi repreendido pelo soba, e tu, simples cidadão, tens coragem para barafustar?
O homem já foi castigado em público, no tribunal nativo, e tu, mulher, não aceitas o castigo?

Prov. port.: as flosas querem dar nos grous.

10) Kutula i mbizi
buingi tu mvan'i nchiama.
Nduli tu mvana ngandu.

«Abre o embrulho da carne
para darmos à serpente Arco-Íris.
O fel vamos dá-lo ao jacaré.»

Sentido: o que é bom, dá-o ao bom; o que é mau, dá-o ao mau.

Prov. port.: quem bem serve, galardão merece.

11) Ma tinha ma mboma ma sambuali:
u kuanga li andi, kuanga;
u bossia li andi, bossia.

«Sete partes da gibóia:
quem quer pôr a sua parte no fogo, põe;
quem quer deixar estragar, deixa.»

Sentido: cada um nas suas coisas e assuntos, faz como quer.

Prov. port.: cada um na sua casa e Deus na de todos.

12) I nsi i kambua nlimba,
chi mpanguila.

«Terra que não tem serpente (sinal de autoridade),
não é terra constituída.»

Sentido: a autoridade é precisa para tudo andar bem.

Prov. port.: tudo é vento, se não há rei, ou prior em convento.

13) Mboma-mazi kambu tebila.
Abu koko podi tebila?

«A serpente da água não morde.
Agora já morderá?»

Sentido e Prov. port.: de boa madeira, boa acha.

14) Liata... mpili.
— Lala chi lala.

«Vamos, depressa...; (está aqui) a víbora.
— Está a dormir.»

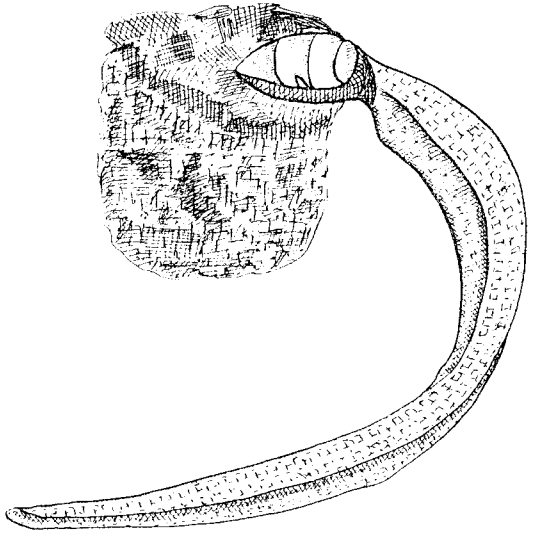
Sentido: espera o momento; nada de precipitações.

Prov. port.: o tempo e a ocasião mostram o que se deve fazer.

15) Nsussu ba iba ma chió ké lu fifa-chió.
— Ka minu, ngumbi, podi kó.
Minu i sunga buissi.

«A galinha pôs os ovos onde está a serpente bebe-ovos.
— Eu, perdiz, não faço isso.
Eu sou vigilante.»

Sentido e Prov. port.: quem o seu descuida, o diabo lho leva.



V. Provérbio 8

2.º — JACARÉ E VARANO

1) Menu ma ngandu:
ma viokeze u onso kó fu.

«Os dentes do jacaré:
são mais fortes que os de qualquer peixe.»

Sentido: o chefe manda mais (tem mais valor) que outro homem qualquer.

Prov. port.: onde estão galos de fama, não têm pintos que fazer.

2) Mvula i tina ngandu:
aku li fumina, nokua,
oko li kuenda, ku mazi.

«O jacaré foge da chuva:
donde sai, tem chuva,
para onde vai, há água.»

Sentido: nunca estamos contentes com as coisas que temos. A mulher queixa-se do marido; se for para casa doutro homem, é capaz de sofrer ainda mais.

Prov. port.: saiu do lodo e caiu no arroio.

3) Ma ngolo ma ngandu:
ku mazi.

«A força do jacaré:
(está) na água (e não na terra).»

Sentido: o homem só tem valor junto da sua família.

Prov. port.: onde te conhecem, lugar te fazem.

4) Ba nchientu ba vondeze ngandu:
ba bakala bi lembangana chi mbolo.

«As mulheres mataram o jacaré:
os homens deixaram fugir o lagarto da água.»

Nota: As mulheres mataram um animal grande; os homens não conseguem matar um animal pequeno...

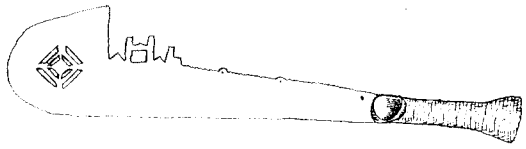
Sentido: as mulheres mandarem em casa e o homem ficar calado? Não pode ser...

Prov. port.: é como na casa do Gonçalo, onde manda mais a galinha que o galo.

5) Vuá li mbambi mu ntambu...
— Mbambi mbizi nhema?

«Nove varanos na armadilha...
— O varano é carne boa para comer?»

Sentido e Prov. port.: as aparências iludem.



Chi-mpaba; era uma das insignias reais. Entre os vários provérbios expressos nos recortes da lâmina figura o Provérbio 1

3.º — LAGARTO

1) Chi mpandi vila, vila:
ku mbussa nkondo.

«O lagarto virou-se depressa»
já está atrás do embondeiro.»

Nota: O lagarto, logo que vê alguém, esconde-se.

Sentido e Prov. port.: qual o tempo, tal o tento.

2) Chi mpandi ku mbussa ibá:
ibubu ka batangana mu lu kozo kó.

«O lagarto atrás da palmeira:
qualquer dia há-de ficar apertado com o arco (do palmador).»

Sentido: és mau, mas qualquer dia sofres as consequências.

Prov. port.: tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que lá deixa a asa.

3) Chi mpandi vana sielo:
monti kani ku nuini kó,
ma vi ma chi mpiti,
ku podi ku va tina kó.

«O lagarto (está) no lugar do palmador:
enquanto não apanhar pancadas,
com a faca do palmador,
não foge dali.»

Sentido: o homem mau não larga o vício.

Prov. port.: quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

4) Chi mpandi buila ndumba:
muntu li andi mvingu.

«O lagarto caiu (e ficou vivo):
cada homem com a sua força.»

Sentido e Prov. port.: cada um tem a sua sorte.

5) Chi mpandi ui fulukua munu:
chi bed'iono i lila ma kazu.

«O lagarto tem a boca vermelha:
ontem comeu o fruto cola.»

Nota: O lagarto comeu cola ontem... Já é velho...

Sentido: um velho tem sabedoria suficiente para dar conselhos aos novos.

Prov. port.: idade e experiência, vale mais que adolescência.

6) Chi mpandi ui fulukua munu:
chi bed'iono i bele.

«O lagarto tem a boca vermelha:
ontem já estava vivo.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

7) Chi mpandi, tunga nzó!...
— Vangi ozio zi tunga bantu li monho.

«Lagarto, faz a casa!...
— As outras casas, já feitas, bastam-me.»

Nota: Quando os parentes estão noutra terra e os visitas, não precisas casa própria; ficas na deles.

Sentido: os membros da mesma família protegem-se mùtuamente.

Prov. port.: o sangue corre pelas veias.

8) Chi mpandi va mongo ngoma.

«O lagarto em cima do tambor...»

Nota: O lagarto, por estar em cima do tambor, não o rouba ao dono, nem o come.

Sentido: a meretriz não rouba o homem à legítima esposa.

Prov. port.: quem empresta, não perde o direito.

9) Nlenge chi mpandi i ngolo...
— Chi bondekalila.

«O cabelo do lagarto é muito duro...
— Molha-o (para o penteares).»

Sentido e Prov. port.: para grandes males, grandes remédios.

10) Kongolo mu lu kala lu mpinda:
chi podi ba chiuma kó.

«O lagarto (está) na lavra de amendoim:
não pode nascer nada (na lavra).»

Sentido: um homem mau estraga um povo todo, e tira-lhe a paz.

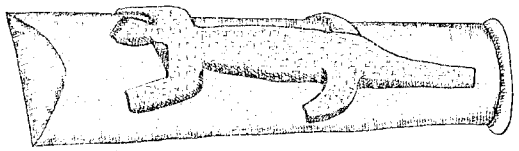
Prov. port.: o mau som dana a cantiga.

11) Chi mbolo ui liá tonzo ntu andi é?

«O lagarto da água comeu o seu próprio cérebro?»

Nota: A esposa ficava ciumenta, sem motivo, quando a sua cunhada vinha a casa...

Sentido e Prov. port.: julga o ladrão que todos como ele são.



V. Provérbio 8

4.º — TARTARUGA E CÁGADO

1) Nkuvu, nchina!...
— Malu ma nná ké i ami,
podi baka bu chinina kó.

«Tartaruga, vai dançar...
— Tenho quatro pernas,
não tenho forças para dançar.»

Sentido: pedir impossíveis.

Prov. port.: o boi tanto o picam até que se sente.

2) Nkuvu li lembangana u sombuka mpingu.

«A tartaruga não pode saltar o tronco.»

Sentido: isso é demais para ti; não te metas em sarilhos.

Prov. port.: a carga bem se leva, a sobrecarga leva à queda.

3) Nkuvu ienda ké tina mvula,
a ti ku mbu chi kuenda:
li mueka li olio.

«A tartaruga fugiu da chuva,
mas foi para o mar:
foi a mesma coisa.»

Sentido: quem foge dum mal, encontra outro pior.

Prov. port.: fugir do fumo, cair nas brasas.

4) Nkuvu u zinguila i ngolo:
u chituka li manha.

«A tartaruga vive muito tempo:
transforma-se em pedra.»

Nota: É o resumo da 7.ª fábula; os criados comeram as tartarugas e disseram que se tinham transformado em pedra...

Sentido: para tudo há desculpas.

Prov. port.: quem quer dar, pau acha.

5) Nkuvu mi bukussu:
u kúa.

«A tartaruga dentro da concha:
está só a ouvir.»

Sentido e Prov. port.: quem não diz nada, faz face a tudo.

6) Nkuvu baka nsussu muna munu andi:
bika i au, mpassi.

«A tartaruga apanhou a galinha na boca:
para a deixar, há-de custar.»

Sentido: é difícil deixar o vício.

Prov. port.: o lobo perde a pele mas não o vezo.

7) Mé baka nkuvu...
— Ti ma baka nzau é?

«Apanhei uma tartaruga...
— Apanhaste um elefante?»

Sentido: tanto barulho para nada.

Prov. port.: fazer duma pulga um cavaleiro armado.

8) Nkuvu, nzau i li tela.

«Tartaruga, elefante e baleia.»

Nota: É o resumo da 6.ª fábula: a tartaruga apostou com o elefante e com a baleia e venceu os dois.

Sentido: jogar por dois partidos e sair vitorioso, não se comprometendo com nenhum...

Prov. port.: jogar com pau de dois bicos...

9) Nkuvu ié buchi dongo;
dongo ié buchi nkuvu.
Ba b'onso bassi mbu.

«A tartaruga tratou o manatim;
o manatim tratou a tartaruga.
Ambos são habitantes do mar.»

Sentido: a família protege-se.

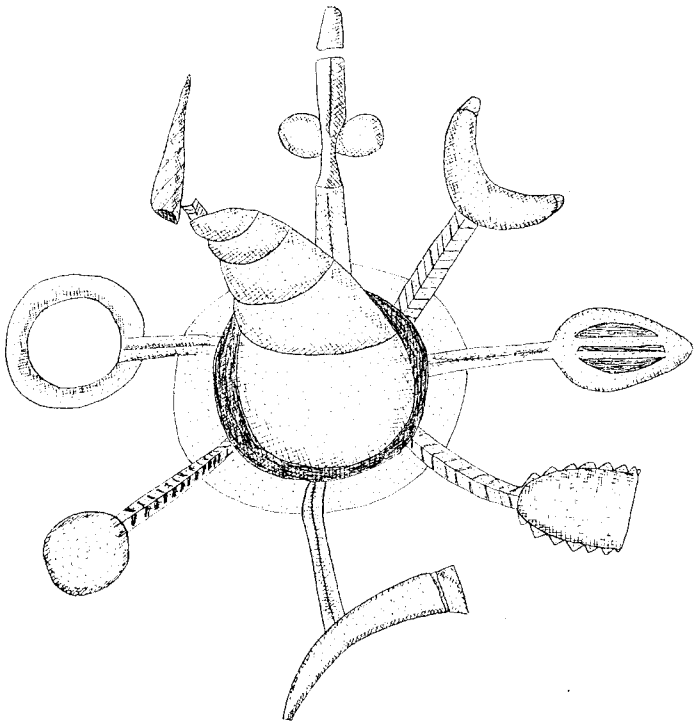
Prov. port.: corvos a corvos não se tiram os olhos.

10) Li seku kaia mbuá:
tiemuna!... I mbingu.»

«O cágado disse ao cão:
acorda!... Há caça...»

Sentido: exigimos aos outros, mas nada fazemos.

Prov. port.: entre dizer e fazer, muita coisa há a meter.



V. Testo n.° 158

X

MOLUSCOS

CARACOL, CONCHAS

1) Buissi ké mana kuila:
i eki fuku chi kola.

«Caiu a noite:
chegou a hora da caça ao caracol.»

Sentido geral e Prov. port.: a ocasião faz o ladrão.

Sentido especial: chegou o momento de dizer as verdades todas, sem rodeios.

Prov. port.: pôr tudo em pratos limpos.

2) Kola mu nzila:
nhessika.

«O caracol no caminho:
ficará pisado.»

Sentido e Prov. port.: quem se mete em bulhas, sai arranhado.

3) Kola ma baka nti:
mé namanana.

«O caracol que subiu à árvore:
segurou-se bem.»

Sentido: não cedo os meus direitos.

Prov. port.: antes quebrar, que torcer.

4) Bula nti, kola,
buingi li bembe ilunga li katukua;
ka muntu li monho ka iza,
lianga chiuma chi mueka kó.

«Mexe o ramo da árvore, ó caracol,
para que a rola possa fugir;
o homem quando vier,
nunca come uma coisa só.»

Nota: É o resumo da 8.ª fábula: o caracol não fez sinal à rola e todos pereceram com o tiro do caçador.

Sentido: quem não ajuda os outros, não merece ser ajudado.

Prov. port.: não serás amado, se de ti só tens cuidado.

5) Li kukulu:
podi ku kukula kó.

«A concha (que está presa):
não se deixa tirar.»

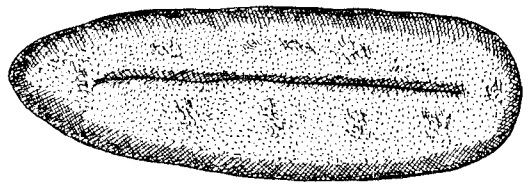
Sentido: a mulher, ou o homem, uma vez casados, estão ligados ao seu consorte.

Prov. port.: amor e morte, nada é mais forte.

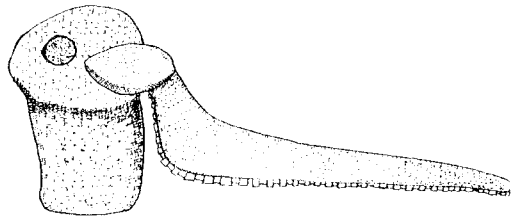
6) Sungu seka vi kanga.

«A concha Sungo fala só para dentro.»

Sentido e Prov. port.: a roupa suja lava-se em casa.



V. Provérbio 6



V. Provérbio 5 (pg. 144)

XI

MIRIÁPODES

CENTOPEIA

1) Ngongolo nombe u futamene:
liambu.
Na u sansabuka,
soku ku nhessika.

«A centopeia enrolou-se:
com razão.
Se o não fizesse,
podiam pisar-lhe a cabeça.»

Sentido e Prov. port.: não há fumo sem fogo.

2) Ngongolo nombe i nduma nombe:
ba b'onso bassi nsitu.

«Centopeia e serpente duma:
as duas são do mato.»

Sentido: nunca se faz mal a pessoas de família.

Prov. port.: corvos a corvos, não se tiram os olhos.

3) Kota nsitu ké tombanga nduma nombe,
ngongolo nombe.
— Ah, minu muntu u kel'i vava,
li muntu nchió?

«Entra no mato para buscar a duma preta,
ó centopeia.
— Eu que estou aqui,
sou pequeno?»

Sentido: para que foste buscar ajuda fora da tua casa, da tua família?

Prov. port.: fui a casa da minha vizinha, envergonhei-me; vim para a minha e governei-me.

4) Buku li liá ngongolo,
minu iv'ami liá ku ami.

«O cogumelo que a centopeia comeu,
eu, homem, também o poderia ter comido.»

Sentido: um diz: o que estás a fazer, eu também o fazia. Resposta do outro: parece-te... Eu sempre tenho mais dotes...

Prov. port.: não te ponhas à porfia com quem semeia e cria.

5) Ngongolo i kota mu mpuiti:
chi nuku chi iúa mu au.

«A centopeia entrou no tronco da árvore podre:
por causa do cheiro que sentiu.»

Sentido e Prov. port.: a ocasião faz o ladrão.

6) Ngongolo ké i kama malu:
nzila mueka tó liatila.

«A centopeia com cem pernas:
só vai num caminho.»

Sentido: não posso fazer duas coisas ao mesmo tempo.

Prov. port.: não se pode fazer a par, comer e assoprar.

7) Muana ngongolo nchiela zi malu va meiu:
i tinha chi andi na ngongolo chi kuenda;
malu ku mene kó.

«Estás a cortar o filho da centopeia ao meio:
as duas partes vão andando;
as suas pernas não acabam.»

Sentido: castigas um malvado, mas a sua malandrice nunca acaba.

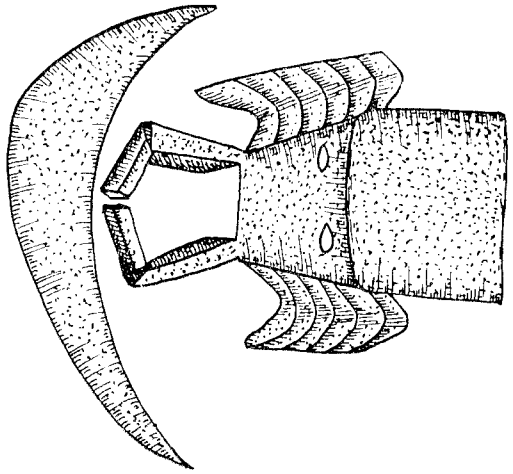
Prov. port.: o lobo perde os dentes, mas não o costume.

8) Ngongolo li fuá
ibila chi andi:
abu iza mu nzila,
i viokala bantu b'onso.

«A centopeia morreu
por sua culpa:
meteu-se no caminho,
onde passa toda a gente.»

Sentido: metes-te onde não és chamado, depois vês-te em dificuldades.

Prov. port.: não tira bom resultado quem vai onde não é chamado.



V. Testo n.° 231

XII

CRUSTÁCEOS

CARANGUEJO

1) Bu iendila kala...
— Kala monti simbu ié ku vitumuna.

«Andar de caranguejo...
— Se caranguejo fosse santo.»

Sentido: quem anda com maus, há-de ficar mau.

Prov. port.: diz-me com quem andas, dir-te-ei o que farás.

2) Bu iendila kala...
— Bika bu iendila kala.

«Andar de caranguejo...
— Não andes como o caranguejo.»

Sentido: sê homem de palavra.

Prov. port.: quem quer que lhe obedeçam muito, fale pouco.

3) Bu iendila kala...
— Kala kani i simbu chi bakissi ba nsi?

«Andar de caranguejo...
— Mas é o caranguejo que levanta os feitiços da terra?»

Sentido e Prov. port.: não percas o siso pelo doído do teu vizinho.

4) Ma kanda m'onso ba ké i ntu:
ah, befu ba kala ku iendila mu lu vati.

«Todas as famílias têm quem manda:
mas nós, caranguejos, andamos sempre de lado.»

Sentido: para as coisas andarem bem é preciso haver quem mande.

Prov. port.: muito vale quem bem manda.

5) Kala u fuá:
li fundu, minzi i zi ndandila.

«O caranguejo morreu:
quem encontrar as suas garras, vai comê-las.»

Sentido: quando eu morrer, os meus filhos ocupam o meu lugar.

Prov. port.: rei morto, rei posto.

6) Zibula kala:
baka liaka.

«Abre o caranguejo:
prepara a mandioca.»

Sentido e Prov. port.: fazer castelos no ar.

7) Bu iendi bakala,
zibula kala.
Chi fiata liaka,
kala nzeite uombo.

«Vai depressa,
abre o caranguejo.
Tenho apetite de mandioca,
(pois) o caranguejo tem muita gordura.»

Sentido: quem quiser casar, terá primeiro de trabalhar para ter dinheiro e o dote para dar à família da noiva.

Prov. port.: nesta vida os prazeres são por onças, e os pesares são por arrobas.

8) Konga kala,
baka mu ndambu bi mbuaka.

«Muitos caranguejos bons,
foram apanhados entre outros maus.»

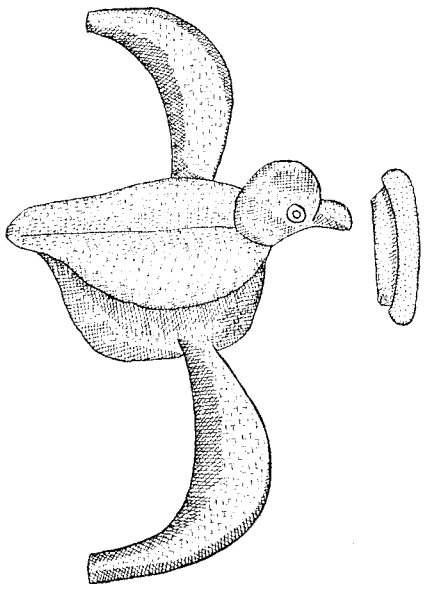
Sentido: há gente boa e má.

Prov. port.: nem tudo o que luz é ouro.

9) Kala ma tanga...
Ma tangama ku ami.

«O caranguejo agarrou-se à terra.
Eu também me fixei à terra (ninguém me tira dela).»

Sentido e Prov. port.: árvore velha não é fácil de arrancar.



V. Testo n.° 68

XIII

AVES

1.° — EM GERAL

1) Ntietie mu lu bangala.
— Bonsi li chi muene nchió,
ntandu i ami.

«Pássaro Colibri no capim queimado...
— Parece que sou pequeno,
mas a planície inteira me pertence.»

Sentido: sou pequeno mas tenho valor.

Prov. port.: os homens não se medem aos palmos.

2) Ntietie va mongo lu bangala:
i vumu chi andi chi nchió.

«O pássaro Colibri em cima do capim queimado:
o seu estômago é pequeno (come pouco).»

Sentido: contento-me com pouco.

Prov. port.: o pobre contenta-se com pouco.

3) Nzó li bembe:
ono ui kota mu au,
ono ui iukana i andi.

«Casa de pomba:
quem entra nela,
é aquele com quem a pomba já está acostumada.»

Sentido: ter confiança? Só com quem conheço.

Prov. port.: lá vão os pés onde quer o coração.

4) Nzó ma bembe:
u vinga, u vinga.

«Casa de pombas:
tem divisões.»

Sentido: cada um com a sua sorte.

Prov. port.: contente-se com seu estado, quem quiser viver sossegado.

5) Li bembe li liá mpinda mu kala lu muntu.
Ka mana dengana ui fuila muna.

«A pomba está a comer o amendoim no campo do homem.
Quando o homem a encontrar, há-de morrer lá mesmo.»

Sentido: estás a fazer mal; quando ficares apanhado será por tua culpa.

Prov. port.: quem não quer sofrer as consequências não se expõe aos perigos.

6) Bembe: bonga mpinda...
— Vé...; ntambu...

«Pomba: apanha o amendoim...
— Não...; está lá a ratoeira...»

Sentido: se te fazem muitas festas, sê prudente.

Prov. port.: quando a esmola é grande, o santo desconfia.

7) Ndinga ku bete nsi.

«A pomba verde não poisa no chão.»

Sentido: cada um tem o seu modo de viver.

Prov. port.: cada formiga tem a sua ira.

8) Muana chi nchiololo:
subu andi ku titi tó.

«O perdigoto:
o seu lugar é sempre no mato.»

Sentido: sempre hás-de voltar ao lugar que é teu.

Prov. port.: passarinho da serra da Estrela, onde se cria lá se deseja.

9) Ngembu li liá li kundi:
li liá ka muene,
buá chi li liá kó.

«O morcego está a comer fruta:
está a comê-la porque a viu,
se não, não a comia.»

Sentido: o que se não conhece, não se deseja.

Prov. port.: o que o olho não veja, o coração não deseja.

10) Ngundu-munu ké nhevila u sala kó:
nzó ku lala nuku i nuku.

«O cuco não gosta de trabalhar (mas, sim, cantar):
o seu ninho é uma vergonha.»

Sentido: quem não trabalha não tem o que precisa.

Prov. port.: quem não trabalha não mantém casa farta.

11) Ngundu-munu ka tunganga nzó kó:
zió zi tunga bantu ba mká,
ziá ziozio chi lala ku andi.

«O cuco não faz ninho:
no ninho que as outras aves fazem,
ele dorme.»

Sentido: quem conta com a ajuda dos outros, nunca sai da miséria.

Prov. port.: quem com seu vizinho conta, sem ceia se deita.

12) Mbembe i chi nfutukubu
bi funda nkanu.
Ngeie muntu li monho,
mana bi tuba ku ma zabizi kó.

«A águia e a coruja
estão em tribunal.
Tu, homem,
não podes saber o que elas falam.»

Sentido e Prov. port.: entre marido e mulher nunca metas a colher.

13) Mbembe li butulua ku nsi mazi:
i limbu lu sala.

«A águia nasceu em baixo da água:
o sinal é a cauda.»

Sentido: as qualidades é que distinguem as pessoas.

Prov. port.: de casta lhe vem ao galgo ter o rabo longo.

14) Muna mfuma ntete
ma mbembe ma zalama.

«Na primeira mafumeira (que encontram)
as águias poisam (para descansar).»

Sentido: onde temos família somos bem acolhidos.

Prov. port.: onde te conhecem, lugar te fazem.

15) Mbulukoko ku Mayombe,
mbembe ku mbu:
bu zika mbichi tu kele?

«O pavão (está) no Maiombe,
a águia (está) no mar:
que têm de comum?»

Sentido: cada um tem a sua família e os seus interesses.

Prov. port.: cada um é filho de seu pai.

16) Lu sala chi kussu:
muntu chi andi.

«A cauda do papagaio:
cada um tem a sua.»

Sentido e Prov. port.: cada um é como Deus o fez.

17) Kussu u kondalila munu:
Nzambi ka vanguila buna.

«O papagaio tem o bico torto:
Deus fê-lo assim.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

18) Vadangu nkuku tufi
tu ké mu muanza.

«O pato suja muito
debaixo da muanza.»

Nota: Muanza é a casa de recreio e de visitas, onde os homens se reúnem e comem.

Sentido: por todos os sinais se conclui que és culpado; não negues.

Prov. port.: pela amostra se conhece o pano.

19) Totu-nti sokelanga ntenvu:
chi salu muntu,
chi kakukula muntu.

«O pica-pau, picando, apanha vermes:
o trabalho do homem
sustenta o homem.»

Sentido: quem trabalha recolhe.

Prov. port.: madruga e verás; trabalha e terás.

20) Ntambu bakene chi tunzi,
ntambu kó.
— Agola mosse ku bobo vulukuissi?

«Esta ratoeira só apanhou um (pequeno pássaro) Martinho,
não presta.
— E se não tivesse apanhado nada?»

Sentido: contenta-te com o que tens, pois ainda podia ser pior.

Prov. port.: é melhor pouco que nada.

21) Fondo zika mam'andi vu mbulu.

«O pássaro Fondo enterrou a mãe na testa.»

Nota: Este pássaro tem um tufo de penas por cima do bico. Daí a afirmação de que nesse lugar enterrou a mãe porque o não ajudaram a fazer a cova.
O seu canto é triste, parecendo que está a chorar.

Sentido: contamos com amigos para nos ajudarem e depois não nos aparecem.

Prov. port.: se bem me quer João, suas obras o dirão.

22) Lu bende-bende ku bulula nkazi kó,
né kuba mbele.

«A andorinha não corta as penas à sua companheira,
nem afia a navalha.»

Sentido: o homem não é criado da mulher; é patrão...

Prov. port.: arrobas não são quintais, nem as coisas são iguais.

23) Buila nuni?
u vissia.

«Queres apanhar um pássaro?
agarra-o bem.»

Sentido: pensa bem antes de falar.

Prov. port.: boca fechada tira-te da baralha.

24) Buila nuni?
u vissia meni beni.

«Queres apanhar um pássaro?
Apanha-o cedinho.»

Sentido: quem quer sorte, faz por ela.

Prov. port.: quem quer peixe, molha as nádegas.

25) Chi nkuma u vemba i nu-nuni li vioka!...
Chi nkuma chi iendila vana.

«O encontro do muco nasal e do passarinho!...
O passarinho já apanhou sorte.»

Sentido: ter sorte sem contar com ela.

Prov. port.: quem está em ventura, até a formiga o ajuda.

26) Nuni li zinguila mu nti:
ma kundi ka muene ma ka liá.

«A ave está a viver em cima de uma árvore:
é que viu lá frutos para comer.»

Sentido: onde se está bem, sempre se volta.

Prov. port.: lá vão os pés onde quer o coração.

27) Nchienke, nchienke,
chi mvassi chi nsitu ami.
— Min'i kúanga.

«Um bocadinho, um bocadinho (diz o pardal das palmeiras),
para aquele que plantou o meu campo.
— Eu estou a ouvir.»

Sentido: o lucro é para o dono.

Prov. port.: primeiro estão os dentes que os parentes.

2.º — GALINHA

1) Nsussu li liá bu bote:
munu i eki fionina muna ntoto.

«A galinha comeu bem:
limpa o bico no chão.»

Sentido: depois de servidos...

Prov. port.: entrar lambendo, sair mordendo.

2) Nsussu ui liá selengo:
malu nangu, nangu.

«A galinha come formiga preta:
vai mexendo as pernas.»

Sentido: se fores obrigado a viver no meio do mal, toma providências.

Prov. port.: tenhas ovelhas e não tenhas orelhas.

3) Landa bina bi liá nsussu,
nkanu minu nsussu chi podi u liá kó.

«Se eu soubesse o que come a galinha,
nunca comeria galinha.»

Sentido: se o homem soubesse todas as manhas da mulher, nunca casaria...

Prov. port.: antes que cases, olha o que fazes, que não é nó que desates.

4) Nkuluntu nsussu:
na lembua vava,
bonsi chi bakila chi liá?

«Galinha velha:
quando deixa de esgravatar,
pode ter comida?»

Sentido: quem não trabalha...

Prov. port.: quem tem preguiça nas pernas, ganha ferrugem nos dentes.

5) Muana nsussu u zaba vava,
podi fuá nzala kó.

«Pintainho que sabe esgravatar,
nunca há-de morrer de fome.»

Sentido: quem trabalha, sempre alcança.

Prov. port.: madruga e verás; trabalha e terás.

6) Nsussu i ntu:
messu mi uanda;
mbi mbichi bakizi?

«A galinha tem cabeça:
os olhos abrem-se e fecham-se;
já te fiz algum mal?»

Sentido: não tenho noção de te ter ofendido.

Prov. port.: quem não deve, não teme.

7) Nsussu ku nuá mamba,
ku dokiminanga.

«A galinha ao beber água,
levanta a cabeça.»

Sentido: pensar antes de falar.

Prov. port.: antes escorregar de pé, que de língua.

8) Suka chi nsussu
chi monikanga enika mpemu;
mpemu u zanzulua chi au.

«A cauda da galinha
não pode ser vista sem vento;
é o vento que a espalha.»

Sentido: sem mim nada vales.

Prov. port.: cresce o ouro bem batido, como a mulher com bom marido.

9) Enika mpemu,
nkani bonsi u muene liessu li tufi li nsussu?

«Se não houvesse vento,
então como se poderia ver o ânus da galinha?»

Sentido: se te criticam é sinal que alguma fizeste...

Prov. port.: não há fumo sem fogo.

10) Nsussu ku mana bondama:
u eki suili.

«Galinha molhada (pela chuva):
é magra.»

Sentido: quando todos estão contra nós, que podemos fazer?

Prov. port.: quem não tem fortuna, na cama quebra as pernas.

11) Nsussu lala mu li luli:
malu ma telama.

«A galinha dorme na capoeira:
está de pé.»

Sentido: cada um tem os seus usos e costumes.

Prov. port.: cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso.

12) Muamba nsussu lu lali va mongo:
muna kati, mazi i mazi.

«O molho de galinha só está em cima:
em baixo, é água, só água.»

Sentido: temos boa aparência, mas a vida é diferente.

Prov. port.: são como as melancias: verdes por fora, vermelhas por dentro.

13) Semba nsussu:
bika sembi i mbaku.

«Culpa a galinha:
não culpes o gato bravo.»

Nota: a galinha, durante a noite, ficou fora da capoeira. Veio o gato bravo e comeu-a.

Sentido e Prov. port.: quem não tem juízo, o corpo lho paga.

14) Mbaku i zi nsussu:
mbaku na u bá vi iala;
abu ké nanguka,
zi nsussu zi kuiza vinguina.

«O gato bravo e as galinhas:
o gato bravo está na lixeira;
quando ele se for embora,
voltam as galinhas (para comer).»

Sentido: quando um malvado nos deixar, voltaremos à antiga paz.

Prov. port.: morte de lobo, saúde de rebanho.

15) Nzuzi i mbaku bi lianga zi nsussu:
minu chinzia zibika li luli.

«A doninha e o gato bravo comem galinhas:
por isso devo fechar o galinheiro.»

Sentido: devo ser prudente.

Prov. port.: ao perigo com tento, e ao remédio com tempo.

16) Nsussu li kakila
ma chió m'andi.

«A galinha defende
os seus ovos.»

Sentido: todos têm direito de se defender e zelar pelas suas coisas.

Prov. port.: cada um em sua casa é rei.

17) Nsussu ui tala
ma chió m'andi.

«A galinha vai olhando
para os seus ovos.»

Sentido: tomar providências e cuidado.

Prov. port.: quem adiante não olha, atrás torna.

18) Nsussu i buta,
ba nfila nkuta.

«À galinha que põe ovos
dão-se presentes.»

Sentido: a mulher que tem filhos é honrada e bem tratada.

Prov. port.: quem bem faz, bem merece.

19) Nsussu u butimina ma chió m'andi
vana va ké nnuni andi.
Bakana mese mvele kó,
u au u andi.

«A galinha choca os ovos
onde está o seu esposo.
Não é para mais ninguém,
só para ele.»

Sentido: fidelidade da mulher.

Prov. port.: à mulher casada, o marido lhe basta.

20) Nsussu mbinda,
bila muana mueka.
Ngumbi chi kanga bana.

«A galinha, que não tem sorte,
chama só por um pinto.
A perdiz está a passear com (muitos) filhos.»

Sentido e Prov. port.: contente-se cada qual com a sua sorte.

21) Nsussu mueka:
fuene kokila ku buala.

«Apenas um galo:
deve cantar no galinheiro.»

Sentido: quem manda em casa é o homem; quem manda na aldeia é o chefe.

Prov. port.: triste da casa onde a galinha canta e o galo se cala.

22) Va buala va kokila nsussu nchientu,
i bakala ku malongo i kuenda.

«No galinheiro onde canta a galinha,
sinal que o galo foi de viagem.»

Sentido: quando outros mandam pelo chefe, sinal que este é fraco. Quando a mulher manda em casa, sinal que o homem não tem a força precisa.

Prov. port.: em casa de mulher rica, ela manda, ela grita.

23) Nsussu mbenge
ui kokila ku nkuekeze.

«O galo vermelho
canta para o sogro.»

Sentido: galo ou galinha vadios, não dão lucro.

Prov. port.: ovelha que não esterca, fora do bardo.

24) Nsussu ku mana kokila:
buissi bu chiele.

«O galo acabou de cantar:
sinal que o dia já está a começar.»

Sentido: quando vires as coisas mal paradas põe-te a andar...

Prov. port.: qual o tempo, tal o tento.

25) Buna u vondila funzi
i ma manha?

«Como (se pode) matar a galinha do mato
com pedras?»

Sentido: já fiquei esperto de mais para ficar apanhado uma segunda vez.

Prov. port.: ave escarmentada, o laço receia.

XIV

INSECTOS

FORMIGA, GAFANHOTO, MOSCA

1) Nhamba selengo
u sekula ba mpesse nlalu.

«A formiga preta
faz mudar a barata do lugar de dormir.»

Sentido: se a companhia é má, foge para teres paz.

Prov. port.: ao bom darás e do mau te afastarás.

2) Zi nona zi koka nzau.

«As formigas puxam o elefante.»

Sentido e Prov. port.: a união faz a força.

3) Li koko:
malu ma vakuka.
— Bika m'au;
ma vava ma kele.

«Gafanhoto:
as tuas pernas arrancaram-se.
— Deixo ficar as pernas;
tenho asas.»

Sentido: não estou tão mal como se pensa.

Prov. port.: percam-se os anéis, salvem-se os dedos.

4) Suku li nzinzi:
tessila mu malu.

«Mexer das pernas da mosca:
ela está a adivinhar com as pernas.»

Sentido: pessoa que fala dos outros pelas costas e não de frente.

Prov. port.: foge do maldizente como da serpente.

5) Suku li nzinzi:
ku tessila ku mbussa,
ku tessila ku ntuala.

«Mexer das pernas da mosca:
adivinha atrás,
adivinha à frente.»

Sentido: os alcoviteiros, cada vez que falam, falam de seu modo.

Prov. port.: dizer bem por diante e roer por detrás.

6) Chi mbuanganzi va mongo li tongo:
kete ku li lili kó,
kaza u bá nsa.

«A mosca em cima do conduto:
não come,
mas sempre estraga.»

Sentido: podes ser bom, mas sempre falam mal de ti.

Prov. port.: nunca falta um cão que vos ladre.

7) Mbizi i mbote:
Ui vanga i au bola
n'andi nzinzi.

«A carne é boa.
O que a estraga
é a mosca.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

8) Kangala i nzinzi,
kaza ku kangalanga i nhosse kó.
Ka nhosse nkua kó.

«Vai passear com a mosca,
não vás passear com a abelha.
A abelha é vingativa.»

Sentido: junta-te aos bons e foge dos maus.

Prov. port.: junta-te aos bons, serás um deles; junta-te aos maus, serás pior do que eles.

9) Nguazi:
li vakila mu ntandu
i mu nsitu.

«A mosca pedreira:
aproveita na planície
e no mato.»

Sentido: as coisas nunca correm tão mal como se apresentam.

Prov. port.: o temor sempre suspeita o pior.

XV

ÁRVORES, PLANTAS, FRUTOS

1.º — EM GERAL

1) Numbi ku bilu:
ku songikanga toka i zala.

«A árvore Numbi no cemitério:
só se aponta com o dedo.»

Nota: Todos dizem que aquela árvore deve sair do cemitério, mas ninguém tem coragem para a arrancar.

Sentido e Prov. port.: dizer e fazer, não comem à mesma mesa.

2) Bunvu li nti!...
— Un'i ku muene kó.

«Pau muito velho!...
— Só quem ainda o não viu.»

Sentido: é velho mas tem valor.

Prov. port.: carne nova de vaca velha.

3) Bunvu li nti!...
— Un'i zabizi.

«Pau muito velho!...
— Quem o conheceu antes (é que pode dizer que era grande e de valor).»

Sentido: quem sabe é o velho; ele é que conhece e tem direito de falar.

Prov. port.: a cãs honradas não há portas fechadas.

4) Bunvu li nti!...
— Un'i zabizi
n'andi safu nkumbu.

«Pau muito velho!...
— Para quem sabe
ele é nome famoso.»

Sentido: para os entendidos ele tem valor.

Prov. port.: vinho, azeite e amigo, o mais antigo.

5) Nti u yuma:
vitumuna nti mbissu.

«Pau seco:
ao cair estraga a árvore boa.»

Sentido: tu és mau e nós sofremos as consequências.

Prov. port.: uns batem o mato, outros apanham as lebres.

6) Nti nzila mi viokila bantu:
kadi muntu chi vundila vana.

«Pau caído no caminho onde passa gente:
cada um senta-se em cima para descansar.»

Sentido: a autoridade deve atender as queixas de todos.

Prov. port.: se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.

7) Nti ué sikama ké mpemu:
zi nganzi zi simbizi.

«Pau que fica de pé no meio do vento:
as raízes agarram-se à terra.»

Sentido: chefe que fica muitos anos no cargo, é sinal que é bom.

Prov. port.: o que é bom, por si se gaba.

8) Mpingi: tu nkuanga i suali.
Ka sika suali,
kaza li vala li kambuanga kó.

«Espera: vamos fazer lenha.
Cortando a lenha,
os cavacos não faltarão.»

Sentido: na vida teremos coisas boas, mas as pequenas misérias não faltarão.

Prov. port.: o que faz bem ao fígado, faz mal ao baço.

9) Li futu futu:
mbazu mbote.

«Um tronco em brasa:
é bom fogo (mesmo que se não veja).»

Sentido e Prov. port.: onde há fumo, há fogo.

10) Ntá suali:
ngeie kambua nsinga,
podi kanga suali kó.

«Monte de lenha:
quando não tens corda,
não a podes amarrar.»

Sentido e Prov. port.: a união faz a força.

11) Lu kunha lu yuma
mang'u mbazu.
Ti nchiá ui yuminé?

«Lenha seca
não quer arder.
Porque secaste?»

Sentido: porque fizeste uma coisa se depois te recusas a tomar a responsabilidade e as consequências?

Prov. port.: quem põe as causas, sofre as consequências.

12) Mbazu mé zima!...
— Sosso i kele.

«O fogo apagou-se!...
— Mas temos lenha.»

Sentido: os velhos estão a morrer, mas há filhos novos; ainda temos esperança no futuro.

Prov. port.: enquanto há vida, há esperança.

13) Ku bunga mbazu ilolo:
benu lu vika i ntandu,
benu li popa.

«Meter fogo no tronco do Ilolo:
vós que estais a pôr fogo na planície,
estais a cansar-vos (inùtilmente).»

Nota: Ilolo é a anona da planície, que resiste a todas as secas; quando queimada, rebenta sempre.

Sentido e Prov. port.: erva ruim, azinha rebenta.

14) Ku bunga mbazu ilolo:
bonsi bila vikilanga mbazu,
u savanga tó.

«Pôr fogo ao Ilolo:
por mais fogo que façais,
sempre ele dará novas folhas.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

15) Kuibika nkondo:
buindeze.

«Pôr fogo ao embondeiro:
não dá resultado.»

Nota: O embondeiro é fibroso e todo ele é uma autêntica «esponja», de modo que o fogo não entra com ele.

Sentido e Prov. port.: gastar cera com ruim defunto.

16) Ma kaia ma nkondo:
u taba m'au,
meni tó.

«Folhas secas de embondeiro:
para as apanhar,
só de manhã (pois o sol espalha-as).»

Sentido: quem quer as coisas, previne-se.

Prov. port.: quem quer a paz, prepara a guerra

17) Ma kaia ma mfuma:
kun'i fumini, zabizi;
kun'i kuenda, sé zaba kó.

«As folhas da mafumeira:
donde saem, sei;
onde vão, não sei.»

Sentido e Prov. port.: o futuro a Deus pertence.

18) Tendele nzumbu bulu:
monanga ma sanvi,
li monanga sina kó.

«Buraco grande aberto:
podem ver-se as folhas,
não se pode ver a raiz.»

Sentido: de longe não podemos conhecer as pessoas. De longe vemos apenas as aparências.

Prov. port.: não louves até que proves.

19) Chi lambu ka kambua li sina.
— Bati Nzambi ku chi vanga kó?

«A liana (do mato) não tem raízes.
— Mas não foi Deus que a fez?»

Sentido: um homem não tem família, mas nem por isso deixa de ser pessoa.

Prov. port.: que fiandeira eu era, se ventura tivera.

20) U tinha biole bi lueze
bau ba mpana bi au.
Bonsi?
Vala ba mona.

«Duas folhas de tabaco
que eles me deram.
Porquê?
Eles sabem o meu valor.»

Sentido e Prov. port.: onde te conhecem, lugar te fazem.

21) Saka saka mueka,
kazu kazu mueka.
Muntu chi andi.

«(Come-se) uma saka de cada vez,
e uma cola de cada vez.
Cada qual (come) o que é seu.»

Nota: No testo n.º 50 encontram-se explicações sobre o fruto Saka; sobre o fruto Cola, no testo n.º 29.

Sentido e Prov. port.: o seu a seu dono.

22) Kazu kazu mueka.
Na nchientu vé.

«O fruto cola (come-se) um por um.
Não é assim com mulheres.»

Sentido: o homem não se contenta apenas com a sua esposa.

Prov. port.: pão de padeira, uma vez por semana, até sabe melhor.

23) Ndumba i buá kumunu:
uissi ma telumunu kó.

«Noz caída:
já se não pode levantar.»

Sentido: já não podemos mudar a sorte que nos veio.

Prov. port.: ao feito já não há remédio.

24) Chi fuluka,
chi yela.
Chi mbussi,
chi nkuti.

«O que está vermelho,
é sinal que está maduro.
O que está verde,
é sinal que não está maduro.»

Sentido: honrar os velhos...; já têm experiência.

Prov. port.: idade e experiência valem mais que adolescência.

25) Chiali-mioko:
u ala mioko.

«Abre as mãos (sê generoso):
mãos cheias.»

Nota: Demos explicação deste fruto no testo n.º 9.

Sentido: trata bem os outros; assim serás estimado.

Prov. port.: quem dá, também recebe.

26) Chiali-mioko:
i tambula bantu,
i keba bantu.

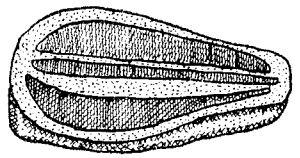
«Abre as mãos (sê generoso):
recebe as pessoas,
guarda as pessoas.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

27) Chiali-mioko:
ké ba nfumu,
ké ba nganga,
i ké ba b'onso.
Ba fuanukini ku tambula.

«Abre as mãos (sê generoso):
para os chefes,
para os feiticeiros,
para todos.
Eles te receberão.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio n.º 25.



V. Testo n.º 9 e Provérbio 25

2.º — PALMEIRA

1) Buku li bika nkulu ami:
chi podi ku li bika kó.

«Palmar deixado pelos antepassados:
não o posso deixar.»

Sentido: não podes desprezar a tua família.

Prov. port.: o sangue corre pelas veias.

2) Kuvula buku,
li bika ba kulu.

«Pergunta onde está o palmar,
que deixaram os antepassados.»

Sentido: sou de família nobre, pois tenho coisas de valor que os antepassados me deixaram.

Prov. port.: nas unhas e nos pés semelharás donde vens.

3) I nsuengi chi tini kó:
libá li nkissi.

«O pássaro Beija-flor não foge:
(está) na palmeira do feitiço.»

Sentido: não tenho medo de ninguém.

Prov. port.: quem não deve, não teme.

4) Libá ui toza nge ku mene:
abu u eka bé toza li mká?

«A tua palmeira ainda não está limpa:
porque estás já a pensar noutra?»

Nota: As palmeiras espontâneas pertencem a quem as limpa; as que são plantadas, pertencem a quem as plantou. Palmeira que não esteja limpa, além de quase não dar dendém, é tida como livre.

Sentido: casaste há pouco e já queres outra mulher?

Prov. port.: tens os olhos maiores que a barriga.

5) Libá mana buá, mué bunduka:
ka sié luchinzu kó,
ba b'onso ké ku nliata.
Libá li chinzama lili li telama:
liá li si tangunuina,
liá li nkuata li lembangana ba machi.

«Palmeira caída, que foi cortada:
ninguém a respeita;
todos vão pondo o pé em cima.
Palmeira de pé:
é a que se dá respeito,
custa muito a subir por ser muito alta.»

Sentido: enquanto temos saúde, valor, todos nos respeitam; quando ficamos doentes, ou velhos, todos nos desprezam.

Prov. port.: tanto tens, tanto vales; nada tens, nada vales.

6) Libá:
nfumu bantu.
Liaka:
nfumu bantu.

«A palmeira:
(é) dono (da vida) do homem.
A mandioca:
(é) dono (da vida) do homem.»

Nota: Da palmeira tira o cabinda: alimento(dendém, coconote), condimento (óleo de palma), bebida (vinho de palma); dos seus ramos constrói a casa ou parte dela (o tecto); faz esteiras, cestos; antigamente fazia uns «panos» rudimentares para cobrir a nudez.

Sentido: o cabinda depende da terra. Toda a sua riqueza lhe vem dela.

Prov. port.: quem mais dá, mais meu amigo é.

7) Li bakala olio
tabula ngazi mu nkunga.

«Este homem
está a cortar dendém em palmeira grande.»

Sentido: mesmo que sejas pessoa de valor, não exageres o teu poder.

Prov. port.: de homem para homem não vai força de boi.

8) Ngazi zi nsochie:
bonsi zi nhevina.

«Dendém de palmeira pequena pode ficar maduro:
mas nunca há-de ser como o da palmeira grande.»

Sentido: o velho sabe mais e tem mais valor que os novos.

Prov. port.: idade e experiência vale mais que adolescência.

9) Vu bá li yuma
u mvele i kuiza tombila nkandi.

«Duma palmeira seca
ninguém pode tirar coconote.»

Sentido e Prov. port.: ninguém dá o que não tem.

10) Mu Mpadu, ngazi mbi.
— Ngazi mbi vana sassulu,
nchiá manguina u tubila vana?

«Ó Padu, o dendém não presta.
— Quando estava a dividi-lo
porque não falaste?»

Sentido: as ofertas aceitam-se como as dão.

Prov. port.: a cavalo dado, não se olha o dente.

11) Ndoko...
Ningu ku itu...
pa... pa... nhenku... nhenku...
bu... du... u...

«Vamos...
Vamos fazer bom serviço...
(barulho ao cortar o cacho de dendém)
(barulho do cacho ao cair em terra).»

Sentido: já acabámos o que nos mandaram fazer; já obedecemos.

Prov. port.: serviço feito, não manda ninguém.

12) Libá li fula i mueka tó:
ku mana tumbuka,
tumbukuizi tó.

«Palmeira com um só cabaça (para recolher o vinho de palma):
acabaste de a tirar,
acabaste com o vinho.»

Nota: Quando a palmeira é forte e viçosa, os cabindas põem mais de uma garrafa na palmeira para tirarem vinho de palma. Se apenas põem uma, depressa ficam sem vinho, dado que cada incisão exsuda a seiva apenas durante alguns dias.

Sentido: a mulher estéril ninguém a quer, sabido como é que os cabindas querem ter muitos filhos, chegando mesmo a desfazer os casamentos estéreis.

Prov. port.: ovelha que não esterca, fora do bardo.

13) Libá li fula i mueka tó:
ngeie mana tumbuka,
nzila i fuili.

«Palmeira com uma só cabaça (para receber o vinho de palma):
acabaste de tirar a cabaça,
o caminho fica fechado (com o capim, pois não volta a ser percorrido).»

Sentido geral: amigo que se encontra na miséria, ninguém quer saber dele.

Prov. port.: mãos que não dais, por que esperais?

Sentido especial: ninguém pretende a mulher estéril.

Prov. port.: ovelha que não esterca, fora do bardo.

14) Malafu kumu muene ntala.
Ngeie, safa, u eki kuassa munu é?

«O vinho de palma foi recusado ao funil.
E tu, cabaça, já estás com a boca aberta?»

Sentido: eu tenho direito e não me queixo. Tu não tens direito e já estás a barafustar?...

Prov. port.: os que mais berram são os que têm menos razão.

15) Malafu ma ntutu:
ma ku luelu.

«Vinho de palma numa botija (de barro):
não se pode ver a medida.»

Sentido: a hora da morte ninguém a sabe; temos apenas de a aceitar.

Prov. port.: a morte não escolhe hora.

16) Tu nuá malafu,
tu bula mbungu:
ma kanha mu ku vambussiana.

«Bebemos o vinho,
partimos a caneca:
já temos caminhos diferentes.»

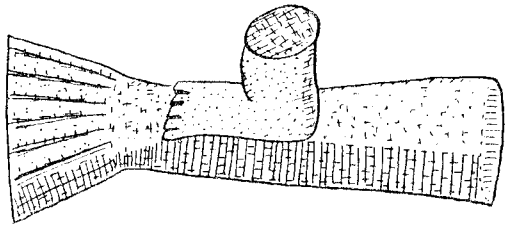
Sentido e Prov. port.: merenda comida, companhia desfeita.

17) Vana sili mbungu,
va i sili malafu.

«Onde está a caneca,
(sinal que) há vinho de palma.»

Sentido: onde está o homem tem de haver mulheres.

Prov. port.: onde vai o pião, vai o ferrão.



V. Testo n.º 251 e Provérbio 5

XVI

ALDEIA E CASA

1.º — EM GERAL

1) Buala bu kambu nfumu:
bu podi u sikama kó.

«Aldeia sem autoridade:
não pode estar sossegada.»

Sentido e Prov. port.: terra sem rei é barca sem leme.

2) Nsi kulu...

«Esta é terra velha...»

Nota: Os cabindas mudam fàcilmente de local, levando a casa para o novo lugar escolhido. Deixam, naturalmente, as plantações, onde vêm quando precisam.

Conhece-se fàcilmente se a aldeia é antiga ou nova pelas árvores de fruta que tem à volta. É evidente que nas aldeias novas não têm essas árvores. Daí não terem muitos mimos.

Prov. port.: não me enganas tu, que já sou cão velho.

3) Nsi mi ndele:
i siala nsochie kó.

«Esta terra é como a dos brancos:
aqui não há inveja.»

Nota: A aldeia «Simindele», perto de Cabinda, foi constituída, no início, por desavindos doutras aldeias, que a fundaram, ou procuraram para nela viverem em paz.

Sentido e Prov. port.: o exemplo parte de cima.

4) Baka chi munu nzó:
li mona mu kati,
i ku nganda.

«O vão da porta:
olha para dentro,
olha para fora.»

Sentido: quando há questões a resolver, o juiz deve ser imparcial, assim como o vão da parede onde se mete a porta... olha para os dois lados.

Prov. port.: a justiça é cega.

5) Li kunzi ku mbussa nzó.

«O barrote está atrás da casa.»

Nota: O suporte posterior da cobertura da casa dos cabindas pode ser torto. O da frente tem de ser direito para não parecer mal...

Sentido: parece-nos uma coisa e é outra...

Prov. port.: barro e cal encobrem muito mal.

6) Sima ioko bi mbanza:
kanga zi sosso i zi sina.

«Impede o barulho das banzas:
amarra as duas pontas.»

Nota: «Banzas» são uma espécie de «ripas» ou «canas», tiradas das costas da folha da palmeira e que os cabindas usam na construção dos tectos das casas.

Sentido e Prov. port.: a união faz a força.

7) Chika chi kambu mpetu?
Ieke tentikele koko.

«A tua cama não tem almofada?
Dobra o braço.»

Sentido: arranja-te com o que tens.

Prov. port.: melhor é palha que nada.

8) Chika.
Agola kualila luandu.

«Antigamente tinha cama.
Deixa-me agora lugar para a esteira.»

Sentido: estou na miséria mas, ao menos, deixai-me viver...

Prov. port.: não tem sal, nem em que o deitar.

9) Minu i teva chi fubu.
Buna bu kele, bu au buna.

«Já enrolei a esteira.
Como está, assim ficará.»

Sentido: sou o senhor deste objecto, faço dele o que quero.

Prov. port.: cada um naquilo que é seu manda muito.

10) Bun'i bá, i bá i banga,
i bá bi zanguilanga liá.
Abu i banga chi mana buá.
Ah, bika i lala kete va nsi.

«Antigamente tinha casa com andar,
todos gostaram de vir comer (comigo).
Agora a casa caiu.
Deixai-me ao menos dormir no chão.»

Sentido: resignação.

Prov. port.: homem pobre com pouco se alegra.

11) Komba nganda, kuiza nfumu,
vana kuiza buingi mona luchinzu.

«Limpa o terreno da casa para a chegada do chefe,
para, quando ele chegar, ficar honrado pela limpeza.»

Sentido: limpa o coração, dizendo o que tens contra mim e poderemos viver em paz.

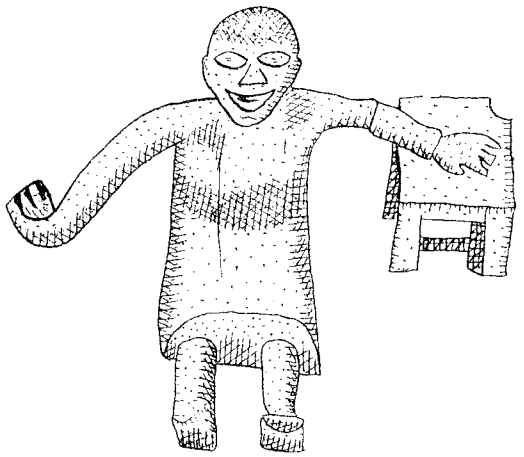
Prov. port.: pôr tudo em pratos limpos.

12) Ntendekele mpassi ba lengia:
va bé bantu,
va vingana bantu.

«Gritar a pedir socorro no sofrimento:
onde houve gente,
vai vir outra gente.»

Sentido: não desesperes nos momentos difíceis.

Prov. port.: nem todos os dias são iguais.



V. Testo n.° 62

2.º — COZINHA

1) Nkuta monanga nsola:
nsola ké monanga nkuta kó.

«O cesto olha para a plantação:
a plantação não olha para o cesto.»

Sentido: o chefe não deve estar a ver se os súbditos gostam disto, ou daquilo; dá ordens apenas.

Prov. port.: a justiça é cega.

2) Bonga mbazu tu siá mu nkutu:
oko ti kuenda, ku mpaka kó.

«Toma fogo e põe-no no saco:
para onde formos, não temos questões.»

Sentido e Prov. port.: quem vai para o mar aparelha-se em terra.

3) Nsua-ngazi mu chivu:
liambu li mueka i telamena.

«Um só pisador no almofariz:
uma só coisa espero.»

Sentido: só quero tratar deste assunto agora; o resto trata-se depois.

Prov. port.: a cada dia basta a sua malícia.

4) Vana i siá bola,
va i siá mbungu.

«Onde está a bacia,
aí está a caneca (pois são inseparáveis).»

Sentido: onde está o homem... tem de haver mulheres.

Prov. port.: onde está o pião, aí está o ferrão.

5) Vana sili mbungu,
va i sili malafu.

«Onde está a caneca,
aí há vinho de palma.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

6) Mbungu mbi i botuka li konze,
li manga nuini malafu.
— Ibila nkazi aku u bika i au.

«Caneca que não presta, sem asa,
já não serve para beber vinho de palma.
— Porque foi a tua mulher que a deixou.»

Sentido: julgar pelos sentimentos a respeito das pessoas ou das coisas.

Prov. port.: cada um vê mal ou bem conforme os olhos que tem.

7) Luchinzu lu nzungu:
li baia.

«A honra da panela:
a tampa.»

Sentido: a mulher casada é honrada.

Prov. port.: antes mulher de varredor, que amante de doutor.

8) Nzungu i kuku:
i viokeze ku lamba bi liá bi bote.

«Panela velha:
faz melhor comida.»

Sentido: os velhos têm mais valor que os novos, pois têm experiência da vida.

Prov. port.: mais vale experiência que ciência.

9) Tekulu chi mazi:
u ku kamba nzila.

«Balde para tirar água:
só os acostumados conhecem o caminho.»

Nota: Os cabindas escondem o balde perto da fonte. Só quem sabe o lugar habitual é que o pode encontrar.

Sentido: podem dizer que uma coisa, ou pessoa, é boa. Quem lida de perto com ela é que a conhece de verdade.

Prov. port.: só quem albarda a burra, sabe as manhas que ela tem.

10) Lu longa i nzungu:
ba bika ba kulu.

«Prato e panela:
que deixaram os antepassados.»

Sentido: os costumes antigos cumprem-se, não se discutem.

Prov. port.: o costume faz lei.

11) Bana bi bula zi longa,
ba fuanukini u futa.

«As crianças que partem pratos,
têm de os pagar.»

Sentido: cada um responde pelo mal que faz.

Prov. port.: como semeares assim colherás.

12) Makuku mi buta mbungi:
ibila m'issi lambala bantu kó.

«Os salalés estão sujos:
porque ninguém está a fazer comida em cima deles.»

Sentido: se a casa está suja, o dono não presta.

Prov. port.: pela aragem se vê quem vai na carruagem.

13) Makuku ma tatu
ma teliminanga nzungu:
monti nchientu bu bote ké nnuni andi.

«Três morros de salalé
suportam a panela:
quando a mulher viva bem com o marido.»

Notas: 1) Demos algumas explicações sobre os «salalés da cozinha» no testo n.º 89.

2) Seguem-se outras variantes deste mesmo provérbio.

Sentido: são precisas três coisas para a felicidade do lar, segundo os cabindas: casa, roupa, coito.

Prov. port.: saúde, amor e dinheiro.

14) Makuku ma tatu
ma teliminanga nzungu:
li mueka lia kambua,
nzungu u dukuka.

«Três morros de salalé
suportam a panela:
faltando um,
a panela cairá.»

Sentido: faltando uma dessas coisas, o lar é infeliz.

Prov. port.: casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

15) Makuku ma tatu
ma teliminanga nzungu:
ma muali,
ma podi teliminanga kó.

«Três morros de salalé
suportam a panela:
só dois,
não a podem suportar.»

Sentido e Prov. port.: casa onde não há farinha, tudo é moinha.

16) Makuku ma tatu
ma teliminanga nzungu:
ma nná,
li baba.

«Três morros de salalé
suportam a panela:
pôr quatro,
é estúpido.»

Nota: A panela em cima de quatro morros demorará a ferver, porque não há espaço para meter a lenha...

Sentido: não estragar a esposa com muitos mimos...

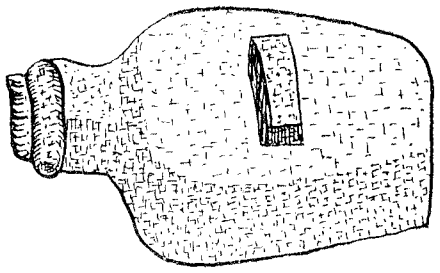
Prov. port.: faz festas à gata, arranhar-te-á na cara.

17) Bamba chi bulika va kati ku ntandu:
ba nkúa liela,
podi bulika kó.

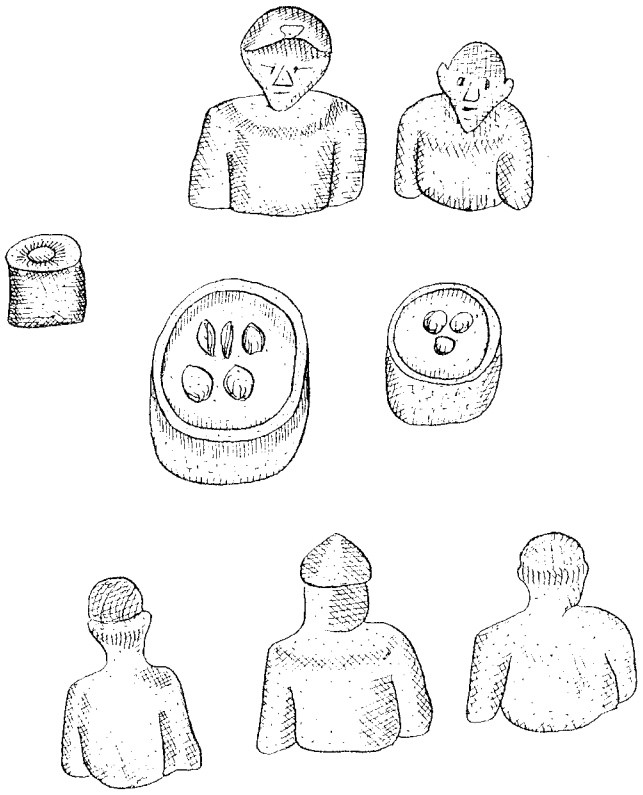
«O garrafão partiu no meio da planície:
se o dono fosse esperto,
não se teria partido.»

Sentido: sofres por tua própria culpa.

Prov. port.: quando a cabeça não tem juízo, o corpo lho paga.



V. Testo n.º 153 e Provérbio 17



V. Testo n.º 117 e Provérbio 15

XVII

COMIDA E BEBIDA

1.º — EM GERAL

1) Nzala massika:
sika i sika.
Nzala meni:
men'i mena.

«Fome de noite:
fica enterrada.
Fome de manhã:
vai crescendo.»

Sentido: quando a comida é pouca, guarda-a para de manhã, pois quando dormes não sentes a fome...

Prov. port.: quem tem fome, sonha com pão.

2) Bonsi ku vanina lila buna:
ka podi bé fuá nzala kó.

«Ao menos dá qualquer coisa para comer:
assim já se não morre de fome.»

Sentido: se te dão um bom conselho, venha lá de quem vier, não o deves desprezar.

Prov. port.: conselho recusado, trabalho redobrado.

3) Muivi li lala nzala:
Ibila na veka u zoleze.

«O ladrão dormiu com fome:
porque ele assim o quis.»

Sentido: o preguiçoso passa mal porque assim o quer.

Prov. port.: quem não tem vergonha, todo o mundo é seu.

4) Ma Vungu mi chi liá nkuta,
nkut'azu lili.

«O Mavungo comeu o matabicho (gorgeta),
que lhe foi confiado.»

Sentido: és mau e, por isso, já não tens direito à protecção da família.

Prov. port.: quem mal vive, mal acaba.

5) U liá i lunda:
ba kulu ba bika.

«Come e guarda:
assim ensinaram os antepassados.»

Sentido: toma providências.

Prov. port.: guarda que comer, não guardes que fazer.

6) Ku ma liá?
Ku ma venda?
— Tatika u liá,
ngeie u ku ma venda.

«Primeiramente comer?
Primeiramente lamber a panela?
— Começa a comer,
depois lambe a panela.»

Sentido: primeiro aprende e depois podes falar...

Prov. port.: ouve cem vezes e fala uma só.

7) Ngeie li liá,
ngeie li mona nhenze.

«Acabaste de comer,
já podes estar contente.»

Sentido e Prov. port.: barriga cheia, cara alegre.

8) Ba liá i aku:
ba bi buela salo mu lu longa.

«Quem come contigo:
é que põe novamente sal no prato.»

Sentido: agradecer com ingratidão.

Prov. port.: entrar lambendo, sair mordendo.

9) Liá,
tu seva...
Ma ké mu ntima
ku podi ku ma zaba kó.

«Comemos juntos,
estivemos a rir...
O que está no coração
não o podemos saber.»

Sentido: não sabemos o que está no coração dos outros.

Prov. port.: vemos caras, não vemos corações.

10) U liá i aku:
mbizi china,
kuna zabila mu nkula nchiefu.

«Quem come contigo:
se é carne proibida,
pode saber-se no pisar da pimenta.»

Sentido: só vivendo com alguém se pode conhecer o seu feitio.

Prov. port.: bem parece a guerra ao que está longe dela.

11) Dochi messu,
i buela li tongo!...
— Abu i tiemune,
u sa ku buela kó.

«Fecha os olhos,
dar-te-ei mais conduto!...
— Agora que estou a ver,
tu não o aumentas.»

Sentido: a mim não me enganas tu...

Prov. port.: se queres ser enganado, fecha os olhos...

12) Liessu muene tongo:
ku buala maiaka mu nkatu.

«A vista viu conduto:
na casa só come mandioca.»

Sentido: o que conta não é o que estás a ver, mas o que tens.

Prov. port.: come o que tens e não o que sonhas.

13) Lili mu liessu:
minu i sina.

«Comida na vista (isto é, vejo comida):
já sou rico.»

Sentido e Prov. port.: o que come minha vizinha, não aproveita à minha tripa.

14) Tonda mbumba buna i ké ku tola...
Ngeie mana liá,
mene...

«Agradecer com a boca cheia...
Acabou a comida,
acabou (tudo, mesmo a gratidão).»

Sentido e Prov. port.: merenda comida, companhia desfeita.

15) Tondanga mu lu longa lu liá...
Minu, monti i eka muna mambu,
benu b'onso chi podi bé ku lu mona kó.

«Agradecer quando a comida está no prato...
Quando estou com dificuldades,
nenhum de vós me aparece.»

Sentido e Prov. port.: nos perigos se conhecem os amigos.

16) Meza ma nsaka
ui vela ku aku tó:
kaza chi kuli aku kó.

«Folhas (de mandioca) para fazer saca-folha
tu apanhaste:
mas não vais pisá-las.»

Nota: «Saca-folha» é um prato usado em Cabinda à base de folhas trituradas, óleo de dendém, peixe ou carne.

Sentido e Prov. port.: começar é de todos; acabar é de poucos.

Sentido especial: casaste e agora não te dás com o teu consorte? Paciência...

Prov. port.: o noivado vem a cavalo, o arrependimento à garupa.

17) Vele nsaka ku baka chifu:
monti chi ké i aku kó,
ué ké tombanga chifu chi ngana.

«(Andas a) apanhar (folhas para) saca-folha,
arranja taboleiro (para a fazer):
se o não tens,
pede um a outra (mulher).»

Sentido: quem não tem marido está sempre a pedir favores.

Prov. port.: quem não tem marido, não tem amigo.

18) Lianha ka vilanga:
i nkonzo mueka kó.

«O milho está no fogo:
nunca o deixes ficar só de um lado (deves virá-lo).»

Sentido: para julgares, deves ouvir dos dois lados.

Prov. port.: se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.

19) Nzungu ma kuete,
i ntende ntoto.
Nzungu nsussu,
i ntende maiaka.

«Panela com rato,
cesto com banana.
Panela com galinha,
cesto com mandioca.»

Nota: A primeira vez que um amigo visitou outro, este deu-lhe uma panela com rato e um cesto de bananas. À segunda vez dava-lhe galinha e mandioca, mas já não quis...

Sentido: sempre me trataste mal; agora fazes-me festas? Agora já é tarde...

Prov. port.: gato a que mordeu a cobra, tem medo da corda.

20) Chi mana kambangana:
podi mina kó.

«O que está atravessado (na boca):
não se pode engolir.»

Sentido: o que é de mais não se aceita.

Prov. port.: o boi, tanto o picam até que se sente.

21) Mé vuna ma ké mu mbimbi:
mana ma ké mi vumu,
podi vunikissi kó.

«Já mostrei o que está na cabaça:
mas o que está no estômago,
não o posso mostrar.»

Sentido: és curioso e exigente em demasia.

Prov. port.: ao que tudo quer saber, nada se lhe dá a conhecer.

22) Sula muamba...
— Tuala fu.

«Faz muamba...
— Traz peixe...»

Nota: O homem foi pescar e disse à mulher que fizesse molho de dendém para o peixe que ele ia pescar. Afinal não pescou nada...

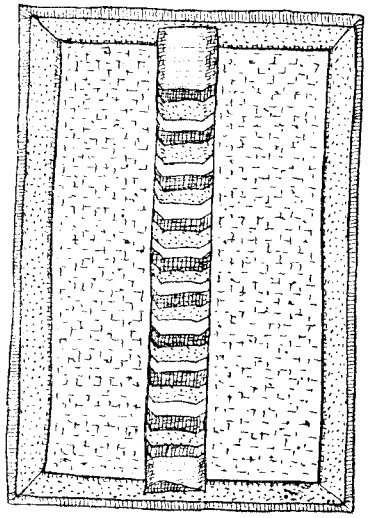
Sentido e Prov. port.: tenhamos a pata, então falaremos na salsa.

23) Vatila mu nzila:
u bé nhema.
Bau bassi mona kó?
Messu m'au ma kele.

«Plantou à beira do caminho:
gabou-se (da boa plantação).
A gente não vê?
Temos olhos.»

Sentido: o orgulhoso vangloria-se. Mas todos o conhecem já.

Prov. port.: não te envaideças do que sabes e repara no que fazes.



V. Provérbio 17

2.º — AMENDOIM

1) I ku bá mpinda nkokolioto?
I ku liá mpinda chi nunguna ina liá?
— I liá mpinda i tundua,
i ké nunanga mbongo bantu.

«Há amendoim com três sementes?
E tu come-lo com uma semente?
— Sim, como com uma semente,
porque já estou velha para ter filhos.»

Nota: O amendoim com três grãos é considerado feitiço. Guardam-no para semear por o considerarem mais forte. Dizem que é «de galo», sinal de força, fecundidade. Por isso se fala no provérbio para a mulher o comer. «Nkokolioto» é o som do galo a cantar.

O amendoim com um só fruto é tido como fraco e por isso não o semeiam.

Sentido: já estou velho e portanto tenho pouca disposição para coabitar.

Prov. port.: quem andou, já não tem para andar...

2) Mpinda i nungunu:
i buta iá veka tó.

«Amendoim com uma só semente:
só se produz a si mesmo.»

Sentido: mulher que só gerou um filho, não interessa ao homem...

Prov. port.: ovelha que não presta, fora do bardo.

3) Mpinda i mueka i siala mu «saco».

«Sempre há-de ficar um amendoim no saco.»

Nota: Esse saco é feito de banzas, de modo que sempre ficará um ou outro amendoim metido nos orifícios.

Sentido: as coisas nunca estão tão mal como se julga.

Prov. port.: enquanto há vida, há esperança.

4) Mpinda mbote i fuene...
— Li voba...

«Olha que amendoim tão bonito...
— Está vazio...»

Sentido: só de perto se avaliam as coisas.

Prov. port.: as aparências iludem.

5) Nkanga mpinda:
ku botulanga bobo kó.

«O torrador de amendoim:
nunca deixa de o provar.»

Sentido: nunca amarrar a boca do boi que debulha.

Prov. port.: esse mal farás que andes e não comerás.

6) Mpinda i aku, yaya, iá mbongo é?
A i ami iá i liá...

«Ó irmão, tu guardaste o teu amendoim para semente?
Mas comeste o meu...»

Sentido: esperteza de mais.

Prov. port.: come do teu e chama-lhe meu...

7) Mpinda mbongo:
nkandi nkuku?

«O amendoim é semente:
mas deita-se fora o coconote?»

Sentido: aproveitar o que há.

Prov. port.: come o que tens e não o que sonhas.

8) Mbongo mpinda
landukua i landukua.
Mbongo nkongo
i mueka, mueka.

«O amendoim
dá (fruto) com fartura.
A macoba
dá só um por um (em cada grão).»

Nota: No testo n.º **26** encontram-se explicações sobre amendoim e macoba.

Sentido: a mulher é que continua a família.

Prov. port.: quem bem faz, bem merece.

9) Mbongo nkongo u sika:
mbongo mpinda i sikuanga kó.

«Semente de macoba (é preciso) semear cada ano:
semente de amendoim não precisa ser semeada todos os anos.»

Sentido: a família é imortal pelas mulheres.

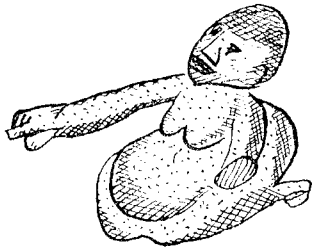
Prov. port.: quem bem faz, bem merece.

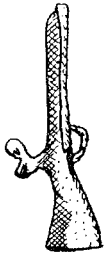
10) Ngeie li mbongo nkongo
issi landuka kó.
Au li landuka
mbongo mpinda.

«Tu és como a macoba
que não dura.
O que dura
é o amendoim.»

Sentido: a mulher é que dá valor à família.

Prov. port.: quem bem faz, bem merece.





V. Testo n.° 118

XVIII

UTENSÍLIOS

1.° — ESPINGARDA

1) Simbila utá:
minu i nena...
— Nge ma baka una ui vunga.

«Toma a espingarda:
vou defecar...
— Já apanhaste a quem enganar.»

Sentido: estás a enganar-me...

Prov. port.: estás a meter-me gato por lebre.

2) Simbila utá:
minu i nena...
— Una bakene, bakene.

«Toma a espingarda:
vou defecar...
— Quem ficou apanhado, ficou mesmo.»

Sentido e Prov. port.: como no provérbio anterior.

3) Utá ku podi sunga i muntu kó.

«A espingarda não pode fazer pouco do dono.»

Sentido: cada um é responsável pelas suas coisas.

Prov. port.: cada um responde pelos seus actos.

4) Mbekele utá i bolila:
Mu lu vukulu.

«O pau da espingarda ficou podre:
na varanda (por não haver quem a usasse).»

Sentido: a mulher que não tem marido, fica a estragar-se.

Prov. port.: figo que não é colhido, fica encarquilhado.

5) Ngeie vonda mpakassa:
u nkoto-nkoto mpakassa una vondeze na li bonga,
nkoto-nkoto ka podi kuenda kó ka muntu mká.

«Mataste um pacaça:
a garganta é para aquele que a matou,
a garganta não pode ser para outro qualquer.»

Sentido: os pais têm direito aos frutos da educação dos filhos.

Prov. port.: mau é o romeiro que diz mal do seu bordão.

6) Lu tambi lu mbizi vana mongo ma manha?
Na u konga ka podi mona kó.

«Pegada de animal em cima de pedras?
O caçador não a pode ver.»

Sentido: o que está no coração não se pode saber.

Prov. port.: quem não diz nada, faz face a tudo.

2.º — ENXADA, MACHADO, FACA

1) Nkuka nsengu li bolanga:
kaza nkuka liambu li bolanga kó;
kete kama mvu.

«O ferro da enxada pode ficar podre:
mas um mau assunto custa a esquecer;
nem em cem anos (esquece).»

Sentido: o que me fizeste é demasiado ofensivo para o esquecer.

Prov. port.: o boi, tanto o picam até que se sente.

2) Mvá nsengu:
ku vukissa ma sueba.

«O cabo da enxada:
dá bolhas ao dono.»

Sentido: sofremos com o trabalho.

Prov. port.: sem trabalho nada vem.

3) Nsengu i mvassi.

«A enxada é do trabalhador.»

Sentido: a mulher, segundo o pensar dos cabindas, é feita para coabitar e ter filhos, que são a riqueza da família.

Prov. port.: ovelha que não esterca, fora do bardo.

4) Doda vo siata?
— Ndoko, tu iélika.

«Apanhar ou cavar?
— Vamos experimentar.»

Sentido: que fazemos? Isto ou aquilo? Pensemos bem antes de nos resolvermos.

Prov. port.: quem adiante não olha, atrás torna.

5) Mbele mu mvá kele:
kaza issi nsenguele kó.

«A faca está no cabo:
ela não está sem cabo.»

Simbolismo: A faca é a mulher. O cabo é o homem...

Sentido: o homem e a mulher são feitos um para o outro.

Prov. port.: cada ovelha busca a sua parelha.

6) Mbele li kambu menu:
li vutula vana nsakassu,
buingi ka baka ba salila.

«Faca que não está bem afiada:
leva-a de novo ao fole,
para poder trabalhar (cortar).»

Sentido: tu, mulher, que não sabes trabalhar, volta para casa da tua mãe...

Prov. port.: mulher que não perde festa, pouco presta.

7) Muntu li chituka mbele chi mpiti:
menu ku ntuala,
menu ku mbussa.

«Homem com faca afiada de dois lados:
fere à frente,
fere atrás.»

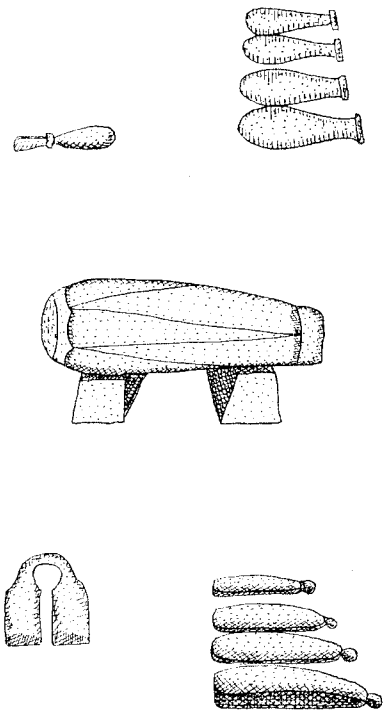
Sentido: jogar com pau de dois bicos.

Prov. port.: renego do amigo que cobre com as asas e morde com o bico.

8) Lu kondo ba velila nsafu:
i vumu chi andi chi bobo ma lu kondo;
ké li nsafu muntu tó.

«Ladra para apanhar o fruto safu:
o seu estômago nada apanha;
quem o come é o homem.»

Sentido e Prov. port.: trabalhar para aquecer é melhor morrer de frio.



V. Testo n.º 187

XIX

OBJECTOS DE MÚSICA

1) Ndungu i ilu:
i bika ba kulu.

«O tambor grande:
que deixaram os antepassados.»

Sentido: os meus antepassados eram de valor; respeitai-me.

Prov. port.: de tal gente, tal semente.

2) Ndungu i ilu
li bolala mu lu vukulu:
va siala bantu kó.
Monti bantu ba ké vau,
ba podi talanga kó i ndungu i ilu
i bola i bobo.

«O tambor grande (dos chefes)
está a apodrecer na varanda:
não ficou ninguém (para o tocar).
Se houvesse gente,
não podia ver o tambor grande
a apodrecer em vão.»

Sentido: depois da morte do chefe escolhereis outro para o seu lugar, pois a vida continua.

Prov. port.: rei morto, rei posto.

3) Zi ndungu zi tata zi bulanga mbembu:
vana zi valua.

«Os tambores do pai costumam falar:
lá onde foram fabricados.»

Sentido: a família, e a vida, continuam mesmo depois da morte do chefe da família, tal como os tambores continuam a tocar.

Prov. port.: rei morto, rei posto.

4) Minu kotuka va chika:
ké zi mpungi zi ami,
i kula,
i ngonge,
i ndungu,
i chi mpada.

«Levanto-me da cama:
tenho dentes de elefante,
tambor pequeno,
sino dos chefes,
tambor grande,
espada.»

Nota: São os sinais de nobreza entre os cabindas.

Sentido: sou de família nobre.

Prov. port.: ao homem maior, dá-lhe honra.

5) Vana va bá mpungi,
tuala nguli mpungi.

«Onde encontraste o dente (maior) de elefante,
traz o outro mais pequeno.»

Nota: Mpungi (Tata Mpungi, «dente pai») é o dente maior do elefante. Nguli Mpungi («dente mãe») é o menor.

Sentido: quando há questões a resolver, todos os interlocutores devem estar presentes e serem ouvidos.

Prov. port.: se queres ser bom juiz ouve o que cada um diz.

6) Nkoko, nti buatu.
— Sukula i singi u ienda ku sina nti.
Bika kuenda ké bi tafi,
vangi ienda ku sina nti.

«Tambor, pau de canoa (coisa de valor).
— Mostra o toque junto à raiz do tronco.
Não vás aos ramos,
mas vai à raiz do tronco (ao fazeres a canoa).»

Sentido: o valor não nos vem dos parentes mas das nossas acções.

Prov. port.: deixemos pais e avós, e por nós outros sejamos bons.

7) Nkoko, nti buatu.
— Sukula i singi chi aku.

«Tambor, pau de canoa (coisa de valor).
— Mostra o teu toque.»

Sentido: quem descende de boas famílias tem de o mostrar nas suas acções.

Prov. port.: pelas obras, e não pelo vestido, é o homem conhecido.

8) Koko va mongo ndungu:
nsichi ndungu u fuá.

«A mão em cima do tambor:
o tocador já morreu.»

Sentido: morreu o dono, tudo ficou abandonado.

Prov. port.: depois de morto, nem vinha, nem horto.

9) Sika ngoma...
— Mosse bakizi bantu kó,
ka podi sika i ngoma kó.

«Toca tambor...
— Se não tiverdes gente,
não se pode tocar tambor.»

Sentido: os homens é que dão valor à terra.

Prov. port.: os moradores é que fazem as casas.

10) Nkombo tobula ngoma:
vassi kuenda muntu mká kó,
na veka nkombo.

«A cabra furou a pele do tambor:
quem vai sofrer não é outro,
é a própria cabra (que tem de dar a sua pele).

Sentido: tu mesmo sofres os efeitos das tuas maldades.

Prov. port.: quando a cabeça não tem juízo, o corpo lho paga.

11) Ngonge i vanga nsi:
issi vonda nsi kó.

«O sino duplo (dos chefes) faz a terra:
não mata a terra.»

Nota: No testo n.º 16 encontra-se a explicação deste sino, sinal da autoridade do chefe.

Sentido: a autoridade é necessária e deve ser respeitada.

Prov. port.: perdido é o gado onde não há cão que ladre.

12) U sumba ngonge:
u zola bioko.

«Quem compra sino duplo:
gosta de barulho.»

Sentido: o chefe está sempre a ser incomodado; não tem vida sossegada. São ossos do ofício...

Prov. port.: grande nau, grande tormenta.

13) Tsaka, tsaka, i kunda:
lenda li kanda.

«O barulho do kunda:
está a ofender a (sua) família.»

Nota: Explicámos o «kunda» no testo n.º **66**. É formado por vários «chocalhos», cujo toque simultâneo dá a impressão, segundo o provérbio, de desentendimento entre eles.

Sentido: gostas de barafustar...

Prov. port.: o amigo fingido conhecê-lo-ás no arruído.

14) Nkamba ono li kuenda ku moko:
kaza n'andi u fumina kuna,
podi bué ku nkamba kó.

«Dizer àquele que vai à dança:
quando voltar da dança,
já não vale a pena falar.»

Sentido: dar conselhos depois da queda...

Prov. port.: a coelho ido, conselho vindo.

15) I lumbu china ba muene nhenze:
i eka china ma chinu.

«No dia em que estamos contentes:
vamos dançando.»

Sentido: aproveitar a ocasião; se ela passa, seremos infelizes.

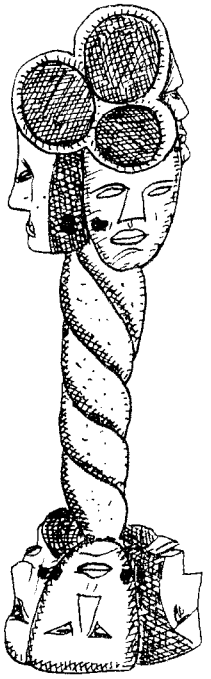
Prov. port.: nem todos os dias há carne assada.

16) Vana i muene nhenze,
vau i chinina ma chinu.
Kanu liambu li mbi,
o mu lu mana bela, o mu fuá,
ma chinu ma podi bé nheva kó,
ni tala ku au.

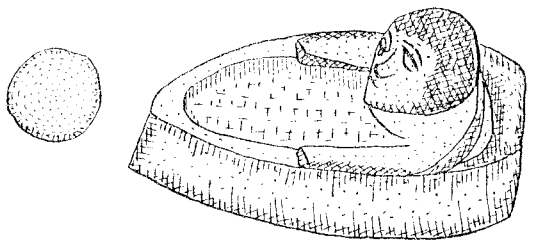
«Quando estás contente,
podes dançar.
Quando vês coisas más,
seja doente, seja morto na família,
não podes dançar,
nem sequer olhar para a dança.»

Sentido: não contes trabalhar quando doente; por isso não gastes tudo o que ganhas.

Prov. port.: guarda que comer, não guardes que fazer.



V. Provérbio 13



V. Testo n.º 207 e Provérbio 6 (pg. 230)

XX

BARCO

1) U sumba buatu:
u zola sapukula.

«Quem compra canoa:
quer navegar.»

Sentido: quem põe a causa, sinal que quer as consequências.

Prov. port.: quem semeia ventos colhe tempestades.

2) Bika buk'u monho:
kaza mu buatu bu nnene ti kuendila.

«Deixa de ter medo:
estamos numa canoa grande.»

Sentido e Prov. port.: quem tem padrinhos, não morre mouro.

3) Ngeie uissi buatu kó:
u eki tuba i li londo é?

«Tu não tens canoa:
então para que estás a falar no lugar do desembarque?»

Sentido e Prov. port.: não te metas onde não és chamado.

4) Mvumbi i buatu:
benu ba vuissi,
benu lu bela zi mpaka.

«Morto dentro da canoa:
vós que estais a remar,
vós haveis de ter questão.»

Sentido: podes ser inocente, mas as aparências são todas contra ti, por isso serás incomodado.

Prov. port.: quem se encosta ao ferro, enferrruja-se.

5) Buatu i mpussu:
podi ku sinda kó.

«Canoa que tem objecto para tirar a água fora:
não pode ir ao fundo.»

Sentido e Prov. port.: quem tem padrinhos, não morre de fome.

6) Nkufi mu buatu!...
— Na telama,
ku siela nkufi kó.

«Olha um homem tão pequeno na canoa!...
— Quando ficar de pé,
talvez não seja nada pequeno.»

Sentido e Prov. port.: as aparências iludem.

7) Bula buatu i eka baka nchinti:
nfumu ku vutuka mbu kó.

«Parte a canoa e rasga a rede:
o dono já não volta ao mar.»

Sentido: então eu sou chefe e sou desonrado? Vou-me embora.

Prov. port.: quanto se faz ao vilão, tudo é maldição.

8) Ma mbokolo ma mpanga:
muntu li bindika li kumbi li nnene.

«Âncora com corrente (pequena):
prende um barco grande.»

Sentido e Prov. port.: pequeno machado derruba grande sobreiro.

9) Siele i aku,
vuil'i aku:
ku kambu mbu kó.

«Passa para cá,
passa para lá:
não falta lugar onde está o mar.»

Sentido: por toda a parte há contrariedades.

Prov. port.: aqui nos matam, além nos esfolam.

XXI

DIVERSOS TEMAS

1) Lulondo muila nchió:
bons'u muene nchió,
chi kuenda momo mbu.

«O pequeno rio Lulondo:
por pequeno que seja,
sempre chega ao mar.»

Sentido: por mais pequenas que sejam as coisas, sempre têm algum valor.

Prov. port.: trabalho de menino é pouco, mas quem o despreza é louco.

2) Mambu ku duma:
ma tadi.

«Razão por que o rio faz barulho:
as pedras.»

Sentido e Prov. port.: onde há fumo, há fogo.

3) Lu kata lu mbongo li ami:
i nsabi i mueka.

«O cofre do meu dinheiro:
só tem uma chave (e já ta entreguei).»

Sentido: sou fiel.

Prov. port.: à mulher casada, o seu marido lhe basta.

4) Bala:
lu kata lu mbongo li ami,
mana ku aku.

«Pensa bem:
o cofre do meu dinheiro,
está vazio (por tua culpa).»

Sentido: estás a dar-me muita despesa e nenhum lucro. Podes tratar de vida...

Prov. port.: ovelha que não esterca, põe-se fora do bardo.

5) Bu kulu bu nchió:
li au olio li monekeze kó.

«O passado foi pequeno:
o presente ainda não apareceu.»

Sentido: o futuro é incerto.

Prov. port.: ninguém sabe o que está para lhe acontecer.

6) Abu ngeie li funda nkanu:
ba i liela.
Au i li funda i aku,
ngeie kambua liela ma ku vungia.

«Quando estás em tribunal:
deves estar atento.
Os teus adversários,
se não estás atento, hão-de enganar-te.»

Sentido: sabe defender-te no meio dos perigos.

Prov. port.: come com ele e guarda-te dele.

7) Ma vamba ma nzila:
nkumbanganha nzila.
Ibubu ka vitilia kó
u bandaziana ma fula.

«Encruzilhadas de caminho:
(vamos) sempre em caminho direito.
Ainda não chegou o lugar
onde nos vamos separar.»

Sentido geral: entre amigos, só a morte os separa.

Prov. port.: amor e morte, nada é mais forte.

Sentido especial: os amigos devem ser sinceros entre si.

Prov. port.: não há melhor parente que amigo fiel e prudente.

8) Vovo i kotila mu nsitu,
ntete nhobula.
I va meiu nsitu,
bonsi ké bele?

«Logo ao entrares no mato,
já ficas preso (pelas lianas).
Então no meio,
como estará?»

Sentido geral e Prov. port.: ainda agora a procissão vai no adro...

Sentido especial: a mulher, antes de casar, já é má; que será depois, quando já estiver casada?

Prov. port.: não compres mula manca cuidando que há-de sarar; nem cases com mulher má, cuidando que se há-de emendar.

9) Felelo monti u eki fula u tali,
u baka ngolo;
mazi teka nuá.
Monti ku nuini mazi kó,
ku bá chi ngolo kó.

«O ferreiro quando está a trabalhar,
precisa ter força;
tem de beber água.
Se a não bebe,
não terá força.»

Nota: «Beber água» é, para os cabindas, sinónimo de «pensar», à imagem da galinha que levanta a cabeça para engolir a água. Usam essa expressão «teka nuá mazi» no sentido de «vamos primeiro pensar», quando estão em tribunal.

Sentido: pensar antes de falar.

Prov. port.: não diga a língua por onde pague a cabeça.

10) Salu chi sama:
bonga i nama.

«Trabalho de ferreiro:
toma a tenaz (senão queimas-te).»

Sentido: toma providências.

Prov. port.: com coisas sérias não se brinca.

11) Minu i natina nkutu-kala mu lu kunha.

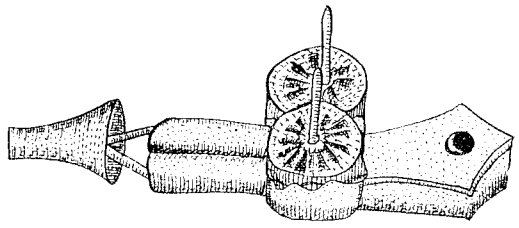
«Eu levei um escorpião na lenha.»

Sentido geral: eu mesmo trouxe a má sorte para casa.

Prov. port.: quebrou-se-me a castanha no dente.

Sentido especial: casei pensando que trazia uma boa mulher para casa e aparece-me uma serpente...

Prov. port.: cada um canta como tem graça, e casa como tem ventura.



V. Testo n.º 158

III

FILOSOFIA TRADICIONAL DOS CABINDAS

ATRAVÉS DAS SUAS ADIVINHAS

(BI NKAMBA)



As crianças distraem-se, largas horas, no desvendar de *adivinhas*.

Por Cabinda também isso acontece.

Quando visitávamos as aldeias mimoseavam-nos sempre com estes encantadores *jogos florais*...

À luz da candeia, ou do luar, íamos anotando mais esta faceta da *Filosofia Tradicional dos Cabindas*...

I

CÉU, TERRA, MAR, ESTRELAS

1) Na nchientu u buta bana ba tatu,
ba buali ba bote, ntatu lau?

Ilu, nsi, mbu.

«Uma mulher tem três filhos,
dois com juízo, o terceiro é demente?»

Céu, terra, mar.

Nota: Os três saíram da mão de Deus. O mar parece demente, pois nunca está calado, nem quieto.

2) Legedolo u kuiza, na veka tó,
a kaza Soba ké ma sodi?

Ntangu i ngonde.

«O Regedor vem só,
o Soba traz soldados?»

Sol e lua.

Nota: O maior, que é o sol, vem só. A lua vem rodeada de estrelas.

3) Nguli mueka:
muana mosse mu ndele, mosse nlatu?

Ntangu i ngonde.

«Uma mãe:
um filho é branco, o outro é mulato?»

Sol e lua.

Nota: O sol e a lua foram feitos por Deus. Um é mais claro que o outro.

4) Nkazi kuela tata,
kad'i lumbu vuata bordado tó?

Mbu.

«Mulher que casou com meu pai,
todos os dias veste bordados?»

Mar.

5) Liatanga tó, liatanga tó?

Muila.

«Sempre a andar, sempre a andar?»

Rio.

6) Nkazi i nnuni ké landagananga?

Muila i mbu.

«Esposa e marido que sempre se seguem?»

Rio e mar.

II

CRIANÇA ANTES DE NASCER

1) Tui-tui ku mongo mbu;
nkani nzaza, nkani li kumbi?

Muana ké m'i vumu.

«Alguma coisa em cima do mar;
será veleiro, será barco?»

(O sexo da) criança antes de nascer.

Nota: Isto, evidentemente, para o comum das pessoas, que não têm as possibilidades da medicina.

2) Nzaza i vanga Tata Nzambi;
bana bi kuendila mu au,
ku podi ba zaba kó?

Muana ké m'i vumu.

«Navio feito por Deus;
até aqueles que andam nele,
não o podem conhecer?»

(O sexo da) criança antes de nascer.

3) Chi ndundungu chi tubila ku nsiá mazi?
Muana ké m'i vumu.

«Tambor pequeno fala debaixo da água?»
(O sexo da) criança antes de nascer.

III

CORPO HUMANO

1) Ba tata ba ié bunda nti,
i nkodo i sié kúangama kó?
Ndabu.

«Os pais foram cortar a árvore,
mas não se pode ouvir o barulho quando ela cai?»
As pálpebras (ao abrirem e fecharem).

2) I sangala chi vanga Tata Nzambi
ti ngeie veka u podi chi mona kó?
Mbuss'aku.

«O que fez Deus
que não podes ver?»
As próprias costas.

3) Kons'u fumini u podi bué vutukua kó?
I vumu chi mama.

«Qual o lugar do qual saíste e onde nunca mais
podes entrar?»

O ventre materno.

4) Tata u senda,
i sa mana titi kó?

Mi nkondo.

«O pai anda sempre a capinar,
mas o capim nunca acaba?»

As unhas.

5) Nsola mama kuanguila uombo;
kaza makuku muali tó?

Ma bene.

«A lavra da mãe é muito larga;
ficaram nela apenas dois morros de salalé?»

Os peitos.

Nota: Os morros de salalé são formados de terra «amassada» pela formiga branca, que ficam bem visíveis nas planícies quando são queimadas, contrastando com o resto que está plano e limpo de toda a vegetação, ou elevação.

A mulher, quando limpa o terreno, para a futura plantação, corta todos os arbustos e deixa ficar apenas esses morros de salalé.

A aplicação é evidente...

6) Li lolo u vanga Nzambi,
ma lolo muali tó?

Ma bene.

«Papaia que Deus fez,
e estão apenas duas?»

Os peitos.

7) Au ti minu i kuenda.
Au ti minu i tina?

Malu.

«Este (fala): eu vou.
Aquele (diz): eu fujo?»

As pernas.

Nota: A perna fica atrás do corpo e, dentro em breve, já vai à sua frente. Parece que está a fugir do corpo.

8) Bana ba nguli
bi nuanina liambu li au?

Malu.

«Filhos da mesma mãe,
sempre a lutar pela sua razão?»

As pernas.

Nota: As pernas, em andamento, nunca ficam juntas, mas separadas, como se fossem inimigas.

9) Bakala li kuela ba nchientu buali;
u mueka ka zoleze?

Malu.

«O homem casou com duas mulheres;
mas gosta (mais) de uma?»

As pernas.

Nota: Ao andarmos, pomos sempre uma perna à frente da outra.

10) Nkomba ba ba nkukana,
kaza ba belaziana kó?

Malu.

«Os irmãos perseguem-se,
mas nunca querem estar juntos?»

As pernas.

11) Au u nduma,
au u ntina ku duma?

Malu.

«Este está a correr,
aquele está a fugir?»

As pernas.

12) Mi botuka nhundu,
ui vingana nhundu?

Tambi.

«Onde tiraram ferro,
puseram ferro?»

Passos.

13) Muan'i leze u bula mbungu:
londana.
Nkuluntu na bula mbungu:
podi londana kó?

Menu.

«A criança parte uma caneca:
pode ser composta.
O velho parte uma caneca:
não pode ser consertada?»

Os dentes.

14) I sangala bi vanga Tata Nzambi,
enika m'au kani tu podi liá kó?

Menu.

«Coisa que Deus fez,
sem a qual não podemos comer?»

Os dentes.

15) Makuku ma muali ma teliminanga nzungu?

Matu.

«Dois morros de salalé que suportam a panela?»

As orelhas.

Nota: A cozinha cabinda era, em tempos, térrea. Três morros de salalé sustentavam a panela quando estava no fogo, servindo de trempe. Por vezes dois morros de salalé tinham de fazer o mesmo serviço.

As orelhas são como dois morros de salalé, que suportam o crânio.

16) Ntandu i onso i viá,
bilolo biole buna bi telameze?

Matu.

«Toda a planície ficou queimada,
ficaram apenas duas anonas?»

As orelhas.

Nota: Depois de cortado o cabelo, surgem as orelhas, isoladas de todo o conjunto...

17) Nzau u butamena ma chió m'andi?

Li yilu.

«O elefante está a chocar os seus ovos?»

O nariz.



V. Adivinha 3 (pág. 254)

IV

ANIMAIS, INSECTOS, AVES

1) I sangala chi vanga Tata Nzambi
oko chi kuiza ioko toka?

Nzau.

«Coisa que Deus fez
que, donde vem, faz sempre muito barulho?»
O elefante.

Nota: O elefante, por onde passa, deixa sempre sinal da sua presença pelos destroços que causa. Além disso, faz grande ruído.

2) I sangala chi vanga Tata Nzambi,
kuna chi kuenda, ba b'onso mvuatu nombe?

Nzinzi.

«Coisa que Deus fez,
que anda sempre vestida de luto?»
A mosca.

3) Aku nduvi, aku nduvi,
va meiu nzau?

Sina mu nlenge.

«Aqui um arbusto, além outro arbusto,
no meio um elefante?»

O piolho no cabelo.

Nota: O cabelo dos cabindas é em forma de carapinha, semelhante a um campo com pequenos arbustos... Algumas mulheres penteiam-se de tal modo que dividem o cabelo em quadradinhos, muito parecidos a um tabuleiro de damas...

No meio do cabelo, assim penteado, o piolho é semelhante ao elefante que passeia no meio da planície...

4) Nsinda mpuku ui viokila va mongo li manha?

Sina.

«Pegada de rato que passou por cima da pedra (sem deixar sinal)?»

O piolho.

5) Ku builikissi kó?

Ngumba.

«Não se pode agarrar?»

Porco-espinho.

6) Nzó i tungua nela i nela?

Ngongolo.

«Casa feita de anéis?»

Centopeia.

7) Ma sodi ma ienda mu mvita,
kadi muntu i chicote chi andi?

Nchima.

«Soldados que vão à guerra,
levando cada um o seu chicote?»

Macaco.

Nota: Alusão à cauda do macaco que está sempre a fustigar o ar.

8) Vila-vila,
ku mbussa nkondo?

Chi mpandi.

«Vira-se depressa,
e fica logo por trás (do tronco) do embondeiro?»

Lagarto.

Nota: O lagarto das palmeiras, quando pressente alguém, levanta o pescoço, começa a olhar para todos os lados e imediatamente se esconde no lado oposto do tronco em que está.

9) Ba tata bi kuba i nzoka mu lu balu?

Nkanka.

«Os pais lançam um pedaço de pano dentro do mato?»

Esquilo.

Nota: Tal como os panos esvoaçam no ar, também a cauda do esquilo está sempre a mexer como que para dar sinal aos outros animais de que há qualquer perigo.

10) I kotika chi ba Solongo,
ba sassila nzau?

Munu kussu.

«Faca de um Mussurongo,
que serve para esquartejar um elefante?»

O bico do papagaio.

Nota: Para esquartejar um elefante é preciso muito trabalho, mas a faca fina e bem afiada dos Mussorongos (habitantes de S. António do Zaire) consegue-o.

Do mesmo modo o bico do papagaio, apesar de ser pequeno, consegue cortar e furar muito.

11) I sangala chi vanga Tata Nzambi,
kazaka i kalssa nombe,
kaza chi nkutu chi pembe?

Ngongongo.

«O que fez Deus,
com calças e casaco pretos,
e camisa branca?»

O corvo.

12) Nu-nuni i tunguila mu kuanga sekele,
mazi ku ma nuá kó?

Tunzi.

«Passarinho que faz o ninho no mar,
e não bebe água?»

O pássaro Martinho.

Nota: Este pássaro faz o ninho nas bananeiras, mas não come as bananas.

13) Chi banga chi tunga tata.
Muntu mká podi maka kó,
na veka toka?

Nsussu u butumina ma chió.

«O pai fez uma casa com andar.
Ninguém lá pode subir
a não ser ele próprio?»

A galinha a chocar os ovos.

Nota: Entre os cabindas, a galinha vai pondo os ovos e, quando já tem muitos, começa a chocá-los. Não é a mulher que a põe no choco.

Só a galinha sabe pôr-se em cima dos ovos sem os partir. O galo, se tentar, parte-os, pela certa.

14) Mu ndele u sensa ku Chiowa ku bi nkualala?

Li chió.

«Branco que desembarcou em Cabinda sem sarna?»

Ovo.

15) Vindi-vindi bu lingelo?

Li chió.

«Qual a coisa a rodar que não se pode agarrar?»

Ovo.

V

ÁRVORES, PLANTAS, FRUTOS

1) Mvumbi i fuá,
i kuindimina li bulu?

Mba i tebe.

«Cadáver de morto,
espreitando para a sua cova?»

Cacho de bananas.

Nota: Quando o cacho de bananas está criado pesa muito e fica inclinado para o solo, para o lado onde irá cair quando for cortado.

2) Nkazi tata vulila nlele va meiu ntandu?

Tebe.

«Esposa do pai que tira a roupa no meio da planície?»

A banana.

Nota: A mulher cabinda, quando começa a trabalhar no campo, tira parte da roupa para ficar mais

livre para o trabalho. Muitas vezes trabalha com o tronco nu. Tem todavia perto de si um grande lenço, ou coisa parecida, para deitar pelos ombros logo que pressinta alguém.

Igualmente, quando em viagem se comem bananas, deitam-se as cascas para o lado.

3) Mbubulu-bubulu ku Mayombe?

Meza ma tebe.

«Está a andar de um lado para o outro, no Maiombe?»

As folhas de bananeira.

Nota: As folhas de bananeira, como são grandes e finas, estão sempre em movimento, pois qualquer viração as mexe.

Quando se fala em Maiombe, nas adivinhas, é para significar uma terra distante, ou de difícil acesso.

4) Mvumbi u fuá u eka bi lumbu,
tongunua menga?

Sesse.

«Morto, já de há muitos dias,
e que ainda tem sangue?»

Árvore Sesse.

Nota: A madeira de «Sesse» é vermelha. Um dos usos caseiros a que se destina é a preparação da «túkula», usada na «casa das tintas».

5) Chi mbindi mu yimi?

Li anha.

«Fantasma com aparência de gravidez?»

O milho.

Nota: A espiga do milho, dentro das folhas, parece um fantasma...

6) Nchientu-ndumba ba tinta samba?

Fubu.

«Meretriz pintada de espinhos?»

Ananás.

7) Mua-muana chi buta mpene kó?

Mpinda.

«Criança pequena que nasceu com roupa?»

Amendoim.

Nota: O amendoim está envolvido na casca.

8) Nkazi Ma Kongo li kualimina va kati ntandu?

Zangi ba mé fulukua.

«A mulher do Rei do Congo faz a casa das tintas no meio da planície?»

Feijão vermelho.

Nota: A «casa das tintas» é a cerimónia da puberdade para as jovens, onde se usa a túkula, de cor vermelha.

9) Chi kumbi yakilila va kati ntandu?

Zangi ba mé fulukua.

«Rapariga posta na casa das tintas no meio da planície?»

Feijão vermelho.

10) Nkazi Ma Kongo bi kulikanga malu mu nzila?
Zangi.

«Mulher do Rei do Congo que estende as pernas no caminho?»

Feijão.

Nota: As plantações de feijão estão frequentemente junto dos caminhos, para o acesso ser mais fácil.

11) Ava kuenda buali,
ava kuiza uombo?

Zangi.

«Onde foram dois,
de lá saíram muitos?»

Feijão.

Nota: O feijão produz muito em terras de Cabinda. Apesar de a plantação ser pequena, dá muito.

12) I tata i mama ba fuanene?
Li eza lu mfuma i li eza lu nsaka.

«O pai e a mãe são iguais?»
A folha de mafumeira e a folha de mandioca.

13) Yobissa muana mu ndele,
a kaza chi nkutu tó?

Liaka.

«Dá banho à criança branca,
mas só lava a camisa?»

Mandioca.

Nota: As raízes de mandioca estão sujas de terra. Para ficarem limpas e brancas basta tirar-lhes a casca, pois a mandioca é branca.

14) Yobissa muana mu ndele,
muna ma lessu tó?

Liaka.

«Dá banho à criança branca,
dentro do lenço da cabeça?»

Mandioca.

Nota: O mesmo sentido que na adivinha anterior.

15) Bi chiela, kaza podi mana chiela kó?

Liaka.

«Tiram, mas nunca acabam de tirar?»

Mandioca.

Nota: Na lavra de mandioca deve-se tirar uma raiz em cada pé, e deixar ficar as outras raízes para continuarem a dar mais.

16) Ziula nhundu, zika nhundu?

Mpanza.

«Tira um, enterra outro?»

Raízes de mandica.

Nota: O mesmo sentido que na adivinha anterior.

17) Nchientu Ma Kongo bi vula nlele va meiu ntandu?
I kuanga.

«Mulher do Rei do Congo a quem tiraram os panos no meio da planície?»

Chicuanga.

Nota: A «chicuanga» é uma espécie de pão feito de mandioca fermentada e cozida. Fica em forma de rolo e embrulha-se em folhas. Quando se come, tiram-se as folhas, que se deitam fora.

18) Nguli mueka:
muana mosse mu ndele, mosse nlato, mosse fiote?
Ngazi.

«Uma mãe:
um filho é branco, outro mulato, outro preto?»
Dendém.

Nota: A palmeira dá dendém; este, por fora, é avermelhado (mulato); o caroço é preto; o coconote é branco.

19) Lu katu lu mvumbi luá lu onso sende i sende?
Chiazi chi ngazi.

«Caixão de um morto cheio de espinhos?»
Cacho de dendém.

Nota: O cacho de dendém é de um vermelho escuro, quando maduro, e tem espinhos.

20) Muntu u landa nganga,
nganga ntete?
Chiazi chi ngazi.

«O homem foi buscar o feiticeiro,
o feiticeiro chegou primeiro?»
Cacho de dendém.

Nota: O homem sobe à palmeira para cortar dendém. O cacho cai em terra e o homem ainda lá está em cima; só depois desce.

21) Nchindingu,
nkomb'andi nchindingu?
Li manha li tebila nkandi.

«Um irmão diz nchindingu,
o outro diz (também) nchindingu?»
Pedra de partir coconote.

Nota: «Nchindingu» é o barulho que fazem duas pedras ao partirem coconote.

22) Chi ngulu muana chi tata,
nchila u onso nhenhá?
Nsua-ngazi.

«Pequeno leitão do pai,
com a cauda toda vermelha?»
Pau do almofariz.

Nota: O pau, que serve para pisar dendém no almofariz, fica vermelho, da cor do dendém.

23) Mama Buanga i muan'andi?
Chivu i nsua-ngazi.

«Mãe Buanga e sua filha?»
Almofariz e pau que serve de pisador.

Nota: Andam sempre juntos e «amigos».

24) Fuindi i china mayeye?
Zi nchienvo.

«Capim que costuma dançar «mayeye»?»
As folhas de palmeira.

Nota: As folhas de palmeira estão sempre a mexer e parecem imitar os movimentos da dança nativa chamada «mayeye».

25) Abu tu iza i vuabalala,
abu tu iza i kuma lionga?

Nsoko i bá i li ilu.

«Agora estamos a baixar,
agora estamos a lançar a lança?»

O ramo mais alto da palmeira e o céu.

26) Lu tambi lu liata, nkuá baba?

Ono maka muna bá.

«Os pés andaram e não deixaram sinal?»

Subir à palmeira.

27) Nsitu ba sassila nzau,
menga nsassi-sassi?

Biazi.

«Mato onde esquartejaram o elefante,
ficou cheio de sangue?»

Piri-piri.

Nota: O piri-piri, quando maduro, é vermelho.

28) I mbizi nchió,
i mpok'andi natina mu nkambu?

Biazi.

«(Tem) pouca carne,
mas os seus chifres são levados num pau?»

Piri-piri.

Nota: O piri-piri é comparado a um animal pequeno mas mau, devido a ser muito picante.

29) Ba bakala ba vanga Tata Nzambi,
bé dassuka, bé dassuka tó?

Biazi.

«Homens feitos por Deus,
que estão sempre zangados?»

Piri-piri.

Nota: O mesmo sentido que na adivinha anterior.

30) Li kanda li onso ndochie i ndochie?

Biazi.

«Toda a família é ndochie?»

Piri-piri.

Nota: Entre os cabindas, «ndochie» é o feiticeiro mau, a que se costuma dar o nome de «comedor de almas» para o distinguir do feiticeiro normal.

O piri-piri é mau..., quer dizer, muito picante.

31) Munt'ovo i kadel'andi?

Biazi.

«Cada um com sua cadeira?»

Piri-piri.

Nota: Cada piri-piri tem o seu «cálice».

32) Li kanda li koko li mpinda,
chi li manikissi kó?

Biazi.

«Mão cheia de amendoim,
que ninguém pode acabar?»

Piri-piri.

VI

SALALÉ

1) I sangala chi vanga Tata Nzambi,
nela i nela tó?

Makuku.

«Coisa que Deus fez,
toda às janelas?»

Os salalés.

Nota: O salalé está cheio de orifícios.

2) Buna ba tenginika mpuanana?

Makuku.

«Estão inclinados com os seus chapéus?»

Os salalés.

Nota: Na parte superior, o salalé tem um rebordo em forma de chapéu.

3) Ful'i tatu;
chi ngundu chi nná?

Makuku i nzungu.

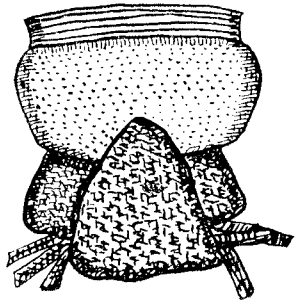
«Três paus (para tirar o vinho de palma);
a cabaça é o número quatro?»

Três salalés e a panela.

Nota: Para tirar o vinho de palma, usam-se uns paus afiados, que se espetam na palmeira para segurarem uma folha e a cabaça.

A folha faz de funil para receber as gotas de vinho; são coisas inseparáveis.

Do mesmo modo, na cozinha, andam sempre juntos os morros de salalé e a panela.



V. Adivinha 3

VII

CAMINHO

1) Mbele nkufi ba sassila nzau?

Nzila.

«Faca pequena para esquartejar o elefante?»

Caminho.

Nota: A pequena faca dos habitantes de S. António do Zaire consegue esquartejar o elefante.

O caminho, autêntico carreiro, vai sendo feito à medida que se passa e se pisa o capim. Custa pouco a fazer, mas presta grande serviço, pois nos leva onde desejamos.

2) Nti ba bundila ku Mayombe?

Nzila.

«Pau cortado no Maiombe (o seu barulho, ao cair, não o podemos ouvir)?»

Caminho.

Nota: O caminho do mato vai sendo aberto pelos transeuntes sem grande ruído, pois o capim cai sem sentirmos.

3) Nzó i onso i viá,
nkambu i siala?

Nzila.

«Ardeu toda a casa,
mas ficou a cumieira?»

Caminho.

Nota: No tempo do cacimbo queimam-se as planícies. O fogo destrói tudo, mas respeita os caminhos, que se distinguem do conjunto.

4) Nkanda ba zinga ku Mayombe;
kuna i sina, si zabanguene kó?

Nzila.

«Pele dobrada no Maiombe;
onde chega não se sabe?»

Caminho.

Nota: O caminho do mato é todo em torcicolos. Apenas uma pequena extensão dele se pode ver.

VIII

COISAS IMPOSSÍVEIS

1) Ku tangukuiza kó?

Nsenguenene, zi mbota, nlenge.

«Não se pode contar?»

Areia, estrelas, cabelo.

2) Ku li balula kó?

Li kanda li koko.

«Não pode ser mudado?»

A palma da mão.

3) Podi zaba kó?

Muana ké m'i vumu.

«Não se pode saber?»

O sexo da criança antes de nascer.

Nota: Isto, evidentemente, para o comum das pessoas, que não têm as possibilidades da medicina.

4) Chi lilikissi kó?

Nzungu mvimba.

«Não és capaz de comer (toda)?»

Panela cheia (de comida).

5) Podi chi simba kó?

Mpemu.

«Não se pode apanhar?»

O vento.

6) Podi chi mona kó?

Mpemu.

«Não se pode ver?»

O vento.

IX

DIVERSOS TEMAS

1) Nuni i nata i titi chi suka?

Ntumbu.

«Pássaro que traz capim na cauda?»

Agulha (com linha).

2) Chiodo aku mpunzu?

Tumbu.

«Cai na água e não faz lodo?»

Agulha.

3) Nsassulu luandu li bola mu lu vukulu?

Nkomb'aku.

«Esteira que fica podre na varanda (sem ser usada)?»

A tua irmã, ou o teu irmão (que não casam).

Nota: Não casamos com o nosso irmão, ou irmã.

4) Mbuá malu ma nná,
nzila Mayombe chi liatikissi kó?

Chika.

«Cão com quatro pernas,
não consegue andar nos caminhos do Maiombe?»

Cama.

Nota: Os caminhos do Maiombe eram antigamente simples carreiros, pois não havia estradas. Além disso eram estreitos e sinuosos por causa da floresta tropical.

5) I sangala chi vanga Tata Nzambi lió tó?

Lu muenu.

«Coisa que Deus fez e está sempre limpa?»

Espelho.

6) I sangala chi vanga Tata Nzambi ovo bi lambilanga,
chi manangana kó?

Ntoto nziku.

«O que fez Deus que está sempre a cozinhar-se,
e nunca pode acabar?»

Cinza.

7) Nchientu u buta mu nsitu toka,
ku buala vé?

Utá.

«Mulher que dá à luz sempre no mato,
nunca em casa?»

Espingarda.

8) Ké ntangu i kambu monika,
builu li mona ka té ku Mayombe?

Muinda.

«De dia não pode ser visto,
de noite pode ser visto até no Maiombe?»

Luz.

9) Chefe de posto i kuenda,
i limbu chi siala?

Ziku.

«O chefe de posto foi-se embora,
a bandeira ficou?»

Cicatriz de uma ferida.

Nota: A coisa principal desapareceu, mas ficou um sinal dela.

10) I sangala chi vanga Tata Nzambi
chiá chió piú?

Nzungu.

«Coisa que Deus fez
que está toda suja?»

Panela.

Nota: A panela, fabricada pelos cabindas, é feita de barro preto e com o uso mais preta fica, pois a untam com uma mistura de mafuta (óleo de palma) e cinza.

11) Mptitikili piú,
i tebe chi ma kama?

Venda nzungu.

«Ficou tudo limpo,
por meio de uma pequena banana?»
Limpar a panela com o dedo.

12) Ianga-ianga chi vanga Tata Nzambi,
kobila mu ndambu tó?
Mbazu.

«Lagoa feita por Deus,
nela só se pode tomar banho de lado?»
Fogo.

Nota: Para nos aquecermos pomo-nos ao lado do lume, mas não dentro do lume.

13) I bundu chi nkondo
nchinzi chi kele ka té vana nsina?
Lu kombussu.

«Casca de embondeiro
serve até ao fim?»
Vassoura.

Nota: Assim como o embodeiro dá fibra para cordas até ao interior do tronco, assim a vassoura se gasta até ao fim.

14) Bantu ba vanga Nzambi,
kuna bu kala i vevo toka?
Buku.

«O que fez Deus,
que tem sempre guarda-chuva?»
Cogumelo (normal).

15) Banga chi tunga Tata Nzambi,
kunzi li mueka tó?
Buku nvindu.

«Casa com andar, feita por Deus,
que tem só um barrote para a suportar?»
Cogumelo (champion).

16) Liaka ba inika ké chi mbindi
li bombanga kó?
Manha.

«Mandioca posta na água para servir de fantasma,
e que não fermenta?»
Pedra.

17) Kete zi nfumu chi lianga ovo,
i bakala olio tabulanga ku andi mata?
Mvula.

«Podem os reis estar a comer naquele lugar,
mas este homem está sempre a cuspir?»
Chuva.

18) Ma siela tó i nhitu?
Lu fuá.

«Só ficou o corpo?»
A morte.

19) Muila mazi i viokila ku nsi li tombe?
Muissi chi timba.

«Rio pequeno que passa na escuridão?»
Fumo do cachimbo.

20) Ba bana bi lossa vita,
ba nkuluntu bés telamanga tó?

I sonha.

«Os pequenos disparam a espingarda na guerra,
os velhos apenas estão de pé?»

Capim.

Nota: Ao pisarmos o capim pequeno e verde, os pés ficam feridos. Mas se pisarmos o capim alto nada acontecerá.

21) I sangala chi vanga Tata Nzambi chi lilanga,
kaza mang'u mina?

I kuaka.

«O que fez Deus que está sempre a comer,
mas nunca engole?»

Serrote.

22) Bi kudu bi kuenda,
bi kudu bi siala?

I buá.

«Os pés vão,
mas os pés ficam?»

Lugar onde se constrói a casa.

Nota: Podemos tirar a casa e mudá-la para outro lugar, mas o terreno ficará.

23) Aku nduvi, aku nduvi?

Muanza.

«Aqui um arbusto, além um arbusto?»

Tecto de palhas.

Nota: O tecto das casas cabindas é feito de palhas, folhas várias, daí nunca ficar bem direito.

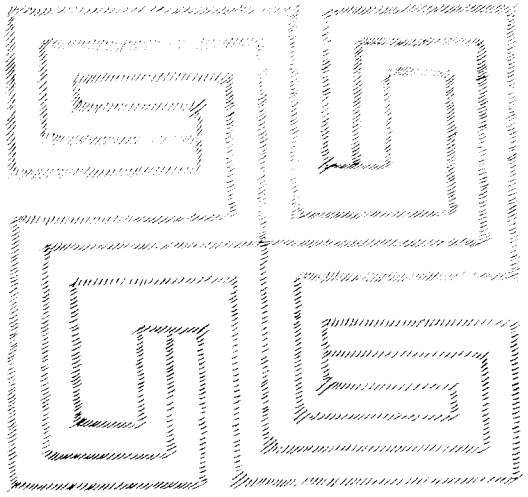
24) I teva chi tunga Bayombe?

Li konde li kalanga mu nsitu.

«Esteira que fizeram os Maiombes?»

Teia de aranha que ficou na floresta.

Nota: Esteira é uma espécie de tapete, feito de fibras de várias árvores. Esta, de que aqui se fala, é feita com folhas da palmeira leque. Algumas têm desenhos, conforme é feita a combinação das fibras e das cores, a que correspondem provérbios, sendo então de um grande valor. Normalmente usam-nas para ornato e para servirem de colchão, ou lençol, como se entender... Uma vez gastas, deitam-se fora. À volta das aldeias encontramos sempre dessas esteiras abandonadas, muitas vezes já desfiadas, parecendo autênticas teias de aranha...



V. Adivinha 24

IV

FILOSOFIA TRADICIONAL DOS CABINDAS

ATRAVÉS DAS SUAS FÁBULAS

(BI SAVU)



No nosso peregrinar apostólico por terras de Cabinda, fomos mimoseados, vezes sem conta, com verdadeiras «sessões académicas», levadas a efeito pelas aldeias que visitávamos. Aí apareciam a história, a anedota, a adivinha, a fábula, tudo ao sabor africano.

Como acontece com todos os povos bantus, os cabindas não têm uma literatura escrita, mas apenas oral que vão transmitindo fielmente de pais a filhos.

Aproveitam as noites de estio para dar largas à veia poética. Se querem honrar um seu hóspede é com idêntico repertório que o mimoseiam. Sabe bem, dizem eles, cantar, dançar, contar fábulas e adivinhas pela calada da noite, iluminados pela lua diáfana. Não precisam de outro cenário além das sombras da floresta a invadir o largo da aldeia, situado em frente da casa do chefe, do professor de primeiras letras, ou do catequista.

Numa grande roda todos se sentam. Em quê, perguntará o leitor? Em tudo... Boas cadeiras; grandes e pequenos bancos; caixotes; velhos paus já carcomidos pelo salalé. Isto para os homens. As mulheres preferem usufruir um pouco de frescura da terra, sentando-se sobre esteiras, com as pernas traçadas.

A roda está feita; é enorme. Não falta ninguém. Estão os velhos, revelhos, para matar saudades dos seus

belos dias já passados, e que não voltam. Estão as crianças de peito, às costas maternas. Estas, a princípio, seguem os movimentos dos oradores e da assistência, parecendo entender tudo. Depois, cabeça pendida, estão a fazer soneca, tendo por leito as costas das progenitoras, abanando sempre as cabecinhas, talvez em sinal de assentimento. Estão os homens, as mulheres, toda a população local.

Apenas a pequenada, até aos dez anos, «foi expulsa» para não perturbar a sessão... Na extremidade da aldeia fazem a sua academia infantil, onde se despicam no *desvendar de adivinhas* que um propõe e os outros tentam decifrar.

★

Deixemos as crianças entretidas no seu despique acalorado, e ocupemo-nos da juventude, dos homens feitos e dos... velhos. Lá estão reunidos e sentados, como atrás dissemos. O mais tagarela levanta-se. Entra no meio da roda e clama:

Arrr gu Ngoyo...
— I chi Mputo...

«Tocar o sino de Ngoyo (Cabinda)...
— Que veio de Portugal...», responde a turba.

Começa então a narração da fábula, como a seguir descreveremos. No fim de cada «assunto», a assistência responde completando a frase, ou dando a resposta final que o orador provoca. É assim nas fábulas, nos provérbios, na conversa amiga, nos problemas do dia a dia, nas disputas, nas questões difíceis que levam ao tribunal nativo. Quase não há monólogos na sua vida. Sempre diálogo; diálogo comunitário.

No momento em que os animais, ou as pessoas, intervenientes na fábula, começam a dialogar, ou a cantar, o orador faz de solista, dançando no meio da roda. A assistência faz de coro, saracoteando-se e batendo palmas, de compasso certo, em sinal de contentamento.

Durante dez minutos as toadas africanas, na sua monotonia e cadência tão características, fazem-se ouvir na imensidade da noite silenciosa e tropical. Se o canto é de alegria, há gritos estridentes. Se de tristeza, ouve-se um carpir sentido e bem imitado. Assim vai correndo a noite, ao som das vozes dos animais e do verbo inflamado dos oradores.

Falta ainda descrever um pormenor da festa.

Então aquilo vai só com cantigas e verborreia? É contra os seus usos e costumes. Ninguém, naquelas terras, fala em público sem ter alguma coisa para mastigar e sobretudo para molhar a boca. Num parêntesis bem forjado, o orador começa a dizer que tem a língua seca... Logo um velho lhe oferece qualquer bebida. Água não se gasta nessas reuniões...

Sem querermos chamar a esta gente pelo ofensivo nome de «ruminantes», devemos dizer que nas suas reuniões nunca têm os dentes e a língua inactivos. Nas terras da Europa há sempre a cerimónia da apresentação do homenageado e dos oradores. Nas terras de Cabinda, o orador não se levanta sem que um velho lhe entregue a noz de um fruto chamado «li kazu», vulgarmente chamado «cola». Fruto tónico e cheio de vitaminas. O seu gosto amargo está mesmo a condizer com o

paladar nativo. O orador vai falando, gesticulando, cantando sempre, mastigando e chupando o apreciado fruto.

★

As fábulas são inspiradas nas qualidades e defeitos dos animais que contracenam, procurando com elas causticar os abusos e pretensões de alguns habitantes, que os nativos vão observando ou de quem sofrem injustiças no seu viver quotidiano. Noutras fábulas intervêm seres humanos, encarnando personagens da região para, numa espécie de desabafo, manifestarem as amarguras por que estão passando devido ao despotismo dessas pessoas, normalmente constituídas em autoridade. Todas as fábulas terminam por uma lição moral, como não podia deixar de ser.

Antecederemos a narração com algumas *notas elucidativas* apenas quando a compreensão do tema o exigir, dado que no próprio desenrolar da narrativa já figuram alguns elementos explicativos, os quais devem ser atentamente considerados por quem quiser entrar em todo o simbolismo das fábulas.

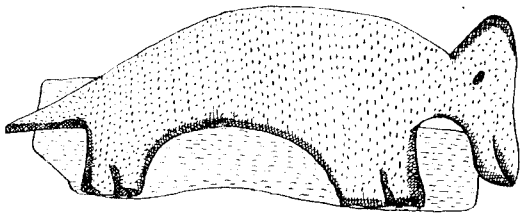
Mais dados podíamos fornecer, mas supomos alguns já conhecidos, e outros seriam tão vastos que iriam avolumar excessivamente o presente estudo. É nosso propósito completar e relacionar directamente com as várias etapas e circunstâncias da vida dos cabindas alguns dos temas focados em *Filosofia Tradicional dos Cabindas,* publicando nova obra, que já temos no prelo. Para ela reportamos os nossos leitores.

Relataremos vinte fábulas *das muitas que ouvimos nessas magnas academias* da boca do fidalgo cabinda, do desconfiado cacongo e do tímido maiombe. Proposi-

tadamente lhes deixamos ficar o sabor nativo, para melhor serem apreciadas. Para não alongarmos de mais este estudo, resolvemos não publicar o respectivo texto nativo.

Depois de lermos e examinarmos as fábulas, talvez digamos como um nosso amigo, extasiado ao lê-las, certo dia:

gente superior essa gente de Cabinda.



O leopardo fingiu-se morto..

I

O LEOPARDO «MORTO» E A GAZELA

Nota elucidativa:

Para os cabindas, a gazela e a tartaruga são o simbolo da esperteza; o elefante simboliza a estupidez. O leopardo encarna a valentia e a prepotência dos chefes.

Um dia o leopardo teve fome. Pensou na melhor maneira de arranjar comida. Depois de dar muitas voltas à cabeça, encontrou uma solução muito fácil e cómoda, única que lhe interessava.

Mandou o filho anunciar pelas redondezas que ele, Sua Alteza, o Rei da floresta, estava muito doente.

Ouviram-se então, por toda a região, os brados e cânticos do filho:

O leopardo, nosso chefe, está a morrer.
Todos os animais devem ir visitá-lo.

Apareceram logo alguns animais em casa do «moribundo». Quando este os pressentiu, deitou-se, fechou os olhos e fingiu-se morto.

Começaram a ecoar nas redondezas os cânticos dolentes:

O nosso Rei morreu, morreu...
Que tristeza a nossa.

O leopardo ficou muito silencioso. Passados momentos chegou o filho, que fechou a porta da casa. Num salto, o «morto» levantou-se e matou todos os hóspedes. Comeu alguns e guardou os outros, em lugar muito bem escondido, para futuras refeições. O filho mexia apressadamente a terra para esconder o sangue das vítimas.

Passadas horas, vieram mais animais. Entre eles contava-se a gazela, que vinha acompanhada do porco-espinho. Aquela reuniu todos os animais presentes e explicou-lhes lacònicamente as suspeitas de que estava possuída quanto a uma possível cilada do leopardo.

Todos os animais procuraram esconderijos ali perto para qualquer imprevisto. O porco-espinho não encontrou buraco para se esconder. A gazela espreitou tìmidamente para o interior da casa do leopardo e descobriu um bom esconderijo. E assim ficaram todos com as suas tocas de salvamento.

Dirigindo-se ao porco-espinho, a gazela falou assim:

Tu vais de mansinho esconder-te naquele buraco que está perto do leopardo; depois cravas-lhe no corpo um dos teus espinhos mais fortes. Quando vires as coisas mal paradas escondes-te e nós faremos o mesmo.

Todos os presentes louvaram a feliz ideia da gazela e ficaram a postos.

O porco-espinho arrastou-se a custo até junto do leopardo que se fingia morto. Estudou o local e resolveu-se a agir. Primeiro espetou os espinhos muito de

mansinho. Nada de anormal. O leopardo estava, de facto, morto.

A um sinal da gazela, o porco-espinho cravou profundamente os espinhos. A princípio o «paciente» não deu sinal de vida. Mas dali a pouco, não podendo suportar por mais tempo as dores, mexeu-se e, num ápice, levantou-se e correu em perseguição do agressor.

Toda a bicharada se entrincheirou. O leopardo barafustava, todo raivoso. Então a gazela começou, trocista, a cantar:

O leopardo é o Rei da floresta pela sua força,
mas não pela esperteza.

A bicharada, cantando e rindo, repetia em coro:

Devemos a vida à pequena e esperta gazela...
A ela devemos a vida...

II

O LEOPARDO «DOENTE» E A GAZELA

Notas elucidativas:

A *mandioca* é a base da alimentação dos cabindas; no Maiombe é a mandioca e a banana.

Deitar fogo à árvore: assim fazem por vezes, quando a querem cortar e não têm pressa que ela caia. Em tempos, convinha até deitar fogo às árvores, que se tinham cortado para construir a aldeia, para, assim, se desfazerem delas e, depois, para terem sempre fogo na aldeia.

Vinho de palma: é tirado da flor masculina da palmeira de dendém. A flor feminina dá o dendém, de que fazem óleo de palma.

Não há festa, dança, acontecimento importante da vida dos cabindas que não meta comida e vinho de palma, além do vinho «de Portugal» e o vinho licoroso, isto é, aguardente, ou similares.

O leopardo estava doente. A notícia constou logo pela região. Todos os animais o vieram visitar. Feita a cortesia, retiravam-se.

Durante a noite a gazela examinou o local e viu uma toca no tronco de uma árvore. De manhã, pé-ante-pé, chegou perto do leopardo e atirou-lhe uma pedra muito

pesada; este então levantou-se e correu atrás da gazela, que se escondeu na toca.

Estava ali perto a tartaruga que se prontificou a ir procurar um machado e fogo para apanharem a gazela.

O leopardo ficou de sentinela e cantava:

Agora é que eu te trato da saúde...
É certo, certinho...

A tartaruga, pensando já no almoço, trouxe pratos e mandioca em vez de fogo e machado. O leopardo zangou-se e deixou ficar a tartaruga de sentinela, enquanto ia buscar o machado e o fogo.

Dali a pouco a gazela espreitou e viu que o leopardo já estava longe. Cantou baixinho:

Ó tartaruga!... O leopardo já está longe?
— *Sim, muito longe,* respondeu a tartaruga.

Saiu do esconderijo e recomendou à tartaruga que, no regresso do leopardo dissesse que ainda lá estava escondida. E fugiu.

O leopardo chegou, pouco depois. Deitou fogo à árvore e com tanta força pegou no machado que em poucos minutos a deitou a baixo. Mas a gazela não estava lá...

Zangado, arremessou ao chão o machado e com as garras esquartejou a tartaruga. Ali mesmo a comeu, enquanto ia cantando:

Ao menos tu já não escapas.

Depois de a comer foi-se embora.

No dia seguinte encontrou a gazela, que se escondeu num buraco. Muito prazenteiro, o leopardo veio cumprimentá-la.

A gazela, como o viu muito suado, perguntou-lhe:

— *Tens sede?*
— *Tenho, e bastante.*
— *Se queres, tens aí vinho nessas cabaças dependuradas nas bananeiras, que eu cortei. É um vinho esplêndido. Bebe à vontade...*
— *Nunca ouvi falar no vinho de bananeiras...*
— *O vinho de palma é bom, mas o de bananeiras é melhor.*
— *Então vou prová-lo.*

O leopardo provou, gostou e bebeu-o todo.

— *É de facto, uma maravilha,* disse ele.
— *Como vês, nunca te engano,* comentou a gazela.
— *Vou já fazer o mesmo às minhas bananeiras...,* concluiu o leopardo, que largou à desfilada.

No dia seguinte, todo apressado, e já com água na boca, foi ao bananal para se refrescar com o delicioso vinho. Provou; fez uma careta e partiu todas as cabaças... Aquilo era água chilra... Arrancou as bananeiras e jurou vingar-se.

Foi procurar a gazela, que tão hàbilmente metera o vinho de palma nas cabaças e depois dependurara nas bananeiras, no dia anterior. Não a encontrou, pois a essa hora andava ela a passear pela floresta.

Entrou na casa da gazela e viu uma caixa com bichos. Soltou-os logo. Começaram a cantar:

Gazela pequena e esperta!...
Vem que o Rei leopardo te espera...

Os bichos desapareceram para voltarem pouco depois. Então a gazela espreitou a uma frincha. Ao ver a habilidade dos bichinhos, o leopardo esqueceu-se do ódio

que o minava e começou a perguntar à gazela onde tinha encontrado aquela maravilha. Esta respondeu que era fruto da sua esperteza...

Todo amabilidades, o leopardo pediu-lhe para, no dia seguinte, ir a sua casa onde teria uma caixinha com alguns bichinhos para ela treinar, pois eram criados muito baratos.

A gazela não se fez rogada e lá apareceu. Abriu a caixa aos bichos, que nunca mais voltaram... Cansado de esperar por eles no local marcado para o encontro, o leopardo voltou a casa e encontrou a caixa vazia; dos bichos nem sinais...

Ficou raivoso. A correr foi ao encontro da gazela. Esta já contava com a visita e estava em lugar seguro.

Perto do local fumegava uma panela cheia de carne, exalando um cheiro maravilhoso. O leopardo ficou fora de si ao sentir tal cheiro. A gazela, conhecendo a sua glutonice, perguntou-lhe:

— *Tens fome?*
— *Alguma.*
— *Se quiseres..., tens aí uma panela de carne. Eu já comi...*
— *É boa?*
— *Prova e depois me dirás...*

O leopardo provou, gostou e fartou-se.

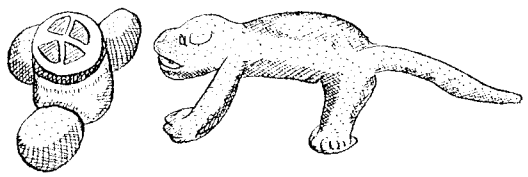
— *Que carne é esta tão boa?*
— *É o corpo de minha mãe,* disse a gazela.

O leopardo esqueceu-se do ódio que ali o trouxera e foi procurar a sua mãe, matou-a e cozinhou-a. Quando a provou, era tão dura, que lançou a panela e a comida por terra. E lá se foi tudo...

A gazela, que muito cedo se dirigira para o local, ao ver a façanha do leopardo, começou a rir-se muito e a dançar na toca da árvore, cantando com entusiasmo:

Para que te serve a força do corpo
com uma cabeça tão tapada?!...

E desde esse momento os dois amigos nunca mais se puderam ver.



O leopardo ficou fora de si...

III

O LEOPARDO FAMINTO E O ANTÍLOPE

O leopardo estava com fome. Fez uma batida pela floresta mas nada encontrou. Desesperado, voltou para casa. Ao chegar perto de um rio encontrou um porco do mato muito doente, a gemer, a gemer. Tinha sido escorraçado pela manada.

Com ar felino lançou-se sobre o infeliz, que, ferido como estava, não pôde fugir. Esquartejou-o e comeu-o ali mesmo.

Escondido entre os arbustos estava um antílope que assistiu àquela selvajaria, todo revoltado. Não se conteve e chamou-o à razão nestes termos, cantando trocista:

Malvado!... Para que te serve a força?
Vingas a tua ânsia de felino num pobre indefeso...

O leopardo levou muito a mal aquele falar e lançou-se sobre o antílope. Este fugiu. O leopardo continuou a persegui-lo.

Aflito, o antílope entrou de roldão em casa da gazela, que desconfiou logo do que se tratava e indicou-lhe um

molho de lenha num canto da casa. Aí se escondeu mas deixou ficar os galhos de fora. A gazela aconselhou-o a que se escondesse totalmente, pois os seus galhos se distinguiam da lenha. Mas o antílope achou que não era preciso tal cuidado, pois não havia diferença.

Momentos depois chegou o leopardo. Dirigiu-se à gazela nestes termos:

Vi entrar para aqui o antílope. Ou me dizes onde está, ou te mato...

A gazela, toda trémula, disse:

Resolvei entre vós as vossas questiúnculas e não me metais nelas.

Ameaçador, o leopardo avançou sobre a gazela. Então esta, toda contrita e suplicante, exclamou:

Senhor, tendes olhos melhores que os meus...
Olhai à vontade para todos os cantos da casa...

O leopardo assim fez. Fixou atentamente a lenha. Aproximou-se mais e viu os galhos do antílope por entre o molho da lenha. Com as garras agarrou-o pelo pescoço e torceu-lho. Deixou-o agonizante e foi-se embora.

Quando o leopardo já estava longe, a gazela começou a cantar:

Pobre irmão antílope!...
Por causa da tua vaidade e imprudência vais morrer...

O «moribundo», gemendo, ia cantarolando tristemente:

Se tenho baixado a cabeça como tu dizias...

A gazela rematou, cantando:

Agora já é tarde...

IV

O CÃO E O TROVÃO

Notas elucidativas:

óleo de palma: é o azeite de palma, extraído do dendém.
Só a mulher e os filhos transportavam o óleo de palma: Assim é, na prática. Raramente o homem carrega fardos «caseiros».

Um homem casou. Teve três filhos. Um dia a mulher foi com os filhos ao comércio vender óleo de palma. A distância que tinham a percorrer era muito grande e toda coberta de floresta. Levaram o cão, companheiro inseparável dos maiombes.

A meio do caminho começou a chover. Os filhos atrasaram-se, pois estavam cansados. Foram surpreendidos por um cão muito grande com a cauda em forma de roda. Assustaram-se, como era natural, e correram apressados para junto da mãe, a cantar e a fugir quanto podiam...

Este cão é muito feio... e dá desgraça...

O cão doméstico repetia sempre, a compasso:

Mau-mau... Mau-mau...

A mãe disse-lhes:

Cuidado, filhos, que esse cão é mau.

Mal acabara de pronunciar estas palavras, apareceu junto deles o dito cão. Agarrou o cão doméstico pelo pescoço e voou com ele para as alturas, cantando sempre:

Tráááá... Tráááá... Tráááá...

O cão doméstico latia baixinho:

Mau-mau... Mau-mau...

De uma grande altura o cão doméstico caiu e partiu uma perna. Desde esse dia, todos conhecem a origem do trovão: o encontro de um cão muito feio e grande, com a cauda em forma de roda, e um cão pequeno e doméstico.

Tráááá... Tráááá...

ladra o cão gigante e malvado: é o ribombar do trovão.

Mau-mau... Mau-mau...

late baixinho o cão doméstico: é a chuva caindo mansamente na copa das árvores frondosas da floresta do Maiombe...

V

O PÁSSARO E O ELEFANTE

O passarinho «Ntiete» é muito pequeno. Um dia encontrou o elefante.

Ao vê-lo, o elefante aprumou-se o mais que pôde e começou a zombar dele por causa da sua pequenez.

— *Mas tu és um «morcego»... não vês nada,* disse o passarinho.
— *É o que te parece...*
— *Bom, então vamos fazer uma experiência...*
— *Agora mesmo...*

O passarinho levantou voo e começou a cantar:

O elefante é um ceguinho... Não vê nada...

O elefante ergueu as orelhas e fixou os olhos no firmamento. O passarinho desaparecera. Mas não demorou que tornasse a cantar:

O elefante é um ceguinho... Não vê nada...

Então tornou a olhar para todos os lados. Levantou a tromba, farejou; mas nada... Apenas ouvia a voz

escarninha do passarinho que se lhe dirigiu nestes termos:

— *Então, ceguinho, não me vês...?*
— *De facto...*, disse o elefante.
— *Então espera que já vais saber onde estou...*, disse o passarinho, picando-lhe a orelha.

O elefante barafustou. Fugindo para a copa de uma árvore, o passarinho começou a cantar:

É para que saibas... que «corpo grande... alma de pau»...
Olho fino, amigo!...

Desde esse momento o elefante mostra-se zangado e taciturno por um pequeno passarinho o ter vencido em finura e esperteza.

VI

A TARTARUGA, O ELEFANTE E A BALEIA

Notas elucidativas:

O elefante tropeçou na tartaruga e ainda se zangou: a prepotência dos chefes é que está em causa e se quer causticar.

Comeram o elefante e a baleia, dançando e cantando: assim é nas caçadas abundantes; assim é em todos os momentos importantes da vida dos cabindas.

O elefante andava a passear perto da lagoa. Tropeçou na tartaruga. Injuriou-a até mais não. Revoltada, a tartaruga quis mostrar-lhe que o único culpado era ele. Bem sossegada estava ela, a apanhar sol...

Travaram-se de razões e a tartaruga propôs ao elefante uma disputa para ver qual valia mais. Sorridente, o elefante aceitou logo. Marcou-se o dia, a hora e o local.

Apressadamente a tartaruga dirigiu-se para o mar. Viu perto um repuxo de água e assim localizou uma enorme baleia. Aproximou-se e ia para a cumprimentar, mas a rainha dos mares deu um golpe de cauda na água e dirigiu palavras ofensivas à tartaruga. Sentiu-se esta

e, sem mais delongas, propôs à baleia para medirem forças. Marcaram o dia, hora e local.

No dia seguinte a tartaruga não parou um instante. Foi empenhar todos os seus haveres e comprou uma corda grossa e comprida. Deu uma das extremidades ao elefante; a outra à baleia. À hora marcada os dois começaram a puxar, cada um para seu lado e quanto mais podiam.

Horas depois, passadas em dura e forte luta, encontraram-se frente a frente, à beira do mar. As forças eram iguais e a tartaruga tinha marcado os locais para começar a disputa a igual distância da praia. Foi uma luta de gigantes. Os golpes foram tão fortes que os dois ficaram por terra, em agonia.

Devido ao barulho da refrega, compareceram no local todos os animais da região, que acabaram de matar os dois inimigos. Despedaçaram-nos e comeram-nos ali mesmo, ao som da dança e no meio de uma alegria indiscritível. Cantavam em coro alternadamente:

Aos grandes ninguém pode tocar... Pobres dos fracos...
Mas a tartaruga, apesar de pequena, soube vingar-se das ofensas recebidas.

Desde esse dia, todos os animais respeitam e têm em grande consideração a tartaruga.

VII

O REI, OS CRIADOS E AS TARTARUGAS

Notas elucidativas:

O rei era velho: «morria no seu posto». Para o fim da vida já não podia controlar devidamente os destinos do reino e daí os nobres e chefes abusarem, por vezes, das suas prerrogativas.

Bebeu cinco litros de vinho de palma: coisa normal e agradável...

Era levado em tipóia: assim eram levados os nobres e todos aqueles que se queriam honrar.

O criado foi espancado e preso por ter comido uma tartaruga, dado que estava com fome: prepotências dos grandes sobre os pequenos.

Tomar banho no rio: passatempo favorito de todos os cabindas. Para isso — e para terem perto a água para consumo — constroem as aldeias perto dos rios, ou das nascentes.

Havia um rei muito poderoso e mau. Quando andava em visita aos súbditos, os criados sofriam muito, pois tinham de o levar de tipóia e era muito pesado. Por tudo e por nada mandava-os espancar. A respeito de comida era ainda pior. Nunca lhes dava de comer.

Quando o rei dormia, os criados iam tomar banho ao rio e começavam a cantar:

O nosso rei é mau... Faz-nos sofrer muito...

O criado mais velho cantava sempre o mesmo estribilho:

Tende paciência... Um dia havemos de ser bem tratados.

E lá regressavam à aldeia mais frescos e animados.

O rei gostava muito de comer tartarugas. Os pobres dos criados vagueavam dias e dias, cansados e contrafeitos, só para o rei se comprazer com aquele manjar.

Certo dia um criado caçou uma tartaruga e resolveu comê-la pois estava com muita fome. O rei veio a sabê-lo e mandou castigar e prender o atrevido. À hora do descanso, os colegas iam até junto da «prisão» e começavam a cantar:

O nosso companheiro é um infeliz... Sofre muito...

O criado mais velho calmamente respondia-lhes em toada alegre:

Paciência... Virão melhores dias...

Os anos foram passando. O rei, que já não era novo, foi envelhecendo. Via mal; entendia muito pouco e mal podia andar. Por isso os criados levavam já uma vida melhor.

Certa tarde, os criados voltaram da caça com seis tartarugas. Um deles ficou a cozinhá-las enquanto os outros foram tomar banho. A antiga cantilena fez-se ouvir:

O nosso rei é mau... Faz-nos sofrer muito...

O criado mais velho retorquia:

Calai-vos que isso agora vai mudar de figura...

E nada mais disse. Os companheiros não atingiram o alcance daquelas palavras.

À hora do jantar, o criado mais velho foi à cozinha, mandou embora o criado que fizera de cozinheiro e ele mesmo foi servir o rei. Chegou, pôs a mesa e chamou o rei para jantar. Este ia a provar as tartarugas mas achou-as muito rijas. Admirou-se extraordinàriamente. Mas logo o criado explicou:

Saiba, Majestade, que as tartarugas eram muito velhas.

— *Estão intragáveis. Parecem pedra,* disse o rei.

— *De facto assim é. Nestes tempos ninguém caça tartarugas, de modo que vivem muitos anos. Ficam muito rijas e no fim da vida transformam-se em pedra.*

Meio convencido, o rei tentou ainda comer. Mas desistiu. Logo o criado insistiu:

Estas eram, de facto, muito velhas. Nunca vi coisa igual.

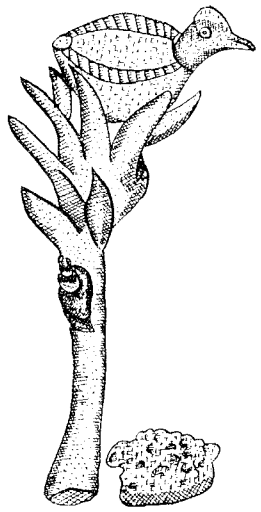
— *Paciência,* disse o rei. *Traz-me cinco litros de vinho de palma para passar bem a noite.*

E lá ficou o rei a beber, a beber. Tanto bebeu que, pouco depois, ressonava estrondosamente. Na cozinha os criados comiam satisfeitos as seis tartarugas, cantando entre grande algazarra:

Agora sim que vamos viver bem, depois de tanto termos sofrido...

O criado mais velho dava largas ao seu contentamento cantando:

Não há bem que sempre dure...,
nem mal que ature...



Quem tem corpo bonito...

VIII

A TARTARUGA, A ÁGUIA, O CARACOL E O CAÇADOR

A tartaruga estava junto de uma árvore a descansar. Sentiu os passos de um caçador que se aproximava. E, sem mais, escondeu-se na erva que ali havia.

Do esconderijo segredou ao caracol, que nesse momento se espreguiçava num ramo, que avisasse a vaidosa da águia, empoleirada lá mesmo no cimo, para que se escondesse. A águia começou a cantar:

Quem tem corpo bonito não o deve esconder...

Para prova do que cantava, esvoaçou estrondosamente para um ramo vizinho. O caçador, atraído pelo ruído, descobriu-a e fez pontaria. A águia ficou dependurada no ramo mais baixo da árvore, agonizante.

O caçador aproximou-se e com o cano da espingarda abanou o ramo. A águia baqueou no chão. O caçador foi para a apanhar, mas tropeçou numa tartaruga e desequilibrou-se. Ficou radiante. Ao procurar uma liana enleada na árvore, para atar a tartaruga, pôs as mãos

em cima de um caracol. Exultou de alegria com o achado, pois já tinha onde meter, mais tarde, os seus feitiços (1).

Todo satisfeito partiu para casa, pensando já na boa refeição que a sua mulher lhe ia preparar. A tartaruga, à cinta do caçador, ia cantando:

Estás a ver, águia, no que deu a tua prosápia?...

— *Ah!... Ah!... Ah!...*, dizia a águia no seu agonizar lento.

— *Pouca sorte...*, lamentava-se o caracol.

— *Conversas!... Tarde piastes!...*, ia trauteando o caçador a caminho de casa.

(1) Os cabindas costumavam defumar os caracóis para os comer, guardando a concha para nela recolherem religiosamente os seus feitiços.

IX

A TARTARUGA E O PORCO-ESPINHO

A tartaruga lembrou-se um dia de construir a sua casa. Percorreu o local e achou que o mais prático era habitar um buraco que encontrara entre duas pedras. E assim fez.

Casa já tinha. Faltava-lhe agora arranjar comida.

Tinha visto por ali pequenas ratoeiras, feitas por crianças, para apanhar pássaros. Outras maiores, feitas pelos homens, para apanhar animais. Fez também uma destas a muito custo.

A primeira vez que a armou, caçou um macaco. Começou a cantar e a dançar à volta do infeliz:

Carne já eu tenho... mas quem me ajudará a levá-la para casa?

Apareceu logo o porco-espinho que se prontificou para a ajudar. Defumaram a presa. Depois a tartaruga convidou o companheiro para um banho, antes de jantarem. Foram para o rio. A tartaruga nadava muito

bem. Saiu para fora do banho e disse ao porco-espinho que fosse mostrar a sua habilidade.

Este aguentava-se pouco tempo na água, pelo que a tartaruga se riu muito. Mandou-o sair e entrou ela, dizendo:

Vais ver como me aguento muito tempo debaixo da água. Uma hora pelo menos...
— *Não podes,* disse o porco-espinho.
— *Vamos então ver...*

A tartaruga mergulhou. A alguns metros de distância apareceu à superfície.

— *Foi pouco tempo,* disse o porco-espinho.
— *Bom, então agora vais ver. Vou ficar duas horas debaixo da água.*

E desapareceu. Quando já estava longe, saiu da água, escondeu-se por entre o arvoredo e foi comer o macaco. O resto escondeu-o bem no fundo do buraco que lhe servia de casa.

Desesperado de tanto esperar, o porco-espinho veio para casa da tartaruga. Encontrou-a a ressonar dentro do buraco. Acordou-a e perguntou:

— *Onde está a carne do macaco?*
— *Na barriguinha uma parte. A outra cá dentro de casa para os dias que se vão seguir*

O porco-espinho ficou muito zangado. Tentou meter os espinhos dentro da casa da tartaruga para a ferir, mas esta lá dentro ia cantando:

Coitado... Não chegas cá...

O porco-espinho, furioso, cantava nervosamente:

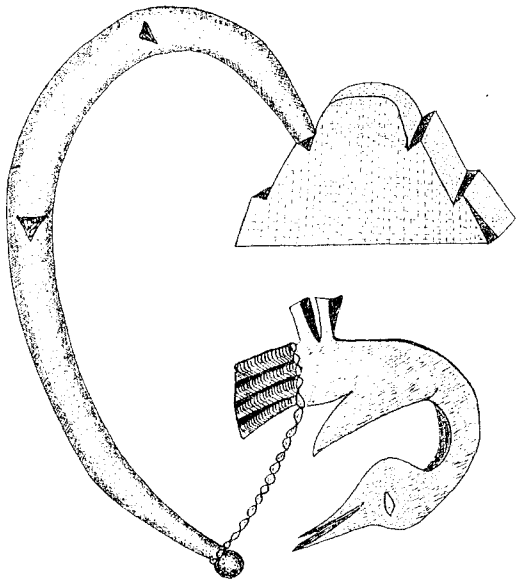
Não te caço dentro da casa...
mas fico à espera que saias...

Ao que a tartaruga retorquia em voz maviosa:

Fica!... Fica!... Não me incomodo...
Tenho cá fornecimento para oito dias...

Passados três dias de vigilância contínua, o porco-espinho morreu de fome e sono. A tartaruga saiu então para fora e começou a comê-lo enquanto cantava toda satisfeita:

Coitado!... De pouco te valeram os espinhos que tens no corpo...
Morreste de fome e de ódio.



O passarinho ficou preso na ratoeira...

X

O HOMEM, A MULHER COM A SUA PLANTAÇÃO E A ALMA DO OUTRO MUNDO

Notas elucidativas:

O homem bateu na mulher; esta foi para junto da sua família, etc.: acontece isso muitas vezes. Além do *susto* que se quer meter ao marido temos ainda a considerar as ofertas que ele terá de dar à mulher e à família para a trazer, de novo, para casa. Chama-se a isso «casamento do cesto à cabeça», para dizer que a mulher anda sempre no caminho que medeia entre a casa do marido e a casa da família com os seus pertences no cesto...

Almas do outro mundo: chi mbindi, lhe chamam os cabindas. Fantasmas, almas do outro mundo, traduzimos nós, embora a tradução seja difícil e não totalmente exacta.

Como todos os homens, o cabinda é supersticioso; tem medo dos mortos; das «almas do outro mundo» e das suas «aparições».

Um homem casou. Só com uma mulher. Não com duas.

Tinham algumas reservas de alimentos, mas, passado pouco tempo, comeram tudo. A mulher fizera já uma grande plantação com mandioca, milho, batata doce. Todos os dias andava lá a trabalhar, mas o capim cres-

cia muito. Nunca acabava. Parecia que quanto mais a mulher trabalhava, mais capim nascia.

Falou no caso ao homem, que imediatamente foi pôr uma armadilha no campo. E deu logo resultado, pois dali a dias um passarinho, que costumava ir lá semear o capim, ficou preso na ratoeira. Logo que o homem o viu preso começou a cantar:

Agora já eu apanhei o malvado...
O capim vai acabar na plantação.

Levou o passarinho para casa e entregou-o à mulher para o cozinhar. Esta meteu-o na capoeira.

Na manhã seguinte ia apanhá-lo para o cozinhar, mas o espertalhão fugiu. A mulher começou a chorar, em tom de canção:

O pássaro fugiu...
Grande desgraça a minha...
Fugiu... Fugiu...

A filha, ao saber do sucedido, disse à mãe que matasse uma galinha e assim o pai não chegaria a saber da fuga do passarinho. À tarde chegou o pai; quis comer e perguntou:

— *Já mataste o pássaro?*
— *Já.*
— *Vamos comê-lo.*

Ao provar, viu logo o engano, pois notou que a carne era de galinha. Zangou-se, barafustou e bateu na mulher. Esta, de noite, juntou as suas coisas e foi para junto da sua família, toda zangada.

Passaram-se quatro dias e a mulher ainda não tinha regressado a casa. O homem subiu às palmeiras, arranjou vinho de palma, comprou uma garrafa de «vinho licoroso» e pôs-se a caminho ao encontro da mulher.

Na viagem encontrou «uma cabeça». Apenas a cabeça de uma pessoa, com olhos, boca, orelhas. Nada mais. A cabeça falou e disse:

Papá, dá-me o embrulho que levas, pois eu vou ajudar-te na viagem.

O homem, cheio de medo, entregou o embrulho e seguiram juntos o caminho.

Chegados à aldeia, procuraram a família da mulher; juntaram-se todos os parentes; resolveram a discórdia; o homem fez as ofertas e ficou resolvido que, nesse dia à tarde, a mulher voltaria ao lar, ante a promessa de bom trato, feita pelo marido.

Antes de partirem, o genro foi convidado para comer. Num local à parte prepararam a refeição para a «cabeça». Esta entrou, comeu tudo e, por fim, engoliu pratos e garfos... Nem a panela escapou. Muito à pressa foi à outra mesa, comeu tudo o que estava destinado ao genro e engoliu tudo o que estava em cima da mesa.

A família, ao ver aquilo, pediu ao genro que se fosse imediatamente embora. E puseram-se a caminho.

Tudo correu bem a princípio. A dado momento a cabeça mandou parar a comitiva. No mesmo instante apareceu uma «segunda cabeça», que foi mandada pela primeira cabeça buscar água ao rio próximo numa cabaça. Largou a correr. Enchia a cabaça, mas a água escoava-se logo pelos buracos. Tentou muitas vezes, mas sempre em vão.

Uma rã, que estava perto, viu aquilo e começou a cantar:

Cabeça louca!... Nunca poderás levar a água na cabaça...
És cabeça louca... muito louca...

A cabeça ficou muito zangada. Discutiram muito. O tempo foi passando. Como a água nunca mais aparecia, a primeira cabeça, cansada de esperar, começou a falar ao homem, à mulher e à filha, que a acompanhavam:

Sabeis o que aconteceu no vosso campo? O passarinho que o homem apanhou transformou-se em mim. Se a mulher me matasse, eu agora havia de matar o homem por vingança. Como a mulher me não matou, eu perdoo ao homem.

O homem agradeceu, todo trémulo. Nesse momento, a primeira cabeça começou a dançar, a dançar com muita força, e sempre a cantar:

Estou vingada com a vergonha que te fiz passar em casa dos teus sogros.
E aprende, desta vez para sempre, pois todos têm direito à vida.

XI

O HOMEM, A MULHER E AS ALMAS DO OUTRO MUNDO, AMANTES DE VINHO

Notas elucidativas:

Do chumbo fez uma droga, com que lhe pintou as faces: alusão à pintura das faces com mpezu (gesso especial) de cor branca que, pelo ingrediente e pela cor, se julga atrair as benesses dos bons espíritos e afastar os incómodos dos maus.

A catana à cinta: esta faz de faca, navalha, enxada, machado, pá; não pode faltar na bagagem dos cabindas que viajam, ou trabalham no mato.

Liana do mato: os cipós são muito abundantes por lá e substituem fàcilmente as cordas e os cordéis.

Um homem casou. A sua mulher preparou um grande campo para plantar mandioca. As almas do outro mundo, quando viram um campo tão limpo, foram para lá dançar todas as noites.

O homem e a mulher zangaram-se e de noite foram lá esconder-se. Quando as almas do outro mundo chegaram, começaram a dançar como de costume. O estribilho do canto era sempre o mesmo:

Nós dançamos no campo da mulher.

O homem pegou na espingarda, deu tiros e matou todas as almas do outro mundo. Só uma conseguiu escapar, que, sem perda de tempo, tirou o chumbo do corpo das companheiras e fez com ele uma droga. Pintou-lhes as «faces» com aquela droga e todas ressuscitaram.

A dança continuou todas as noites, sempre com o mesmo estribilho:

Nós dançamos no campo da mulher.

Certa noite espreitaram o caçador. Surpreenderam-no, amarraram-no e esconderam-no para no próximo sábado fazerem com ele um grande banquete.

O homem começou a chorar, inconsolável. Mas, passada a primeira aflição, tirou da cinta a catana, cortou as lianas do mato com que estava amarrado; com elas fez uma guitarra e começou a tocar.

As almas do outro mundo não resistiram à música e começaram a dançar. Para a festa ser mais animada mandaram o homem subir às palmeiras para lhes arranjar vinho de palma. Beberam, dançaram e, por fim, deitaram-se todas a dormir, depois de terem amarrado novamente o homem.

Quando todas dormiam, chegou a mulher; soltou o marido e ambos fugiram. Quando já estavam longe, começaram a cantar e a dançar todos contentes:

As almas do outro mundo perderam um bom almoço por gostarem muito de vinho de palma. Grande sorte a nossa...

XII

AS RAPARIGAS E A ALMA DO OUTRO MUNDO

Notas elucidativas:

Fogo para o cachimbo: os homens e as mulheres — sobretudo os de certa idade — não dispensam o cachimbo. No local do trabalho têm sempre fogo perto para poderem fumar à vontade. Por vezes levam, de casa, um tição.

Passar o rio a vau: à falta de ponte, não há outro remédio. Os doentes, as crianças, as pessoas de idade e de importância são levadas «às cavalitas»...

Um dia as raparigas de uma aldeia foram para o mato à procura de lenha. Andaram, andaram e juntaram muita lenha.

Ao voltar para casa, viram fumo. Uma delas disse:

Esperai um pouco que vou além buscar fogo para o cachimbo.

As companheiras sentaram-se à sua espera. Ao chegar lá, a rapariga viu um velho sentado ao lume. Acendeu o cachimbo e puxou umas fumaças. O velho ofereceu-lhe arroz e peixe, que estava comendo. Pouco depois a rapariga despediu-se do velho, mas este prontificou-se a acompanhá-la.

Ao passarem um rio, que não tinha ponte, o velho pediu-lhe para o passar às costas, pois estava com muito reumatismo. A rapariga acedeu. Quando estavam na outra margem, mandou-o descer das costas, mas o velho suplicou que o levasse mais um pouco, uma vez que tinha poucas forças para andar.

Pouco depois a rapariga parou e mandou-o descer. Como ele se recusasse, deitou-o ao chão... O velho zangou-se, agarrou a rapariga pelo pescoço e obrigou-a a pagar-lhe a comida que lhe tinha dado. Quis esganá-la, mas ela gritou. As companheiras foram em seu auxílio; o velho bateu em todas; a gritaria foi enorme. Um coro de vozes, em pranto, se fez ouvir:

O velho mata-nos... Acudam-nos!...

Pouco depois apareceram alguns caçadores da aldeia. O velho, que era «chimbindi» (alma do outro mundo) começou a fugir. Os caçadores perseguiram-no. Em vão. Os cães seguiram-lhe no encalço, latindo.

A alma do outro mundo entrou num tronco escavado. Os caçadores recuaram, pois aquela árvore era o feitiço protector da aldeia. Fitaram por momentos a árvore. Depois a alma do outro mundo saiu do esconderijo e caiu morta no solo.

Acorreram as raparigas. Viram, admiradas, a alma do outro mundo estendida no solo. Esquecidas da lenha, correram para a aldeia a cantar em altos gritos:

O nosso feitiço livrou-nos da alma do outro mundo...

Ao seu encontro veio toda a aldeia, que repetia sem cessar:

Foi castigo, pois ela queria fazer mal às nossas filhas.

XIII

A MULHER E A ALMA DO OUTRO MUNDO, COM QUEM CASOU

Notas elucidativas:

Os apaixonados fugiram sem consentimento da família: é caso raro. Pelo contexto deduz-se que era uma prostituta e, neste caso, já se compreende mais fàcilmente tal proceder.

Peixe seco: defumam a carne, o peixe para o guardarem sem se estragar.

Numa aldeia nasceu uma rapariga. Teve muitos pretendentes, pois era muito bonita. Mas ela não quis nenhum.

Certo dia, passou na aldeia uma alma do outro mundo; a menina viu-a e disse logo:

Aí vem o meu namorado.

A família não concordou com aquele casamento, mas um dia fugiram para muito longe, deixando toda a família na tristeza.

Logo ao sair da aldeia, a alma do outro mundo começou a mastigar um rato seco que tinha guardado no

bolso. A mulher pediu-lhe um pedaço, mas a alma do outro mundo disse-lhe que já o tinha comido todo. Pouco depois apanhou uma barata; a mulher fez o mesmo pedido e recebeu idêntica resposta.

Já muito de noite, indo eles ainda a caminho, a alma deixou cair o chapéu. A mulher quis apanhá-lo, mas a alma não lho consentiu. De cem em cem metros caía uma peça do vestuário do corpo da alma do outro mundo. E nunca a mulher foi autorizada a apanhar nada.

Depois das calças terem caído, foi a vez das mãos e dos pés. Ao ver isto, a menina começou a chorar. Lembrou-se do conselho que a família lhe dera para não casar com aquela alma. Quis fugir. Mas era de noite; não sabia o caminho e estava transida de medo.

Quando chegaram perto de um rio, a alma do outro mundo começou a cantar:

Anda cá, canoa... Vem depressa...

Imediatamente surgiu a canoa, vinda da outra margem. Entraram nela. Fizeram-se ao largo e durante a travessia a alma começou a tocar tambor e a cantar:

A minha mulher já me não foge... Já está na canoa...

Na outra margem esperavam-nas muitas almas do outro mundo. Foi uma grande festa. A dança durou toda a noite. O barulho da festança fazia-se ouvir na aldeia da menina.

Sem perda de tempo, um seu irmão seguiu para o local donde vinha o barulho. Passou o rio a nado. Depois correu, correu, carregado de vinho de palma. Quando chegou ao local da dança, começou também a dançar, e a oferecer vinho de palma a todas as almas do outro

mundo. Em seguida ofereceu-lhes tabaco forte. Dali a pouco todas dormiam, cansadas e embriagadas.

Os dois irmãos fugiram apressados para casa da família. A aldeia em peso recebeu-os a cantar:

Este irmão é um grande herói...

O coro respondia:

As almas do outro mundo gostam de casar...
mas gostam mais de vinho...

XIV

O HOMEM, AS DUAS MULHERES E O PEIXE

Notas elucidativas:

A mulher estéril: é tida como «criança», como inútil para o marido e para o próprio clã.

A mulher que tivesse só um filho: era como se fosse estéril.

Saiu da casa do marido e levou consigo o filho: este pertence à família da mulher.

Pescar com o cesto: assim pescam as mulheres. Os homens também usam a rede, o veneno.

Um homem casou com duas mulheres... Era de família rica.

A primeira mulher teve muitos filhos; a segunda só um. Por este motivo foi expulsa da casa, tendo também contribuído para isso os conselhos dados ao marido pela primeira mulher.

A mulher que fora expulsa levou todas as coisas que lhe pertenciam, incluindo o próprio filho. Certo dia foi pescar e apanhou muito peixe. Ficou contente, como é de supor. No dia seguinte voltou ao mesmo local para pescar. Apanhou um peixe muito grande. Para lhe não

fugir, pegou na catana para o matar. Mas quando estava prestes a desferir o golpe, o peixe começou a cantar:

Alto!... Não me mates... Sou homem!...

A mulher, estarrecida, puxou-o para terra. O peixe pediu água; depois um pouco de peixe. A mulher ia-o servindo. Teve sono e deitou-se. Pediu à mulher para lhe tirar as lêndeas; pouco depois ressonava.

A mulher aproveitou a oportunidade para lhe roubar a espada (chi-mpaba) e fugiu, espavorida.

O peixe acordou e deu pela falta da mulher e da espada (chi-mpaba). Levantou-se e começou a cantar:

A mulher roubou-me... É muito má...

Quando a mulher estava a cozinhar o outro peixe que tinha pescado, recebeu a visita da primeira mulher, sua antiga companheira em casa do homem. Como vinha com fome, pediu-lhe algum peixe. Mas não o recebeu:

Que fosse pescar, disse a outra mulher, *pois havia muito peixe nesse dia.*

Ao ouvir tal notícia, imediatamente correu para casa; agarrou o cesto e dirigiu-se para o local da pesca. Apanhou muitos peixes. No fim da tarde, lançou de novo o cesto e pescou um peixe muito grande. Quis matá-lo com a catana, mas o peixe começou a cantar:

Alto!... Não me mates... Sou homem!...

A mulher atirou com ele para terra. O peixe pediu água. A mulher deu-lha. Mandou que lhe tirasse as lêndeas e pouco depois ressonava. Então ela aproveitou a ocasião para lhe roubar o sino, símbolo da sua autoridade.

Ao acordar, o peixe começou a lamuriar-se dizendo:

Agora estou perdido. Roubaram-me todos os meus distintivos de nobreza e de mando.

Viu a mulher ao longe e começou a cantar em voz forte:

Ó mulher!... Não fujas... Sou teu amigo... Espera aí...

A mulher esperou. O peixe chegou junto dela, pediu-lhe a catana emprestada para cortar uns arbustos. Penetrou na floresta, deu uma volta e, sem se fazer notar, chegou junto da mulher e cortou-lhe a cabeça, enquanto ia cantando:

Lançaste na miséria a companheira, conseguindo a sua expulsão da casa do teu marido... Por isso me vingo agora de ti. Fica para aí a agonizar...

XV

O HOMEM, A MULHER E A COMIDA

Notas elucidativas:

O homem come sòzinho: na casa familiar, ou numa varanda anexa. Juntam-se-lhe os filhos mais velhos e alguns amigos. A mulher come na cozinha com as filhas e os filhos mais novos.

A mulher é que trabalha nos campos, na agricultura; o homem tem apenas a obrigação de fazer a derruba das árvores para a futura plantação.

Um homem e uma mulher casaram. Como é costume, a mulher fazia a comida para o homem. Punha-lha na mesa, na sala principal da casa. Guardava a sua parte na cozinha.

O homem, ao chegar da floresta, tinha sempre muita fome; comia a parte que lhe estava destinada, dava volta à cozinha e limpava a panela onde a mulher tinha guardada a sua comida. Isto acontecia todos os dias. O homem andava gordo. A mulher era uma linha... As coisas não podiam continuar assim.

Certo dia, a mulher foi consultar o feiticeiro vizinho. Contou-lhe as desgraças familiares e recebeu umas drogas em troca de algum dinheiro.

Sorridente, a mulher voltou para casa. Como de costume, fez a comida para o casal e a distribuição da mesma.

À tarde, o homem chegou a casa, morto de fome, e limpou as duas panelas. Não estava ainda satisfeito e começou a lamber com a língua a panela que tinha guardada a comida da mulher. Tantas voltas deu com a cabeça que ficou preso na panela, sem poder sair. Ficou aflito e o caso não era para menos.

Gritou. Apareceu a filha. Pasmada de susto, correu pela aldeia e toda a gente compareceu. Ninguém conseguiu tirar a panela da cabeça do pobre homem. A filha começou a cantar:

O papá vai morrer, vai morrer...

Os presentes cantavam em coro:

Vai morrer o pobre homem... Vai... Vai...

Pouco depois chegou a esposa. Viu o sarilho que reinava em casa e riu-se muito. Mas o homem tinha os olhos tapados pela panela e, no meio de tanta balbúrdia e aflição, nem deu pela troça da mulher, que cantava toda contente:

Para lição já chega...
Vou salvar o meu pobre marido...

Os circunstantes respondiam:

Fazes bem... És boa mulher...

Entrou a mulher em casa; foi ao quarto de dormir; abriu uma caixinha e foi ao encontro do marido. Com os ingredientes que o feiticeiro lhe dera, conseguiu que a cabeça ficasse a descoberto; a panela caiu no chão

em pedaços, tal era a zanga do marido. Tanta vergonha apanhou que naquele dia ninguém mais o viu.

Na floresta começou a pensar no sucedido e resolveu ir ter com o feiticeiro. Contou-lhe a história e este, em troca de longa soma, ensinou-lhe o modo de se vingar:

Tomas estes pós, lança-os na plantação de batata doce que está junto da casa; depois espera... pelo resultado.

Passadas semanas vieram uns dias de muita chuva e a mulher não pôde ir trabalhar para os campos. Como os provimentos começassem a faltar, não teve outro remédio senão encetar a nova plantação que tinha junto à casa, sempre guardada para se ver livre de apuros quando alguma visita chegasse inesperadamente.

Arrancou batata doce e cozinhou-a. Quando estava a cozinhar, provou e achou-a deliciosa. Como tinha muita fome, começou imediatamente a comer, contràriamente ao que sempre fazia, pois servia sempre o homem em primeiro lugar.

Sentiu, porém, séria dificuldade em engolir o que já tinha na boca. Acrescia que o pedaço que tinha entre dentes estava cada vez mais duro, e, se não estava em erro, crescia a cada momento.

Estava quase sufocada. Correu ao encontro da filha e, por sinais, manifestou-lhe a sua aflição. A filha começou a cantar:

A mãe está aflita... Pobre da minha mãe...

Acorreram os vizinhos que em coro cantavam:

Vai morrer... Vai... Vai...

Quando o homem chegou da floresta, viu a mulher naquele estado e riu-se muito. Barafustou ela apenas por gestos, já que por palavras não podia.

Com os ingredientes cedidos pelo feiticeiro, o homem fez diminuir a batata doce, que saiu sem dificuldade da boca da mulher. Então começou ele a cantar e a dançar com toda a animação:

Estás a ver?... Há dias envergonhaste-me... Hoje foi a tua vez...

E toda a aldeia repetia em coro:

Foi muito bem feito...

XVI

O HOMEM E O MACACO

Notas elucidativas:

Pôs a cabeça do macaco no fumeiro: por cima da lareira, espetam-se quatro estacas e sobre elas coloca-se uma *rede*, feita de lianas do mato. Aí ficam algumas panelas, os utensílios da cozinha, algumas sementes, carne e peixe para defumar.

O pai levou o filho para a floresta: os filhos, pelos seis anos, começam a acompanhar o pai para todos os lados. As filhas andam sempre com a mãe.

Certo dia, um homem foi à caça. Viu um macaco a rir-se dele. Ficou zangado; fez pontaria e o animal caiu no chão, agonizante. Levou a cabeça para casa e pô-la no fumeiro.

Mais tarde esta cabeça transformou-se em mulher. Fazia a comida ao homem, quando este andava a trabalhar fora de casa. Logo que o pressentia, a mulher transformava-se em macaco.

Um dia o homem, que desde há muito andava desconfiado por encontrar sempre a comida em cima da mesa, escondeu-se e surpreendeu a cabeça de macaco que estava a cozinhar, como de costume.

A cabeça ficou preocupada, prostrou-se por terra e cantava toda dolorosa:

Casa comigo... Casa...
Casa, meu rico amigo...

O homem aceitou. Fizeram-se os preparativos e a festa do casamento correu animada. Passado um ano nasceu-lhes um filho. Quando este cresceu, o pai levou-o consigo para a floresta. Ao ver as cabaças de vinho de palma, partiu-as. O pai ficou zangado e disse-lhe:

Bem se vê que sais à tua mãe, que é uma cabeça de macaco.

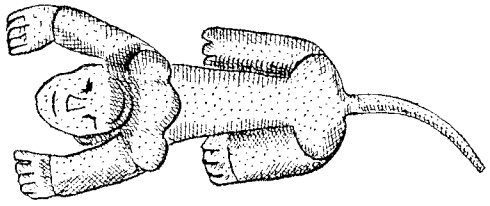
O filho, contristado por esta reprimenda, começou a correr para casa, cantando sempre:

A minha mãe é uma cabeça de macaco...

Ao ouvir a canção, a mãe transformou-se em cabeça de macaco, tal como antigamente tinha sido. E o filho seguiu o exemplo da mãe.

O pai, desde esse dia, quando vai à caça, nunca consegue matar outros animais. Falha sempre o tiro. Mata só macacos. Quando estes expiram, começam a gemer e a cantar:

Foi castigo que a tua mulher te deu...



XVII

A NOIVA E OS TRÊS NAMORADOS, AUSENTES NA EUROPA

Notas elucidativas:

A tia materna: é ela a responsável pelas sobrinhas. Claro que aquele «casamento» não se resolveu de modo tão simples. Foi necessário consultar o resto da família e fazer várias cerimónias e reuniões antes de aceitar o pretendente.

Casaria com a menina aquele que primeiro apresentasse o dote: em tempos isso aconteceu, uma vez ou outra.

A multidão dançava, cantava, chorando a defunta: assim é, realmente.

Malvados os feitiços: por terem ocasionado a morte. É que, para os cabindas, a morte nunca é «natural». Há sempre uma «razão especial»: inveja, vingança, feitiçaria, etc. ...

Havia numa aldeia uma menina muito bonita.

Foi um dia passear com as companheiras a uma terra distante. Apareceram logo três pretendentes. Acompanhava-a sua tia materna que estabeleceu logo, como condição, um grande dote.

Os pretendentes não desanimaram. Sem prévio acordo, cada qual resolveu embarcar para a Europa

a fim de lá arranjar dinheiro suficiente para o dote e sem grande perda de tempo.

Volvidos anos encontraram-se os três. Estavam bem de saúde e com bons princípios de vida, pois a sorte bafejava-os. Falaram da sua aldeia, dos seus tempos de rapazes. E todos à uma perguntaram:

Como estará a nossa namorada?

Lamentaram não terem conseguido já dinheiro suficiente para o alambamento, que era muito grande. O pior ainda era que, por vontade da tia da noiva — a verdadeira «dona» e responsável pelo seu futuro — o primeiro que apresentasse o dote seria quem casaria com ela.

Um deles assestou o binóculo, que graciosamente trazia a tiracolo, e virou-o para a sua terra distante. Viu lá grande movimento, e numa cama estava a menina, muito doente. Ao lado, os velhos e o feiticeiro para a curar. Os outros não acreditaram, mas renderam-se à evidência olhando pelo binóculo.

Ficaram preocupados e aflitos. Um deles ofereceu o seu avião para irem imediatamente até ao seu povo, uma vez que de barco teriam muita demora. Levantaram voo e, pelo binóculo, iam vendo que a menina estava cada vez pior. O terceiro disse ao aviador:

Vai mais depressa pois eu sou empregado de farmácia e conheço um medicamento que opera maravilhas.

O avião voava muito. Quando chegaram junto da casa, o empregado da farmácia tirou um pequeno frasco do bolso; ia a entrar mas não o deixaram, dizendo que a menina já estava morta. Só então ouviu o que a multidão cantava, entre lágrimas e compasso de dança:

A menina já morreu. Que tristeza tão grande.
Malvados os feitiços.

O coro cantava assim:

Que pena!... Era tão linda.

A muito custo, o ajudante de farmácia entrou em casa. Abriu a boca à menina e deu-lhe o medicamento. No mesmo instante a menina ressuscitou... Foi um explodir de alegria quando o caso foi sabido pelos presentes. Durou pouco tempo porque os três namorados se travaram de razões.

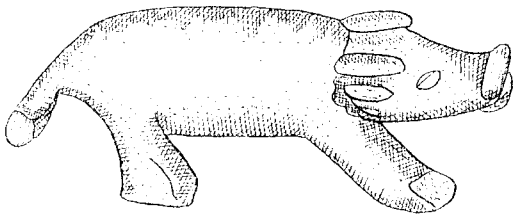
— *A menina é minha,* dizia o do binóculo. *Eu é que descobri que estava doente.*
— *Não. A menina é minha,* dizia o do avião, *pois se não fosse o meu avião não teríamos chegado a tempo.*
— *Nunca. Ela é minha e só minha,* afirmava o ajudante de farmácia, *uma vez que a fiz voltar à vida.*

Envolveram-se os três em grande desordem. Eles e todo o povo. O resultado foi terem morrido os três. Organizou-se um enorme cortejo a caminho do cemitério. A menina, toda chorosa, cantava em tom dolente:

A vida da mulher é uma vida infeliz.
Por causa do casamento não há paz na nossa terra. Só luto.

A assistência, muito numerosa, ululava em sons plangentes:

Os três a queriam..., os três a perderam...



Veio depois a pacaça...

XVIII

A MENINA E OS PRETENDENTES

Notas elucidativas:

A mafumeira é uma árvore alta, direita e muito grossa. Daí a dificuldade de se chegar lá ao cimo.

Vai beijar a tua mãe: é um dos insultos mais graves entre os cabindas, pois essas palavras são ditas enquanto se indicam — ou mostram, realmente — as próprias nádegas ao interlocutor.

A tartaruga ficou tristonha: a gazela confiara-lhe a «menina»; o leopardo raptou-a. A gazela iria exigir-lhe contas severas, dado que a tartaruga *tinha na cabeça* a «menina». Por esta expressão responsabilizam os cabindas alguém por uma coisa, ou pessoa, que entregam para guardar. Pelos descuidos havidos, pelos contratempos surgidos, o responsável terá de dar contas, quantas vezes em tribunal. Razão tinha a tartaruga para estar tristonha...

Havia numa aldeia uma menina muito bonita, órfã de pai e mãe.

Certo dia chegou a essa terra o leopardo. Pediu água. Viu a menina e disse que a queria desposar.

Pediu para que a chamassem à sua presença. Disseram que não podiam. Mas ele insistiu:

— *Então como a costumais chamar?*
— *Por cânticos.*
— *Então cantai...*

Eles não se fizeram rogados:

Vem, linda menina, vem, vem...
Os deuses te chamam...

A menina veio imediatamente. O leopardo falou-lhe em casamento. Ela disse que aceitava se conseguisse subir ao cimo da mafumeira e tocasse o sino que estava lá no ponto mais alto.

O leopardo começou a subir. Para se entusiasmar mais, começou a cantar:

Vou subir e vou casar...

O seu filho fazia, cá em baixo, o coro:

Nden-nden-nden-golem... (1)

Quando o leopardo estava a meio da árvore, caiu. Todos os presentes começaram a troçar dele, cantando:

Vai beijar a tua mãe...

Veio depois a pacaça. Pediu água. Viu a menina e quis casar com ela. Disseram-lhe:

Isso é lá com ela...
— *Chamai-a,* disse a pacaça.

(1) O sino em questão é o distintivo dos chefes da aldeia. O som que produz é parecido com «Nden-nden-nden-golem».

E todos começaram a cantar:

Vem, linda menina, vem, vem...
Os deuses te chamam...

Ela chegou. A pacaça propôs-lhe casamento. A menina impôs a mesma condição. A pacaça começou a subir e a cantar:

Vou subir e vou casar...

O seu filho repetia sem cessar:

Nden-nden-nden-golem...

A pacaça chegou ao meio e caiu. Todos os presentes se riram e começaram a cantar:

Vai beijar a tua mãe...

No dia seguinte vieram muitos animais. Mas nenhum foi capaz de chegar ao cimo da mafumeira. Por fim veio a gazela. Pediu água. Deram-lhe um copo de água cristalina. Quando estava a beber disse:

A água é cristalina, mas mais cristalina é aquela menina, tão bonita. De bom grado casaria com ela.
— *E não tem pretendente,* disseram os velhos da aldeia.
— *Chamai-a,* disse a gazela.

E logo todos em coro:

Vem, linda menina, vem, vem...
Os deuses te chamam...

A gazela, toda prazenteira, dirigiu-se à menina e disse:

— *Quero casar contigo.*

— *Aceito,* disse a menina; *mas tens de subir àquela mafumeira e tocar o sino que está lá em cima.*

— *Vamos a isso,* disse a gazela.

E começou a dançar, a dançar em honra dos deuses, junto da árvore. Tirou do pêlo uns pós que lançou sobre a árvore. Depois começou a subir. No meio parou. Todos ficaram em silêncio. Então a gazela começou a cantar:

Ó deuses, ajudai-me, por favor...

O filho da gazela, cá em baixo, dançava com vivacidade e ia repetindo, cantando sempre:

Ó grande Lembe, ajudai o meu pai que precisa de casar (2).

A dado momento a gazela tomou fôlego e, entre o alarido dos presentes, subiu até ao local onde se encontrava o sino. Tanto o tocou que se partiu... Lá do cimo da árvore, não cessava de cantar:

Já tenho mulher... Já sou feliz...

O filho da gazela, todo satisfeito, dançava e cantava:

Já tenho mãe... Que sorte a minha...

Os dois casaram. Um casamento com muito vinho de palma e muita carne. Durante toda a noite, a aldeia não se cansou de dançar e cantar:

A gazela é pequena mas é esperta...

(2) Lembe é o feitiço protector dos casamentos.
Os pós eram ingredientes feiticistas a que se atribuíam poderes especiais. A dança não podia faltar em momento de tanta felicidade...

O coro respondia:

Leva uma linda menina...

No dia seguinte foram para a aldeia da gazela. No caminho encontraram o leopardo, que se lançou sobre a menina e a queria roubar. A gazela fingiu que fugia para a floresta, agarrou uma grande pedra e com ela matou o rival.

Mais à frente encontraram a pacaça. Deu-se a mesma cena. A gazela, muito zangada, tirou a catana que a mulher levava no cesto e degolou a pacaça.

Pelo caminho foram encontrando muitos animais, antigos pretendentes da menina, mas a gazela matou-os todos.

Chegados à aldeia houve grande festa. Viviam felizes, apesar de os filhos dos outros animais, que a gazela tinha morto, andarem sempre a perseguir a gazela.

Certo dia, esta envenenou a água onde eles iam beber. Todos morreram; só o filho do leopardo escapou, pois se tinha ausentado para longe.

A mulher ficou doente passado um ano. Para a tratar, a gazela gastou muito dinheiro com os feiticeiros mais famosos. A mulher curou-se, mas ficaram na miséria. Então a gazela resolveu ir trabalhar para o ex-Congo Belga.

Antes de partir, chamou a tartaruga a quem confiou a sua espingarda para guardar a mulher. Logo que a gazela se ausentou, o filho do leopardo mandava os filhos mais novos dos outros animais sequestrar a mulher da gazela. Mas a tartaruga matava-os. Nova leva de animais e outros tantos cadáveres no solo.

A provisão de chumbo acabou-se e a tartaruga dava tiros com pólvora. O leopardo teve conhecimento disso,

pôs-se a caminho e raptou, sem grandes dificuldades, a menina.

A tartaruga ficou toda tristonha; vivia escondida todo o santo dia e só de noite procurava na vizinhança algum alimento. A gazela soube do rapto e pôs-se imediatamente a caminho. Chegou a casa. Logo a tartaruga apareceu e deu conta de tudo quanto se tinha passado. A gazela, sem perder o bom humor, começou a cantar:

Dentro de três dias a mulher será minha...
Isso é que será...

A tartaruga, desconsolada, ia trauteando:

Os deuses o permitam...

Durante a noite, a gazela foi envenenar a água onde o leopardo costumava ir beber. Por causa disso caiu gravemente doente. Chamaram-lhe à cabeceira todos os feiticeiros, mas em vão.

No dia seguinte a tartaruga foi visitar o doente, toda pesarosa. Ao ver o estado em que se encontrava sugeriu que fosse imediatamente chamada a gazela, pois era a única que o podia salvar. O macaco foi encarregado de a chamar e esta não se fez rogada. Veio. Prometeu curá-lo, mas pediu para ficar sòzinha no quarto com o doente. E todos saíram.

A gazela começou a examiná-lo; viu-o e reviu-o. Por fim disse que para o poder salvar, teria de lhe cortar as pernas, pois era lá que estava o mal. O leopardo aceitou imediatamente. Mas o mal não passava. Então a gazela lembrou que devia cortar os braços, dado que o mal fugira para lá, por o corte das pernas ter sido muito moroso. O doente acedeu. Havia já muito sangue no chão e mais se aglomerou depois do corte

dos braços. Não demorou muito que o leopardo se esvaísse em sangue e morresse.

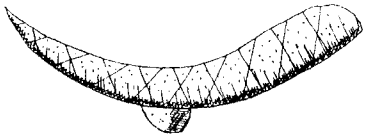
A gazela saiu do quarto e disse às mulheres do leopardo que o marido estava muito fraquinho e que precisava de dormir; também não devia comer até de manhã, hora a que o deviam visitar. No meio da tristeza geral, a gazela tomou a mulher pela mão e saíram sem dar nas vistas.

Lá longe a gazela começou a gritar e a cantar:

Não é o corpo que vale...

A mulher, chorando e cantando de alegria, repetia sem cessar:

O meu marido é um valentão... É um amor...



Feitiço Lembe

XIX

O PAI ASSASSINO E A VINGANÇA DOS FILHOS

Um homem casou. A mulher dava à luz muitos filhos, mas o pai matava-os todos com os feitiços.

Certo dia nasceu um filho muito esperto. Ele próprio se deu o nome de «Liela» (Esperteza).

Quando já podia andar, foi à caça com o pai. No caminho disse-lhe:

> *Pai, ouvi dizer que já tive muitos irmãos, mas que tu os mataste todos. Qualquer dia chega a minha vez. Mas hei-de voltar à terra e vingar a morte de todos eles.*

O pai fez de conta que não era com ele. No dia seguinte voltaram à caça e o pai matou o filho. Enterrou-o no local onde tinha enterrado os outros, à sombra de um embondeiro muito grande, a que chamavam Buka.

Quando Liela se encontrou com os seus irmãos, contou-lhes que tivera prometido e jurado ao pai voltar um dia ao mundo para vingar a morte de todos. Foi

uma alegria indescritível e todos se prontificaram a acompanhar o irmão.

Juntaram-se perto da casa do pai e começaram a cantar:

Eis que volto, pai, como prometi...
Eu sou o teu filho Liela...

Todos os irmãos repetiam:

Eis que voltamos, pai, e vamos vingar-nos...

O pai, ao reconhecer a voz dos filhos, começou a tremer; tentou fugir mas as pernas não o ajudavam. Sentou-se e começou a cantar, em resposta aos filhos:

Já tive muitos filhos... Dormem todos juntos...

Quando viu os filhos a correr para ele, lançou-se pela floresta fora. Com o medo e a pressa que levava, caiu no rio e afogou-se. E logo toda a aldeia veio ao encontro dos ressuscitados, recebendo cada um os abraços das suas famílias e esposas que tinham deixado no mundo.

Liela impôs silêncio e começou a cantar:

Os filhos que nasceram de ti, pai, são mais espertos que tu...
Foste um mau pai...

Toda a aldeia repetia em coro:

Por isso o pai morreu afogado no rio...

XX

O PAI ASSASSINO E O FILHO DE BOM CORAÇÃO

Um homem casou. Apenas com uma mulher.

Teve um filho. Quando chegou à idade de seis anos, acompanhava diàriamente o pai para o campo, para o rio, para a floresta.

Por mais de uma vez assistiu a certas altercações com outras pessoas e começou a notar que seu pai não era estimado pelos outros homens.

Certo dia foram dar um passeio a uma terra vizinha onde tinham parentes. Atravessaram uma grande floresta e a seguir entraram numa extensa planície a perder de vista.

A meio pararam. O pai começou a falar, a gesticular com um homem que vinha em sentido contrário. Falaram, discutiram, bateram-se e envolveram-se em grande desordem.

A dado momento, o filho viu que seu pai tinha tirado a catana da cinta e com ela ferira o homem com quem

lutava. Curioso aproximou-se e viu muito sangue. Começou a chorar e a cantar:

Tanto sangue!... Que horror!...
E esse homem está a dormir!...

O pai não respondeu, continuando sempre a esfaquear o infeliz.

A dada altura o filho perguntou ao pai:

— *O que é isto?*
— *É a cabeça.*
— *E isto?*
— *São os braços.*
— *E isto?*
— *São os intestinos.*
— *E isto?*
— *O estômago.*
— *E isto?*, tornou o filho a perguntar, apontando o coração.

Silêncio do pai.

A nova insistência do filho, o pai respondeu:

Não sei.

Resposta pronta do filho:

Sim, o pai não sabe porque é um homem mau. Eu sei porque sou um inocente. Isso é o coração... Aquilo que o meu pai não tem...

F I M

ÍNDICES

ÍNDICE IDEOGRÁFICO

Os números que vão entre parêntesis ( ) indicam o número marginal dos Provérbios, das Adivinhas. Os restantes referenciam a página.

A

Abelha — 171 (8).
Abutre — 19 (1).
Acorrentar — 89 (12), 93 (2), 94 (3), 110 (5-6), 115 (12).
Adivinhar — 39 (7), 91 (19), 170 (4-5).
Agarrar — 254 (5), 257 (15), 274 (5).
Agradecer — 28 (3), 119 (2), 205 (14-15).
Água — 44 (8), 63 (11), 66 (4), 74 (6), 77 (2), 117 (2), 119 (1), 122 (11), 124 (5), 129 (2-3), 133 (9), 155 (13), 161 (7), 162 (10), 163 (12), 196 (9), 230 (5), 236 (9), 256 (12), 275 (2), 279 (16), 319.
Águia — 154 (12-13-14), 313.
Albino — 31 (13).
Aldeia — 58 (6), 189 a 199.
Alegria — 35 (24), 66 (5), 67 (8), 203 (7), 226 (15-16).
Almas do outro mundo — Vide «Fantasmas».
Almofada — 191 (7).
Almofariz — 194 (3).
Alto — (Homem) — 25 (9).
Amendoim — 133 (10), 152 (5), 153 (6), 210 a 213, 267 (32).
Amizade — 249 (9).
Amor — Vide Amizade.
«Amuletos» — 335, 345.
Âncora — 231 (8).
Andar — 118 (4), 147 (1-2), 148 (3-4), 244 (5-6), 249 (7), 260 (3).
Andorinha — 158 (22).
Anéis — 254 (6).
Animais — 253 a 257.
Antepassados — 71 (21-22), 72 (23-24), 112 (2), 182 (1-2), 196 (10), 202 (5), 221 (1).
Antílope — 94 (4), 105 (6), 110 (7), 112, 115, 301.
Ânus — 40 (1), 162 (9).
Apanhar — 217 (4).
Aprender — 27 (15).
Arbusto — Vide Árvore.
«Arco-Íris» — Vide Serpente.
Arder — 35 (25), 176 (11).

Árvores — 26 (13), 45 (13), 105 (4), 122 (9), 123 (2), 124 (4-5), 135 (2), 140 (3-4), 144 (5), 159 (26), 173 a 188, 216 (4), 223 (6), 247 (1), 254 (3), 259 a 267, 269 (3), 271 (2), 280 (23), 295, 305, 313.
Asas — 19 (1), 169 (3).
Assar — 35 (25).
Autoridades — Vide Velhos.
Aves — 21 (7), 151 a 159, 253 a 257, 275 (1).
Avião — 341.

B

Bacia — 194 (4).
Baixo — (Homem) — 25 (9), 230 (6).
Balde — 196 (9).
Baleia — 137 (8), 307.
Bananeiras — 207 (19), 277 (11), 295.
Bandeira — 277 (9).
Banho — 50 (12), 262 (13), 278 (12), 309, 315.
Banzas — 107 (2), 191 (6).
Barata — 169 (1), 327.
Barba — 35 (25).
Barco — 229 a 231.
Barrote — 190 (5), 279 (15).
Barulho — 62 (7), 225 (12), 247 (1), 253 (1).
Batata doce — 335.
Bater — 99 (13).
Beber — 161 (7), 187 (16), 201 a 208, 236 (9), 256 (12).
Beija-flor — (Ave) — 182 (3).
Bem — 24 (5-6), 37 (3).
Benfeitor — 25 (7).
Bico — 156 (17), 160 (1).
Binóculo — 341.
Boca — 28 (2-3-4), 29 (5-6-7-8), 30 (10), 36 (29), 87 (7), 96 (1), 97 (4), 113 (4), 132 (5-6), 136 (6), 187 (14), 205 (14), 207 (20), 335.
Bode — 93 a 95.
Bonito — 211 (4).
Bordados — 244 (4).
Botija — 187 (15).
Braços — 40 a 41, 191 (7), 355.
Brancos — Vide Europa.
Bumba — (feitiço) — 91 (17).
Buraco — *Vide Toca* — 51 (3), 55 (1), 178 (18).

C

Cabaças — 63 (11), 108 (4), 186 (12-13), 187 (14), 208 (21), 269 (3), 319.
Cabeça — 28 a 36, 40 (3), 66 (3), 78 (3), 84 (9), 98 (9), 113 (5), 114 (9), 120 (3), 121 (7), 124 (4), 143 (1), 161 (6), 355.
Cabeças — Vide «Fantasmas».
Cabelo — 34 (22-23), 35 (24), 55 (3), 133 (9).
Cabo — 217 (2), 218 (5).
Cabra — 93 a 95, 97 (7), 224 (10).
Caçador — Vide Caçar.
Caçar — 104 (3), 105 (4-7), 124 (3), 137 (10), 139 (1), 140 (4), 216 (5-6), 307, 313, 325, 339.
Cachimbo — 325.
Cadáver — 80 (8).
Cadeira — 267 (31).
Cágado — 137 (10).
Caixão — 79 (6).
Calcanhar — 43 (6).
Calças — 256 (11).
Cama — 191 (7-8), 224 (4).
Camaleão — 53 (9).
Caminho — 17 (7), 29 (6), 45 (12), 53 (7), 70 (18), 98 (8-9), 139 (2), 145 (6-8), 174 (6), 186 (13), 187 (16), 196 (9), 208 (23), 235 (7), 262 (10), 271 a 272, 276 (4).
Camisa — 256 (11), 262 (13).
Candeeiro — 108 (6).
Caneca — 90 (14), 187 (16), 188 (17), 194 (4), 195 (5-6), 250 (13).
Canoa — Vide Barco — 224 (7), 245 (1-2), 327.
Cantar — 166 (21-22), 167 (24).
Cão — 96 a 99, 137 (10), 276 (4), 303.
Capim — 44 (9), 94 (5), 108 (4), 151 (1-2), 186 (13), 248 (4), 265 (24), 275 (1), 319.
Capoeira — 162 (11), 319.
Caracol — 139 a 141, 313.
Caranguejo — 147 a 149.
Carne — 61 (4), 171 (7).
Carpa — 120 (3-4).
Carrasco — 57 (2), 87 (6).
Carvão — 109 (1).
Casa — 33 (18), 45 (13), 64 (12), 102 (2), 132 (7), 189 a 199, 205 (12), 254 (6), 257 (13), 272 (3), 276 (7), 279 (15).
Casa das tintas — 261 (8-9).
Casaco — 256 (11).
Casamento — 45 (12), 60 a 64, 68 (12), 259 (2), 319, 323, 327, 331, 335, 339, 345, 353, 355.
Castigos — 25 (8), 325.
Catana — 323, 331, 355.
Cauda — 103 (4), 155 (13), 156 (16), 162 (8), 265 (22).
Cavacos — *Vide Lenha*. 175 (8).
Cavar — 217 (4).
Cemitério — 27 (14), 79 (4), 173 (1).
Centopeia — 143 a 145.
Cérebro — 134 (11).
Cesto — 34 (21), 83 (8), 121 (8), 194 (1), 331.
Céu — 21 (6), 243 a 244.
Chão — Vide Terra.
Chapéu — 73 (1), 269 (2).
Chave — 72 (24), 234 (3).
Chefes — *Vide* Velhos — 41 (6), 57 a 58, 61 (4), 87 (6), 88 (8), 91 (18), 103 (5), 181 (27), 189 (1), 192 (11), 243 (2), 277 (9), 291, 309.
Cheiro — 108 (5), 144 (5).
Chiali — (fruto) — 180 (25), 181 (26-27).
Chicote — 63 (10), 255 (7).
Chicuanga — 56 (5), 71 (21).
Chifres — 98 (10), 113 (5-6), 114 (7), 266 (28), 301.
Chimpanzé — Vide Macaco.
Chitu — (feitiço) — 90 (15).

Chocar — 165 (19), 251 (17).
Chorar — 26 (10).
Chumbo — 345.
Chuva — 45 (14), 52 (6), 63 (8), 102 (3), 129 (2), 135 (3), 303.
Coconote — 30 (11), 31 (12), 185 (9), 212 (7).
Cofre — 234 (3-4).
Cogumelo — 144 (4).
Cola (fruto) — 132 (5), 179 (21-22).
Colibri — (Ave) — 151 (1-2).
Comer — Comida — 16 (6), 28 (2-3), 30 (11), 36 (28), 56 (5), 63 (9), 67 (8), 68 (11), 73 (2), 75 (8), 86 (3-4), 87 (5-7), 94 (4-5), 96 (2-3), 97 (7), 100 (3), 105 (6), 110 (7), 112 (3), 113 (4), 120 (5), 130 (5), 132 (5), 134 (11), 140 (4), 144 (4), 148 (5), 153 (9), 159 (26), 160 (1-3-4), 170 (6), 179 (21-22), 192 (10), 196 (8), 201 a 213, 219 (8), 250 (14), 274 (4), 280 (21), 291, 295.
Comprar — 229 (1).
Conchas — 136 (5), 139 a 141.
Concubina — 62 (7), 63 (8), 86 (4).
Conselhos — 226 (14).
Contar — 99 (11), 273 (1).
Coração — 37 a 39, 63 (10), 64 (12), 91 (19), 96 (3), 99 (12-13), 203 (9), 355.
Corda — Vide Liana.
Corpo — Vide Homem — 44 (10), 74 (5), 279 (18).
Correntes — Vide Acorrentar.
Cortar — 45 (13), 145 (7).
Coruja — 154 (12).
Costas — 48 (6), 49 (7), 76 (10), 110 (5).
Cova — Vide Toca — 42 (3), 259 (1).
Cozinha — Cozinhar — 35 (24), 45 (11), 194 a 199, 276 (6).
Criados — 295, 309.
Crianças — Vide Família — 47 (4), 48 (5), 55 (1), 78 (2), 90 (15), 197 (11), 245 a 246, 250 (13), 261 (7), 280 (20).
Crimes — 25 (8).
Cuco — 154 (10-11).
Culpa — 163 (13).
Cumieira — 272 (3).
Cunhada — 62 (6).
Cuspir — 279 (17).

D

Dançar — 88 (10), 105 (7), 135 (1), 226 (14-15-16), 265 (24), 291, 295, 301, 305, 307, 315, 319, 323, 327, 335, 341, 345.
Dedo — Vide Mão — 173 (1).
Defecar — 26 (11), 215 (1-2).
Dementes — 41 (5), 77, 243 (1).
Dendém — Vide Palmeira — 100 (2), 184 (7-8), 185 (10-11).
Dentes — 30 (10-11), 31 (12-13-14), 32 (15), 129 (1), 335.

Dentes de elefante — Vide Elefante.
Desembarque — 230 (3).
Desenhos — 53 (9).
Deus — 15 a 17, 30 (9), 119 (2), 156 (17), 178 (19), 245 (2), 247 (2), 248 (6), 250 (14), 253 (1-2), 256 (11), 266 (29), 269 (1), 276 (5-6), 277 (10), 278 (12-14), 279 (15), 280 (21).
Dia — 17 (8), 22 (9), 124 (3), 167 (24), 201 (1), 277 (8).
Dignidade — 114 (9).
Dinheiro — 85 (2), 234 (3-4).
Dividir — 15 (2), 66 (4), 70 (18), 77 (1), 121 (7), 185 (10).
Dizer — 99 (12).
Doentes — 73 a 76, 89 (13), 137 (9), 226 (16), 295, 341, 345.
Doninha — 164 (15).
Dores — 31 (12).
Dormir — 62 (7), 66 (4), 109 (2), 115 (10), 118 (4), 127 (14), 154 (11), 162 (11), 169 (1), 192 (10), 202 (3).
Dote — Vide Casamento — 341.

E

Elefante — 100 a 101, 136 (7), 137 (8), 169 (2), 251 (17), 254 (3), 256 (10), 266 (27), 271 (1), 305, 307.
Elefante — dentes de elefante — 31 (13-14), 57 (3), 72 (23), 222 (4), 223 (5).
Embondeiro — 131 (1), 177 (15-16), 255 (8), 278 (13), 353.
Enganar — 58 (5), 60 (3), 215 (1-2).
Engolir — 207 (20).
Enxada — 217 a 219.
Escorpião — 237 (11).
Escravatura — 40 (1-2-3-4), 58 (4).
Escuridão — 279 (19).
Espada — (chi-mpaba) — 222 (4), 331.
Esperteza — 26 (13), 42 (3), 85 (2).
Espingarda — 215 a 216, 280 (20).
Espinhas — 68 (11), 97 (4-5), 122 (10).
Espinhos — 261 (6), 264 (19).
Esposa — Vide Família.
Esquilo — 102 a 103.
Esteira — 47 (3), 68 (12), 191 (8), 192 (9), 275 (3), 281 (24).
Esterilidade — 70 (16).
Estômago — 121 (8), 151 (2), 208 (21), 219 (8), 355.
Estragar — 126 (11), 171 (6-7), 174 (5).
Estrangeiro — 24 (3).
Estrelas — 19 a 22, 243 a 244.
Europa — Europeu — 16 (4), 27 (14), 190 (3), 244 (3), 257 (14), 262 (13), 263 (14), 264 (18), 341.

F

Faca — 101 (4), 131 (3), 217 a 219, 256 (10), 271 (1).
Face — 36 (28), 40 (2).
Factos — 17 (8).
Falar — 26 (12), 28 (1), 29 (8), 38 (5), 39 (7), 91 (18).
Família — 15 (1), 35 (24), 46 (16), 47 (1), 57 (3), 60 (2-3), 61 (4-5), 65 a 72, 76 (10), 79 (7), 81 (1), 82 (4), 83 (7), 103 (5), 110 (5-6), 115 (11), 123 (1-2), 130 (4), 148 (4), 179 (22), 210 (1), 222 (3), 225 (13), 226 (16), 255 (9), 257 (13), 264 (21), 265 (23), 267 (30), 276 (7), 319, 323.
«Fantasmas» — 88 (9-10), 89 (11), 260 (5), 279 (16), 319, 323, 325, 327, 331, 335, 339.
Farmácia — 341.
Favores — 70 (17).
Feiticeiros — 81 (2), 85 a 91, 181 (27), 264 (20), 267 (30), 335.
Feitiços — 81 a 84, 89 (11), 107 (3), 148 (3), 182 (3), 313.
Fel — 126 (10).
Feridas — 75 (9), 76 (10), 218 (7).
Ferreiro — 236 (9-10).
Ferro — 217 (1), 250 (12).
Filhos — Vide Família.
Floresta — 303, 331, 335, 339, 353.
Fogo — 97 (5), 126 (11), 175 (9), 176 (12), 177 (13-14-15), 194 (2), 207 (18), 251 (16), 295, 325.
Fole — 218 (6).
Folhas — 177 (16), 178 (17-18), 179 (20), 206 (16).
Fome — 75 (8), 109 (1), 149 (7), 161 (5), 201 (1-2), 202 (3), 291, 295, 335.
Fondo (ave) — 157 (21).
Força — 21 (8), 115 (10), 129 (3), 132 (4), 236 (9).
Formiga — 169 a 171.
Formiga — preta — 160 (2).
Frutos — 159 (26), 173 a 188, 259 a 267.
Fugir — 45 (14), 105 (5), 115 (10-11), 129 (2), 131 (3), 135 (3), 249 (7), 250 (11).
Funil — 187 (14).

G

Gafanhoto — 169 a 171.
Galinha — 128 (15), 136 (6), 160 a 167, 207 (19).
Galinha — do mato — 167 (25).
Galinheiro — 164 (15), 166 (21-22).
Galo — 166 (21-22-23), 167 (24).
Garganta — 36 (29), 38 (6), 216 (5).
Garrafão — 199 (17).
Gato-bravo — 109 (3), 120 (3), 163 (13-14), 164 (15).
Gazela — 291, 295, 301, 345.
Gibóia — 126 (11).
Gordura — 149 (7).
Gorjeta — 202 (4).
Gorila — 104 (2).
Gravidez — 260 (5).
Grelha — 100 (3).
Gritar — 114 (8).
Guarda-chuva — 278 (14).
Guardar — 202 (5).
Guerra — 255 (7), 280 (20).

H

Hiena — 109 a 111.
Homem — 23 a 80, 247 a 251.
Honra — 44 (10), 192 (11), 195 (7).
Hóspedes — 24 (3-4).

I

Igualdade — 262 (12).
Ilolo — (árvore) — 177 (13-14), 251 (16).
Imitar — 53 (9).
Impossíveis — 273 a 274.
Individual — 23 (1-2).
Inimigos — 41 (5), 234 (6), 266 (29).
Insectos — 169 a 171, 253 a 257.
Insultos — 109 (2).
Intestinos — 49 (8), 61 (4), 355.
Inveja — 190 (3).

J

Jacaré — 126 (10), 129 a 130.
Janelas — 269 (1).
Joelhos — 46 (15-16), 58 (4), 66 (5).
Juízo — 243 (1).

K

Kosso — (feitiço) — 84 (9).
Kunda — (adivinhação) — 225 (13).

L

Ladrão — 202 (3), 331.
Lagarto — 126 (9), 130 (4), 131 a 134.
Lagoa — 120 (4), 278 (12), 307.
Lamber — 28 (2), 36 (28), 203 (6).
Lança — 266 (25).
Leitão — 265 (22).
Lembe — (feitiço) — 81 (2), 82 (3-4), 345.
Lembrar — 56 (4), 70 (19), 79 (5).

Lenço — 263 (14).
Lenha — 114 (8), 175 (8), 176 (10-11-12), 237 (11), 301.
Leopardo — 94 (3), 109 a 111, 115 (12), 291, 295, 301, 345.
Ler — 104 (2).
Liana — 26 (12), 46 (15), 80 (8), 107 (1), 176 (10), 178 (19), 235 (8), 307, 313, 323.
Limpar — 182 (4), 192 (11), 276 (5), 277 (11).
Língua — 32 (15).
Lixeira — 56 (6), 163 (14).
Lodo — 275 (2).
Lua — 19 a 22.
Lutar — 26 (13), 68 (10), 294 (8-10).
Luto — 253 (2).

M

Macaco — 84 (10), 104 a 105, 339.
Machado — 217 a 219, 295.
Macoba — 212 (8-9), 213 (10).
Maduro — 180 (24), 184 (8).
Mãe — Vide Família.
Mafumeira — 155 (14), 178 (17), 345.
Mafuta — Vide Palmeira.
Magro — 162 (10).
Maiombe — 19 (2), 20 (5), 155 (15), 260 (3), 271 (2), 272 (4), 276 (4), 277 (8), 281 (24).
Mal — 24 (5-6), 25 (7), 37 (3), 108 (5), 161 (6).
Manatim — 137 (9).
Mandioca — 33 (18), 104 (1), 148 (6), 149 (7), 183 (6), 205 (12), 206 (16-17), 207 (19), 279 (16), 295.
Manhas — 43 (4-5).
Mão — 33 (19), 110 (5), 180 (25), 181 (26-27).
Mão — palma da mão — 40 (1-2-3-4), 41 (5-6), 58 (4).
Mar — 17 (9), 19 (2), 20 (5), 135 (3), 137 (9), 155 (15), 231 (7-9), 233 (1), 243 a 244, 245 (1), 256 (12), 307.
Martinho — (ave) — 157 (20).
Máscara — 112 (3).
Mastigar — 31 (12).
Mato — 143 (2), 144 (3), 153 (8), 171 (9), 253 (8), 255 (9), 266 (27), 276 (7).
Mau — Vide Mal.
Mbonda-fula — 82 (5), 83 (6).
Medicamentos — 341.
Medo — 229 (2).
Menstruação — 87 (7).
Mentira — 60 (3), 85 (1-2).
Milho — 207 (18).
Molho — 122 (11), 163 (12).
Morcego — 153 (9).
Morder — 127 (13).
Morte — 16 (3-4-5), 20 (4), 27 (14), 45 (12), 47 (2), 55 (1), 56 (4), 60 (3), 73 (3), 74 (4), 78 a 80, 90 (16), 93 (2), 95 (6), 100 (1), 101 (4), 109 (4), 114 (7), 118 (4), 123 (1-2), 124 (3), 145 (8), 148 (5), 152 (5), 157 (21), 161 (5), 167 (25), 216 (5), 224 (8), 226 (16), 230 (4), 256 (10), 259 (1), 260 (4), 264 (19), 291, 315, 341, 345, 353, 355.
Mosca — 169 a 171.
Muamba — 33 (19), 208 (22).
Muanza — 156 (18).
Muba — 82 (5).
Muco nasal — 158 (25).
Mudar — 273 (2).
Mulato — 244 (3), 264 (18).
Mulher — Vide Família.
Música — 221 a 226.
Mussorongos — 256 (10).

N

Nádegas — 47 (1-2-3), 109 (4), 120 (5).
Namoro — Vide Casamento — 327, 341, 345.
Nariz — 33 (20), 34 (21).
Nascer — 133 (10).
Nativos — 16 (4), 264 (18).
Navalha — 158 (22).
Navegar — 229 (1).
Ninho — 152 (3-4), 154 (10-11), 256 (12).
Nkassa — (veneno) — 95 (6).
Nkobe-ibingu — 83 (7-8).
Noite — 22 (9), 49 (8), 139 (1), 201 (1), 277 (8).
Ntiete — (ave) — 305.
Ntumpu-Mvemba — 81 (1).
Nuca — 35 (26).
Numbi — (árvore) — 173 (1).

O

Ofensas — 225 (13).
Ofertas — 97 (6), 165 (18).
Óleo de palma — Vide Palmeira.
Olhos — 20 (5), 22 (9), 32 (16-17), 33 (18), 99 (12), 102 (1), 105 (5), 114 (7), 115 (11), 117 (1), 153 (9), 161 (6), 173 (2), 204 (11), 205 (12-13), 208 (23), 216 (6), 247 (2), 274 (6), 301.
Ombros — 65 (1-2), 66 (3).
Ossos — 96 (1-2).
Ouvidos — 30 (9), 35 (27), 36 (28), 136 (5), 159 (27), 305.
Ovos — 164 (16-17), 165 (18-19), 251 (17).

P

Pacaça — 216 (5), 345.
Paciência — 51 (1).
Palmeira — 71 (22), 93 (1), 100 (2), 112 (2), 131 (2-3), 182 a 188, 303.
Panela — 195 (7), 196 (8-10), 197 (13), 198 (14-15-16), 203 (6), 207 (19), 251 (15), 335.
Panos — 51 a 53, 67 (6-7), 253 (2), 255 (9), 259 (2), 261 (7), 262 (10), 263 (17), 327.
Papagaio — 156 (16-17).

Papaia — 248 (6).
Paralítico — 74 (7), 75 (8), 83 (6).
Passado — 234 (5).
Pássaros — Vide Aves.
Passear — 61 (5).
Pato — 156 (18).
Pau — Vide Árvores.
Pavão — 155 (15).
Pé — *Pés* — 44 (7-8-9-10), 183 (5), 216 (6), 266 (26), 280 (22).
Pedra — 17 (9), 125 (8), 135 (4), 167 (25), 216 (6), 233 (2), 254 (4), 295.
Peitos — 47 (4), 48 (5), 69 (15).
Peixes — 119 a 122, 129 (1), 208 (22), 331.
Pele — 97 (7), 109 (3), 224 (10), 272 (4).
Perdiz — 128 (15), 153 (8), 165 (20).
Pernas — 42 a 46, 94 (4), 98 (8), 113 (6), 135 (1), 145 (6-7), 148 (5), 160 (2), 162 (11), 169 (3), 170 (4-5).
Pescoço — 301.
Pica-pau — 156 (19).
Picar — 120 (4), 305.
Pintainho — Vide Galinha.
Piri-piri — 204 (10).
Pisar — 43 (6), 44 (9), 139 (2), 143 (1), 145 (8), 206 (16).
Planície — 26 (10), 63 (8), 65 (1-2), 68 (11), 74 (6), 115 (10), 151 (1), 171 (9), 177 (13), 199 (17), 251 (16), 259 (2), 261 (8-9), 263 (17), 355.
Plantação — 112 (1), 133 (10), 152 (5), 159 (27), 194 (1), 208 (23), 248 (5), 319, 323, 335.
Plantas — Vide Árvores.
Pobre — 45 (11), 79 (6).
Pólvora — 124 (3).
Pomba — 152 (3-4-5), 153 (6-7).
Porco-do-mato — 301.
Porco-espinho — 291, 315.
Porta — 190 (4).
Prato — 16 (6), 196 (10), 197 (11), 205 (15).
Preguiça — 27 (16).
Presente — 234 (5).
«Prisão» — 309.
Prostituição — 52 (4), 63 (9-10-11), 64 (12), 261 (6).

Q

Queimar — 82 (5), 84 (10).
Queixo — 33 (19-20).
Questões — 26 (12), 36 (29), 53 (7), 74 (7), 81 (2), 87 (6), 91 (17), 121 (6), 154 (12), 194 (2), 217 (1), 230 (4), 249 (8).

R

Rã — 117 a 118 — 319.
Rabo — 121 (7).
Raízes — 175 (7), 178 (19).
Raparigas — 325, 341, 345.
Rato — 35 (25), 107 a 108, 207 (19), 254 (4), 327.

Ratoeiras — 119 (1-2), 130 (5), 136 (7), 149 (8), 153 (6), 157 (20), 158 (23-24).
Razão — 27 (16).
Rede — 231 (7).
Regedor — 243 (2).
Rei — 261 (8), 262 (10), 263 (17), 279 (17).
Remédio — 98 (10).
Represa — 117 (2).
Respeitar — 41 (6).
Retranca — 45 (13), 49 (8).
Rio — 233 (1-2), 279 (19), 325, 327, 353.
Rir — 30 (11), 78 (1), 82 (3), 87 (6), 102 (1), 111 (8).
Riqueza — 27 (14), 29 (7), 71 (20), 205 (13).
Rodar — 257 (15).
Rola — 140 (4).
Roubar — Vide Ladrão.
Roupa — Vide Panos.

S

Saber — 273 (3).
Saco — 77 (3), 194 (2), 211 (3).
Safu — *(fruto)* — 219 (8).
Sair — 247 (3).
Saka — *(fruto)* — 98 (9), 179 (21).
Sal — 203 (8).
Salalés — 197 (12-13), 198 (14-15-16), 248 (5), 251 (15), 269.
Salteador — 37 (1).
Salvar — 28 (4), 29 (5).
Sangue — 260 (4), 266 (27), 355.
Sapo — 77 (1), 117 a 118.
Sardinha — 122 (11).
Sarna — 257 (14).
Saúde — 83 (6), 93 (1).
Secar — 176 (11).
Sede — 63 (11), 75 (8).
Selengo — *Vide Formiga preta.*
Semente — 113 (4), 210 (1-2), 211 (6), 212 (7).
Separar — 235 (7).
Sepultura — 16 (4), 29 (8), 79 (7), 88 (9).
Serpentes — 123 a 128.
«Arco-Íris» — 125 (6-7-8), 126 (9-10).
«Bebe-ovos» — 128 (15).
Duma — 143 (2), 144 (3).
Sifu — *(fruto)* — 107 (1).
Sino — *dos chefes* — 57 (3), 222 (4), 225 (11-12), 331, 345.
Soba — 243 (2).
Sofrimento — 50 (11), 57 (1), 69 (14), 111 (8), 193 (12), 224 (10).
Sogros — 52 (5-6), 53 (7), 166 (23).
Sol — 19 a 22, 45 (11).
Soldados — 255 (7).
Sombra — 124 (5).
Sonhar — 99 (11).
Sorte — 108 (6), 158 (25), 165 (20).
Sujo — 50 (12), 277 (10).
Sungo — *(concha)* — 141 (6).

T

Tabaco — 60 (1), 179 (20).
Tabuleiro — 206 (17).
Tambor — 57 (3), 70 (16), 82 (4), 118 (3), 133 (8), 221 (1-2), 222 (3-4), 223 (6), 224 (8-9), 246 (3).
Tampa — 195 (7).
Tartaruga — 135 a 137, 295, 307, 309, 313, 315.
Tenaz — 236 (10).
Terra — 44 (10), 125 (7), 127 (12), 149 (9), 153 (7), 175 (7), 192 (10), 225 (11), 243 a 244.
Testa — 35 (26), 78 (3), 157 (21).
Tigre — 113 (5).
Tintas — Vide Casa das Tintas.
Tirar — Vide Ladrão — 263 (15-16).
Tiro — 105 (4).
Toca — 102 (2-3), 107 (3), 132 (7), 291, 295, 315.
Tocador — Vide Tambor.
Torrador — 211 (5).
Tossir — 104 (3).
Trabalho — 122 (10), 154 (10), 156 (19), 160 (4), 161 (5), 185 (11), 217 (3), 218 (6), 236 (10).
Travesseiro — 74 (6).
Tribunal — 154 (12), 243 (6).
Tronco — Vide Árvores.
Trovão — 303.
Tukula — 48 (6).

V

Valor — 30 (10), 179 (20), 183 (5).
Varanda — 68 (12), 216 (4), 221 (2), 275 (3).
Varano — 130 (5).
Velhos — 32 (17), 52 (4), 55 a 56, 78 (2), 90 (15), 112 (1), 127 (12), 160 (4), 173 (2), 174 (3-4), 189 (2), 196 (8), 210 (1), 280 (20).
Vender — 35 (26).
Venenos — Vide Nkassa — 125 (7), 345.
Vento — 162 (8-9), 175 (7).
Ver — Vide Olhos.
Verde — 180 (24).
Vermes — 156 (19).
Vestido — Vide Panos.
Víbora — 127 (14).
Vida — 84 (10), 87 (5).
Vingança — 171 (8).
Vinho — de palma — Vide Palmeira — 66 (4), 108 (4), 186 (12-13), 187 (14-15-16), 188 (17), 195 (5-6), 295, 309, 323, 327.
Viver — 135 (4).
Vivo — 44 (7), 132 (6).
Voar — 305.
Voz — 17 (10).

Z

Zangar — 44 (9).

ÍNDICE IDEOLÓGICO

Os números que vão entre parêntesis ( ) indicam o número marginal dos Provérbios, das Adivinhas. Os restantes referenciam a página.

A

Adulação — 28 (3), 58 (5).
Adultério — Vide Casamento — 53 (9), 94 (3), 98 (9), 109 (2), 117 (2), 125 (8), 134 (11).
Agulha — 275 (1-2).
Alambamento — Vide Dote.
Alcoviteiro — Vide Bisbilhoteiros — 26 (12).
Almas — do outro mundo — «Vide «Fantasmas».
Almofariz — 265 (22-23).
Amendoim — 261 (7).
Amizades — 28 (3), 66 (5), 76 (10), 81 (1), 82 (5), 83 (6), 91 (17), 96 (2), 100 (2), 115 (11), 176 (10), 190 (3), 229 (2), 230 (5), 235 (7).
Amor — Vide Mãe — 63 (10), 66 (3), 81 (1), 100 (2), 120 (5).
«Amuletos» — 323, 325, 335, 345.
Ananás — 261 (6).
Antepassados — Vide Chefes.
Aparências — 109 (3), 113 (6), 122 (11), 130 (5), 134 (11), 149 (8), 163 (12), 175 (9), 178 (18), 190 (5), 211 (4), 230 (6).
Aranha — Vide Teia de aranha.
Areia — 273 (1).
Autoridades — Vide Chefes.

B

Bananeira — 259 (1-2), 260 (3).
Bisbilhoteiro — Vide Alcoviteiro — 23 (2), 35 (27), 38 (4-5), 46 (15), 56 (5), 80 (8), 96 (3), 97 (4), 145 (8), 154 (12), 170 (4-5), 218 (7), 230 (3).

C

Cabelo — 273 (1).
Cachimbo — 279 (19).
Cama — 276 (4).
Caminho — 271 (1-2), 272 (3-4).
Capim — 280 (20).
Casa — 280 (22-23).
Casamento — Vide Adultério, Dote, Divórcio, Esterilidade, Fidelidade, Namoro e Poligamia — 33 (18), 35 (24), 43 (5), 45 (12), 60 a 64, 68 (12), 94 (3), 98 (9), 109 (2), 114 (9), 117 (2), 125 (8), 130 (4), 133 (8), 134 (11), 140 (5), 152 (3), 154 (12), 158 (22), 160 (3), 162 (8), 165 (18-19), 166 (21), 179 (22), 182 (4), 186 (12-13), 188 (17), 194 (3-4), 195 (7), 197 (13), 198 (14-15-16), 206 (16-17), 210 (2), 212 (8-9), 213 (10), 217 (3), 218 (5-6), 234 (3-4), 235 (8), 237 (11), 275 (3), 319, 323, 331, 335, 339, 341, 345.
Castigos — 70 (18), 75 (9), 77 (2), 86 (3), 88 (9-10), 90 (16), 100 (1), 107 (3), 109 (1), 110 (7), 114 (7-8), 118 (4), 120 (4), 122 (9), 131 (2), 139 (2), 145 (8), 152 (5), 156 (18), 176 (11), 197 (11), 199 (17), 202 (4), 224 (10), 229 (1), 230 (4), 237 (11), 319, 325, 331, 335, 339, 353.
Centopeia — 254 (6).
Céu — 243 (1), 266 (25).
Chefes — *Vide Velhos* — 17 (9), 20 (3), 25 (9), 31 (13-14), 33 (20), 40 (1-2-3-4), 41 (6), 47 (4), 48 (5), 56 (6), 57 e 58, 61 (4), 65 (1-2), 66 (3-4), 72 (23), 75 (8), 78 (3), 82 (3), 87 (6), 88 (8), 91 (18), 95 (6), 100 (1), 103 (5), 105 (6), 114 (9), 115 (11), 122 (9), 125 (6), 126 (9), 127 (12), 129 (1), 144 (4), 148 (4-5), 166 (21-22), 174 (6), 175 (7), 182 (2), 189 (1), 192 (11), 194 (1), 216 (5), 221 (1-2-3), 222 (4), 223 (5), 225 (11-12), 309, 331, 345.
Chicuanga — Vide Mandioca — 263 (17).
Chuva — 279 (17).
Cicatriz — 277 (9).
Cinza — 276 (6).
Ciúme — 134 (11).
Cobardia — 86 (3-4), 108 (4), 110 (5-6-7), 139 (1).
Cobiça — 153 (9), 159 (26).
Coconote — Vide Dendém — 264 (21).
Cogumelo — 278 (14), 279 (15).
Colaboração — 140 (4).
Companhias — 43 (4-5-6), 60 (3), 108 (5), 117 (1), 133 (10), 140 (4), 147 (1), 152 (3), 160 (2-3), 163 (14), 169 (1), 171 (8), 174 (5), 178 (18), 187 (16), 196 (9), 203 (9), 204 (10), 205 (14-15), 225 (13), 230 (4), 313, 325, 331.

Confiança — 73 (1), 169 (3), 171 (9), 211 (3).
Conformidade — 15 (2), 21 (7-8), 51 (1), 55 (3), 69 (15), 70 (16), 74 (6), 90 (14), 98 (8), 103 (4), 108 (6), 109 (4), 119 (1-2), 151 (2), 152 (4), 157 (20), 165 (20), 169 (3), 171 (9), 191 (7), 192 (10), 201 (2), 206 (16), 210 (1), 212 (7).
Conjecturas — 21 (6), 22 (9).
Contrariedades — 19 (2), 20 (4), 42 (2), 143 (1).
Coragem — 57 (1), 133 (9).
Corvo — 256 (11).
Costas — 247 (2).
Criança — Vide Filhos — 245 (1-2), 246 (3), 273 (3).
Críticas — 38 (4-5).
Crueldade — 30 (11), 355.
Culpas — 161 (6), 162 (9).

D

Dança — 291, 295, 301, 305, 307, 315, 319, 323, 327, 335, 341, 345.
Danos — 319, 323.
Delicadeza — 99 (13), 100 (2).
Dendém — 264 (18-19-20).
Dentes — 250 (13-14).
Dependência — 24 (3), 33 (20), 49 (7), 57 (2), 65 (1-2), 66 (3-4), 87 (6), 89 (12), 90 (15), 101 (4), 105 (6), 206 (17).
Dependência — da mulher — 41 (6), 58 (4), 61 (4-5), 94 (3), 130 (4), 158 (22), 162 (8), 166 (21-22), 195 (7), 212 (8-9), 213 (10), 303, 335.
Desculpas — 27 (16), 309.
Desinteresse — 84 (10).
Desobediência — 327.
Desprezo — 44 (10), 60 (1), 82 (3), 104 (3), 118 (3), 122 (10), 144 (3), 231 (7).
Destino — Vide Fatalismo, Providência — 15 (2), 180 (23), 187 (15).
Deus — Vide Providência — 15 a 17.
Dever — 17 (7), 52 (6), 87 (6), 185 (11).
Dificuldades — 30 (11), 50 (11), 74 (5), 75 (8), 79 (6), 102 (1), 149 (7), 175 (8), 231 (9), 235 (8).
Dignidade — 147 (2), 155 (13).
Diligência — 29 (6), 158 (24).
Direitos — 26 (11), 29 (5), 36 (28), 62 (6), 94 (4), 121 (6), 126 (9-11), 140 (3-5), 149 (9), 159 (27), 161 (6), 164 (16), 179 (21), 182 (3), 183 (5), 190 (4), 192 (9), 211 (5), 216 (5), 219 (8), 319.
Divórcio — 32 (15).
Doenças — 291, 295, 345.
Dote — Vide Casamento — 60 (1), 149 (7), 341.
Duplicidade — 137 (8), 147 (2), 148 (4).

E

Egoísmo — 35 (26).
Elefante — 253 (1).
Escravatura — 40 (1-2-3-4), 41 (6), 58 (4), 93 (2), 94 (3), 96 (2), 97 (7), 100 (1), 102 (1), 110 (5-6), 115 (12), 219 (8), 309.
Esperança — 51 (2), 73 (1), 169 (3), 171 (9), 176 (12), 193, (12), 211 (3), 309.
Espelho — 276 (5).
Esperteza — 77 (3), 85 (2), 112 (1-3), 117 (1), 136 (5), 137 (8), 167 (25), 211 (6), 234 (6), 291, 295, 305, 307, 315, 345, 353.
Espingarda — 276 (7).
Esquilo — 255 (9).
Esterilidade — Vide Inutilidade. Casamento e Dependência da mulher — 68 (12), 70 (16), 186 (12-13), 210 (1-2), 216 (4), 217 (3), 234 (4), 275 (3), 331.
Estrelas — 273 (1).
Estupidez — 305.
Exageros — 44 (8), 113 (5), 135 (4).
Exigências — 45 (13), 47 (3), 62 (6), 66 (4), 98 (8), 100 (3), 102 (1), 104 (1), 120 (3-4), 121 (7-8), 126 (9), 135 (1-2), 137 (10), 145 (6), 182 (4), 185 (9-10), 187 (14), 208 (21).
Experiência — 32 (17), 42 (3), 55 (1), 74 (4), 132 (5-6), 180 (24), 184 (8), 189 (2), 196 (8-9), 204 (10).

F

Facciosismo — 23 (1), 25 (7), 46, (16), 47 (1), 49 (9), 50 (10), 69 (13), 81 (2), 87 (7), 90 (15), 94 (4), 96 (2), 100 (3), 113 (4), 115 (12), 183 (6), 195 (6).
Família — 15 (1), 24 (4), 30 (10), 35 (27), 47 (4), 48 (5-6), 49 (7), 57 (3), 60 (3), 65 a 72, 74 (6), 76 (10), 79 (7), 81 (1), 82 (4-5), 83 (6-7-8), 89 (11), 91 (17), 93 (1), 102 (2-3), 112 (2), 129 (3), 132 (7), 137 (9), 143 (2-3), 152 (3), 153 (8), 155 (14-15), 159 (26), 169 (2), 176 (10-12), 182 (1), 191 (6), 224 (9), 229 (2), 230 (5), 235 (7), 275 (3).
«*Fantasmas*» — 319, 323, 325, 327, 331, 335, 339.
Fatalismo — Vide Destino — 16 (4-5), 17 (8), 19 (2), 20 (4-5), 21 (8), 26 (10), 42 (2), 45 (11-12), 50 (1), 51 (1-3), 52 (4-5), 53 (7), 55 (3), 70 (16), 73 (3), 74 (5), 78 (1-2), 79 (4-6), 88 (8), 90 (14), 93 (2), 94 (3), 95 (6), 97 (7), 109 (4), 115 (12), 120 (5), 122 (10), 129 (2), 132 (4), 135 (3), 151 (2-4), 156 (16-17), 162 (10), 165 (20), 175 (8), 180 (23), 187 (15), 191 (7-8), 192 (9-10), 194 (4), 195 (5), 224 (8), 231 (9).
Feijão — 261 (8-9), 262 (10-11).
Feiticeiros — 81 (2), 82 (3), 85 a 91, 335.
Feitiços — 91 (17), 325, 345.
Feitios — 16 (3), 30 (9), 37 (2-3), 43 (4), 77 (1), 84 (10), 96 (3), 97 (4), 103 (4), 107 (2), 108 (6), 126 (11), 132 (4), 148 (3), 151 (1), 153 (7), 155 (15), 156 (16-17-18), 162 (11), 178 (19), 230 (6), 233 (1).
Felicidade — 35 (24), 67 (8), 158 (25), 203 (7), 226 (15).
Ferida — 277 (9).
Fidelidade — Vide Casamento — 165 (19), 194 (3), 234 (3).
Filhos — Vide Família.
Fogo — 278 (12).
Fome — 291.
Franqueza — 16 (16), 28 (1), 120 (3), 139 (1), 192 (11).
Fraqueza — 101 (4).
Futuro — 15 (2), 17 (8), 42 (1), 44 (7), 178 (17), 234 (5).

G

Galinha — 257 (13).
Glutonice — 295, 323, 327.
Gratidão — 24 (6), 67 (6-7), 126 (10), 165 (18), 180 (25), 181 (26-27), 185 (10), 212 (8-9), 213 (10).

H

Hipocrisia — 35 (25), 53 (9), 84 (9), 122 (11), 136 (5), 163 (12), 190 (5), 203 (9), 211 (4).
Hospitalidade — 24 (3-4), 207 (19).

I

Igualdade — 27 (14), 73 (3), 78 (1-2), 79 (4).
Imprevidência — 35 (26), 144 (7-8), 127 (14), 139 (2), 199 (17), 301, 313.
Imprudência — 38 (6), 39 (7), 86 (3), 163 (13), 301, 313.
Inconformidade — 121 (7-8), 129 (2), 135 (3).
Incongruência — 53 (7).
Inconstância — 53 (9).
Incorrigíveis — 25 (8), 32 (15), 33 (18), 34 (22-23), 37 (1), 51 (3), 87 (5), 107 (3), 114

(9), 123 (1), 131 (2-3), 133 (10), 136 (6), 145 (7), 156 (18), 177 (13-14-15), 202 (4), 355

Ingratidão — Vide Gratidão. — 25 (7), 28 (3), 71 (22), 89 (13), 105 (5), 121 (7-8), 160 (1), 186 (13), 187 (16), 203 (8), 205 (14-15), 217 (1).

Inimigos — 41 (5), 68 (10).

Injustiças — 23 (1), 34 (21), 36 (28), 46 (16), 47 (1-3), 49 (9), 50 (10), 68 (11), 70 (17-18), 86 (4), 91 (18), 94 (4), 96 (2), 97 (7), 100 (3), 104 (3), 105 (6), 110 (5-6-7), 115 (12), 118 (4), 119 (2), 163 (13), 174 (5), 207 (20), 219 (8), 319.

Inocência — 355.

Insatisfação — 201 (1).

Instintos — 123 (2), 188 (17), 194 (4), 195 (5), 201 (1), 218 (5).

Insultos — 28 (2), 36 (28), 345.

Interesse — 97 (5), 159 (27), 183 (6), 188 (17), 194 (4), 195 (5).

Inutilidade — Vide Trabalhar para aquecer, Esterilidade — 68 (12), 166 (23), 186 (12), 210 (1), 216 (4), 217 (3), 218 (6), 234 (4), 235 (8), 275 (3).

Inveja — 73 (2), 190 (3), 341.

Irmãos — Vide Família.

J

Justiça — Vide Tribunal, Testemunhas — 29 (8), 72 (24), 75 (9), 81 (2), 87 (6), 109 (2), 164 (16), 174 (6), 179 (21), 190 (4), 194 (1), 207 (18), 223 (5), 234 (6).

L

Lagarto — 255 (8).

Leis — 61 (4).

Liberdade — 29 (8), 60 (2), 91 (18), 104 (3), 164 (16), 178 (19), 191 (8), 211 (5), 319.

Lua — 243 (2), 244 (3).

Luz — 277 (8).

M

Macaco — 255 (7).

Mãe — Vide Família.

Mãe — Amor de — 68 (9), 69 (14).

Mafumeira — 262 (12).

Malabarismo — 218 (7).

Maldizentes — 170 (6), 171 (7).

Mandioca — 262 (12-13), 263 (14-15-16-17).

Mão — palma da — 273 (2).

Mar — 243 (1), 244 (4-6).

Martinho (ave) — 256 (12).

Mentiras — 60 (3), 85 (1-2), 98 (10), 113 (5), 204 (11), 215 (1-2).

Milho — 260 (5).

Morte — 16 (3-4-5), 20 (4-5), 27 (14), 29 (8), 45 (12), 56 (4), 73 (3), 74 (4), 75 (8), 78 a 80, 83 (8), 187 (15), 224 (8), 235 (7), 279 (18), 291, 323, 341, 345, 353, 355.

Mosca — 253 (2).

Mulher — Vide Dependência da mulher, Família.

N

Namoro — Vide Casamento — 327, 341, 345.

Nariz — 251 (17).

Nobreza — Vide Chefes.

O

Obediência — 30 (9).

Obras e não palavras — 28 (2-4), 29 (5-7), 33 (19), 37 (2), 55 (2), 56 (4), 58 (5), 104 (2), 137 (10), 157 (21), 173 (1), 223 (6), 224 (7).

Ocasiões — 144 (5).

Ódio — 295, 315, 345.

Oportunismo — 97 (5), 132 (7), 154 (10-11), 226 (15).

Orelhas — 251 (15-16).

Orgulho — Vide Vanglória — 27 (14), 31 (12), 44 (10), 50 (12), 78 (1), 89 (12), 100 (3), 101 (4), 105 (7), 107 (1), 112 (3), 120 (4), 136 (7), 184 (7), 187 (14), 201 (2), 208 (23), 307.

Ovos — 257 (13-14-15).

P

Pais — Vide Família.

Palavras — Vide Obras e não palavras.

Palmeira — Vide Dendém, Vinho de palma — 265 (24), 266 (25-26).

Pálpebras — 247 (1).

Panela — 269 (3), 274 (4), 277 (10-11).

Papagaio — 256 (10).

Passos — 250 (12).

Pedra — 264 (21), 279 (16).

Peitos — 248 (5-6).

Pernas — 249 (7-8-9-10), 250 (11).

Persistência — 27 (15), 29 (6), 32 (16), 53 (8), 119 (1), 206 (16).

Perversidade — 33 (19), 64 (12), 111 (8).

Piolho — 254 (3-4).

Piri-piri — 266 (27-28-29), 267 (30-31-32).

Pobreza — 45 (11-12), 191 (8).

Poligamia — Vide Casamento — 62 (7), 63 (8), 69 (15), 86 (4), 182 (4).
Porco-espinho — 254 (5).
Preguiça — 27 (16), 154 (10-11), 160 (4), 197 (12), 202 (3).
Prepotência — 44 (9), 50 (12), 68 (11), 70 (17), 108 (4), 135 (1-2-4), 207 (20), 211 (6), 217 (1), 291, 295, 301, 307, 309, 319, 325.
Presunção — Vide Orgulho.
Previdência — 42 (3), 94 (5), 112 (1), 124 (3), 128 (15), 164 (17), 167 (24), 177 (16), 189 (2), 194 (2), 202 (5), 204 (11), 207 (19), 226 (14-16).
Prostituição — Vide Casamento — 53 (9), 63 (10-11), 64 (12), 133 (8), 179 (22).
Protecção — 71 (21), 72 (23), 229 (2), 230 (5), 325.
Providência — Vide Destino, Deus — 15 (2), 16 (6), 51 (1), 96 (1), 103 (4), 156 (16-17), 157 (20).
Provocação — 143 (1), 175 (9), 233 (2).
Prudência — Vide Reserva — 19 (1), 26 (13), 35 (27), 36 (29), 42 (3), 43 (6), 45 (14), 52 (6), 62 (7), 63 (8), 77 (3), 87 (5), 91 (19), 94 (5), 98 (9), 99 (11-12), 100 (1), 105 (4-7), 107 (1), 109 (1), 112 (1), 114 (7-8), 115 (10), 117 (1), 124 (4), 131 (1), 136 (5), 143 (1), 153 (6), 158 (23), 160 (2-3), 161 (7), 163 (14), 164 (15-17), 167 (25), 169 (1), 176 (11), 178 (18), 194 (3), 201 (1-2), 203 (6), 207 (19), 216 (6), 217 (4), 236 (9-10), 291.
Pusilanimidade — 124 (5), 125 (7), 127 (13).

Q

Quimeras — 33 (18), 62 (6), 104 (2), 148 (6), 149 (7), 205 (12-13), 208 (22), 212 (7).

R

Recompensa — 24 (6), 67 (6-7), 77 (2), 126 (10), 180 (25), 181 (26-27), 212 (8-9), 213 (10).
Rei — Vide Chefes.
Remorso — 49 (8), 327.
Reserva — Vide Prudência — 35 (27), 36 (29), 38 (6), 39 (7), 99 (11-12-13), 141 (6), 158 (23), 161 (7), 203 (6-9), 216 (6), 217 (4), 236 (9).
Respeito — 144 (4), 192 (11), 309.
Responsabilidade — 57 (1), 103 (5), 190 (3), 197 (11), 216 (3), 224 (10), 225 (12), 229 (1), 230 (4), 345.
Rio — 244 (5-6).
Roubos — 331.

S

Salalés — 269 (1-2-3).
Sarcasmo — 30 (11).
Senso — 148 (3).
Serrote — 280 (21).
Sesse (árvore) — 260 (4).
Sexo — 245 (1-2), 246 (3), 273 (3).
Simplicidade — 315.
Sofrimento — 120 (5), 158 (24), 327, 341.
Sol — 243 (2), 244 (3).
Sorte — 90 (14), 96 (1), 108 (6), 119 (1), 132 (4), 135 (3), 158 (25), 162 (10), 165 (20), 180 (23), 187 (15), 237 (11), 313.
Súbditos — Vide Chefes, Dependência, Escravatura.

T

Talião — pena de — 24 (5), 82 (3), 88 (9-10), 90 (16).
Tecto — Vide Casa — 280 (23).
Teia de aranha — 281 (24).
Temor — 124 (5), 125 (7), 127 (14), 182 (3), 301.
Temperamentos — Vide Feitios.
Tentações — 144 (5).
Terra — 243 (1).
Testemunhas — Vide Tribunal — 22 (9), 74 (7).
Trabalhar — para aquecer — Vide Inutilidade — 41 (5), 46 (16), 47 (1-2), 89 (11), 97 (6), 109 (4), 166 (23), 177 (13-14-15), 219 (8), 315.
Trabalho — 27 (15), 120 (5), 156 (19), 160 (4), 161 (5), 177 (16), 185 (11), 211 (5), 217 (2), 218 (6), 345.
Tradições — 16 (3), 17 (10), 52 (4-5), 55 (2), 79 (5), 93 (1), 112 (2), 127 (13), 132 (5-6), 153 (8), 162 (11), 173 (2), 174 (3-4), 180 (24), 196 (10), 202 (5).
Tribunal — Vide Testemunhas, Justiça — 22 (9), 57 (2), 74 (7), 81 (2), 87 (6), 91 (18), 122 (9), 154 (12), 164 (16), 174 (6), 190 (4), 207 (18), 223 (5), 234 (6).

U

Unhas — 248 (4).
União — 24 (3), 47 (4), 48 (5), 49 (7), 169 (2), 176 (10), 191 (6).

V

Vaidade — 105 (7), 136 (7), 313.
Valor — Valores — 17 (9), 20 (3), 25 (9), 44 (10), 63 (11),

78 (3), 84 (10), 89 (12), 97 (7), 104 (1-3), 109 (3), 114 (9), 118 (3), 122 (9), 140 (5), 144 (4), 148 (3), 151 (1), 155 (13), 162 (8), 173 (2), 174 (3-4), 175 (7), 178 (19), 179 (20), 183 (5), 224 (9), 230 (6), 231 (8), 233 (1), 305, 307.

Vangloria — Vide Orgulho — 136 (7), 140 (4), 184 (7).

Vassoura — 278 (13).

Velhos — Vide Chefes — 32 (17), 55 e 56, 71 (21-22), 72 (23-24), 74 (4), 112 (2), 132 (5-6), 149 (9), 173 (2), 174 (3-4), 180 (24), 183 (5), 184 (8), 189 (2), 190 (3), 196 (8-10), 210 (1).

Vento — 274 (5-6).

Ventre — 247 (3).

Vingança — 307, 319, 325, 331, 335, 339, 345, 353.

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

Pág.

INTRODUÇÃO 7

PROVÉRBIOS

I — Deus 15

II — Sol, lua, estrelas 19

III — Homem:

1.º — Em geral 23

2.º — Cabeça 28

3.º — Coração 37

4.º — Braços 40

5.º — Pernas 42

6.º — Resto do corpo 47

7.º — Vestido 51

8.º — Velhos 55

9.º — Chefes 57

10.º — Casados 60

11.º — Pais, filhos, família 65

12.º — Doentes 73

13.º — Dementes 77

14.º — Morto 78

Pág.

IV — Feitiços 81

V — Feiticeiros 85

VI — Mamiferos:

1.º — Cabra e bode 93
2.º — Cão 96
3.º — Elefante 100
4.º — Esquilo 102
5.º — Macaco 104
6.º — Rato 107
7.º — Leopardo, hiena 109
8.º — Antílope 112

VII — Batráquios: Sapo e rã 117

VIII — Peixes 119

IX — Répteis:

1.º — Serpente 123
2.º — Jacaré e varano 129
3.º — Lagarto 131
4.º — Tartaruga e cágado 135

X — Moluscos: Caracol e conchas 139

XI — Miriápodes: Centopeia 143

XII — Crustáceos: Caranguejo 147

XIII — Aves:

1.º — Em geral 151
2.º — Galinha 160

XIV — Insectos: Formiga, gafanhoto, mosca 169

Pág.

XV — Árvores, plantas, frutos:

1.º — Em geral 173
2.º — Palmeira 182

XVI — Aldeia e casa:

1.º — Em geral 189
2.º — Cozinha 194

XVII — Comida e bebida:

1.º — Em geral 201
2.º — Amendoim 210

XVIII — Utensílios:

1.º — Espingarda 215
2.º — Enxada, machado, faca 217

XIX — Objectos de música 221

XX — Barco 229

XXI — Diversos temas 233

ADIVINHAS

I — Céu, terra, mar, estrelas 243

II — Criança antes de nascer 245

III — Corpo humano 247

IV — Animais, insectos, aves 253

V — Árvores, plantas, frutos 259

VI — Salalé 269

VII — Caminho 271

VIII — Coisas impossíveis 273

IX — Diversos temas 275

FÁBULAS

Pág.

I — O leopardo «morto» e a gazela 291

II — O leopardo «doente» e a gazela 295

III — O leopardo faminto e o antílope 301

IV — O cão e o trovão 303

V — O pássaro e o elefante 305

VI — A tartaruga, o elefante e a baleia 307

VII — O Rei, os criados e as tartarugas 309

VIII — A tartaruga, a águia, o caracol e o caçador . . 313

IX — A tartaruga e o porco-espinho 315

X — O homem, a mulher com a sua plantação e a alma do outro mundo 319

XI — O homem, a mulher e as almas do outro mundo, amantes de vinho 323

XII — As raparigas e a alma do outro mundo 325

XIII — A mulher e a alma do outro mundo com quem casou 327

XIV — O homem, as duas mulheres e o peixe 331

XV — O homem, a mulher e a comida 335

XVI — O homem e o macaco 339

XVII — A noiva e os três namorados, ausentes na Europa 341

XVIII — A menina e os pretendentes 345

XIX — O pai assassino e a vingança dos filhos 353

XX — O pai assassino e o filho de bom coração . . . 355

ÍNDICE IDEOGRÁFICO 359

ÍNDICE IDEOLÓGICO 371

Gráfica Imperial, Lda. — Lisboa